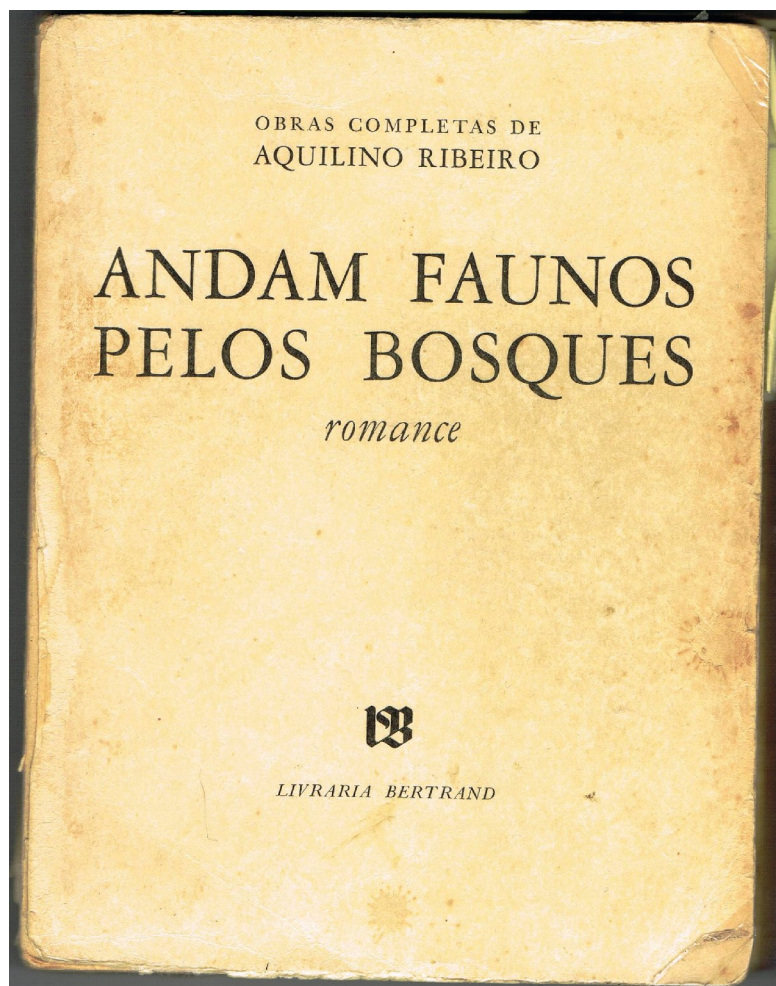




UNIVERSIDADE ABERTA

MESTRADO EM ESTUDOS PORTUGUESES MULTIDISCIPLINARES



DO REGIONALISMO AO UNIVERSALISMO

UMA LEITURA DE *ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES* DE AQUILINO RIBEIRO

Orientadora: Doutora Maria do Rosário Lupi Bello

Mestranda: Ana Luísa Miranda dos Santos Costa Cordeiro

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Universidade Aberta, por me ter proporcionado a oportunidade de concretizar um objectivo há muito perseguido; às Professoras que me acompanharam no decurso da Pós-Graduação e à Professora coordenadora do Mestrado, pelo cuidado e atenção dispensados; à Professora que me orientou na realização do presente trabalho, pelos esclarecimentos e apoio prestados; aos colegas e amigos, pelas palavras e gestos de incentivo e aos meus familiares, mãe, marido e filha, sem os quais este projecto não teria chegado ao fim.

Torres Vedras, 15 de Novembro de 2009

Resumo: Tradicionalmente considerado escritor regionalista, Aquilino Ribeiro viu, frequentemente, a sua obra ficcional classificada sob o mesmo rótulo. Em prefácios e outras intervenções, o escritor pronunciou-se sobre a «escola regionalista» em Portugal, defendendo que pelas perspectivas linguística e etnográfica não se poderia concluir relativamente à sua existência e que a escola não se definia pelo lugar geográfico.

A acção de um dos romances preferidos do escritor, *Andam Faunos pelos Bosques*, decorre no seu espaço de eleição, a serra da Nave, e as personagens são os habitantes das aldeias montesinhas, cuja vivência é perturbada por assaltos à pureza das jovens casadoiras perpetrados por entidade ambígua. A reacção das populações aos acontecimentos, que proporciona a observação de vivências e tradições, hábitos e crenças, ocasiona a emergência de novo lugar no horizonte serrano, permitindo constatar a existência de coordenadas que ultrapassam o universo regional.

Abstract:

Traditionally considered a regionalist writer, Aquilino Ribeiro's fictional works have often been classified as regionalist as well. The writer exhibited his point of view about regionalism in Portuguese literature in several essays, claiming that under linguistic and ethnographic perspective there is no such school.

The action of *Andam Faunos pelos Bosques* takes place in serra da Nave and the characters are peasants, whose lives were troubled on account of an ambiguous being attacks upon the virginity of young country women. The population reactions show customs and traditions, beliefs and habits, giving birth to a new village in the mountains and revealing features that go beyond regionalism.

«Muito divago sobre a missão do escritor. [...] Que realize o mundo de beleza que traz em si, e é já alguma coisa. Quanto ao mais, que seja o que lhe apetecer, desde que não arme em fariseu, e não esteja nunca contra os simples, de braço dado com os trifulhas, nem contra os fracos de braço dado com os poderosos.»

Aquilino Ribeiro, Solilóquio

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I.....	8
1. Aquilino Ribeiro – O escritor e a obra.....	8
CAPÍTULO II.....	15
1. O Regionalismo na Literatura.....	15
2. Aquilino Ribeiro e o Regionalismo.....	19
CAPÍTULO III.....	26
1. Andam Faunos pelos Bosques.....	26
2. Espaço.....	31
3. Personagem colectiva – O Povo.....	39
4. Personagens femininas.....	50
5. Personagens masculinas.....	58
6. Acção.....	73
CAPÍTULO IV.....	78
1. Linguagem.....	78
2. Contornos da vivência retratada.....	82
3. Regionalismo/Universalismo.....	84
CONCLUSÃO.....	87
BIBLIOGRAFIA.....	89

INTRODUÇÃO

A perplexidade decorrente da leitura, realizada há anos, de *Andam Faunos pelos Bosques*, título particularmente sugestivo considerando a faceta de andarilho de fugas e exílios do seu autor, explica o assunto do presente trabalho. O facto de ser considerado um escritor mal amado, propositadamente esquecido ou, como afirma José Saramago, um *desmancha-prazeres* não constituiu óbice. Pelo contrário, os rótulos poderiam, quando muito, espicaçar a curiosidade, na tentativa de lhes encontrar fundamento. O entrave ao estudo da obra de Aquilino Ribeiro assentará, fundamentalmente, na sua exuberância verbal, no eclético recrutamento vocabular onde abundam construções de sabor popular e lexemas regionais, arcaísmos, neologismos e estrangeirismos que dificultam o acesso ao universo ficcional.

A conotação da sua obra com as gentes e terras da Beira – retrato do beirão num determinado momento da sociedade beirã – e, conseqüentemente, com uma escrita datada, podendo funcionar como aspecto inibidor, suscitou, no entanto, um acréscimo de curiosidade, corroborada pelas palavras do autor no prefácio - dedicatória da obra

Vou descer à urbs, depondo a pena que a crítica suficiente classificou de regionalista. Em verdade, se regionalista é ter descrito outra coisa que não Lisboa, não reclamo melhor diploma. [...] A quem chamar este livro de regionalista direi, pois, que me não molesta, mas que tenho por viciado o prisma mediante o qual divisa o fenómeno literário. (Aquilino Ribeiro, 1962: 11).

Formularam-se, então, algumas questões que ditaram o rumo da investigação, às quais se procura responder - Que traços caracterizam a vivência rural emergente em *Andam Faunos pelos Bosques*?; Tratar-se-á apenas das terras e gentes da Beira?; A vivência rural retratada estará geograficamente circunscrita?; O homem recortado corresponderá apenas ao beirão?; Que crenças, usos e valores o norteiam?; Que tensões pautam o seu quotidiano?; Que objectivos persegue?.

Afastando etiquetas que enviesam o olhar e a influência de leituras holísticas, procurou analisar-se o universo plasmado na obra com o fito de responder às questões formuladas. Assim, num primeiro momento é delineado o percurso biográfico do escritor, de forma a verificar as suas raízes, trajectórias e diversas formas de intervenção, alinhando-se também algumas obras que permitam uma visão de conjunto da sua vasta e heterogénea produção.

A segunda parte centra-se no regionalismo, procurando detectar manifestações regionalistas na literatura portuguesa e as oscilações do pensamento de Aquilino Ribeiro face a esta tendência literária.

A terceira parte incide no universo construído em *Andam Faunos pelos Bosques*, observando espaços e gentes nos seus contornos e interacções, esquadrihando-se gestos quotidianos, crenças e valores em manifestações individuais e colectivas.

Na quarta parte, após uma breve incursão por factos linguísticos peculiares, procurou sintetizar-se os contornos das vivências retratadas e apurar-se sentidos mais amplos para as «andanças» encenadas nos caminhos serranos.

A tessitura verbal, os motivos clássicos e o registo irónico avultam entre os aspectos pressentidos em *Andam Faunos pelos Bosques* que justificariam, pela sua exuberância e variedade, olhares mais atentos e exploratórios mas que ultrapassam o objectivo do presente trabalho.

CAPÍTULO I

1. Aquilino Ribeiro – O escritor e a obra

Muito se tem escrito sobre a vida e a obra de Aquilino Ribeiro, no entanto muito se poderá ainda fazer, atendendo à inexistência de uma biografia que dê conta da sua dimensão humana e literária. A breve resenha que a seguir se apresenta pretende alinhar apenas alguns acontecimentos da sua biografia bem como alguns títulos da sua vasta obra literária, incluindo, de caminho, a referência a algumas facetas da sua personalidade.

De acordo com o testemunho do autor, a sua vocação de escritor ter-se-á manifestado bem cedo, quando o professor de Português, um velho clérigo, pediu aos alunos que escrevessem um diálogo entre uma abelha e um piano. Fascinado pelo tema, elaborou o seu trabalho que, como recorda no Solilóquio, «Foi lido na aula e elogiado pelo velho eclesiástico como uma revelação.», acrescentando «E foi assim que um rapazito se deitou ao pego!»¹.

Nascido em Carregal de Tabosa (concelho de Sernancelhe) em 1885, aos dez anos de idade acompanhou os pais, que se mudaram para Soutosa, na Nave. No seu percurso escolar, assinala-se, após permanência no Colégio da Senhora da Lapa, a passagem por Lamego e, de seguida, por Viseu, onde estudou Filosofia por pouco tempo, dirigindo-se depois para o Seminário de Beja, de onde foi expulso por ter replicado a uma acusação que considerou injusta. Assim, tendo concluído apenas o primeiro ano de Teologia, dirigiu-se a Lisboa, regressando depois à Soutosa, onde permaneceu mais de um ano, aproveitando o tempo para estudar espaços

¹ Manuel Mendes, *Aquilino Ribeiro – A Obra e o Homem*, p. 64.

e gentes. Deambulando por serras e povoações, frequentando feiras e romarias, recolheu o linguajar típico, absorveu a cultura, contactou com a alma do homem rude e instintivo, numa escola de vida que lhe dará o ensejo para a redacção de obras de cariz regionalista. Várias são as obras ficcionais associadas ao período juvenil do escritor, desde *A Via Sinuosa* a *Uma Luz ao Longe*, observando-se em *Um Escritor Confessa-se* o registo das memórias desse tempo.

Em Lisboa, para onde foi residir em 1906, dedicou-se à escrita de artigos de opinião, à tradução e à redacção, em parceria, do folhetim *A Filha do Jardineiro*, ficção em que alia a propaganda republicana à crítica a figuras do regime monárquico.

Aderindo por completo à causa republicana, foi preso na sequência da explosão de caixotes de explosivos que ocorreu no seu quarto, à Rua do Carrião, e que vitimou dois correligionários. Encarcerado na Esquadra do Caminho Novo, evadiu-se, vivendo escondido durante algum tempo em Lisboa antes de partir para Paris, abandonando então «Esse porto seguro que era a religião e a Monarquia»² como sintetizava o senhor padre-mestre de *Lápides Partidas*.

Permaneceu em Paris desde 1908 até à eclosão da 1ª Guerra Mundial, tendo-se entretanto deslocado a Portugal após a proclamação da República. Frequentou na Sorbona a Faculdade de Letras, onde recebeu a lição de mestres como Lalande, Levy Bruhl e Durckheim e contactou com intelectuais portugueses, refugiados em França também por motivos políticos. O curso de Filosofia, a política, os projectos editoriais e as crónicas que foi enviando para Portugal ocupavam-lhe o tempo, que ainda se repartiu pela escrita do livro de contos *Jardim das Tormentas*, publicado em 1913, ano em que se inscrevera no 4º ano do curso e também casara com Grete Tiedemann, sua primeira mulher.

Devido à guerra, foi forçado a regressar a Portugal, não terminando o curso de Filosofia. Em Lisboa, a par da escrita ficcional e cronística, leccionou no liceu Camões, assumindo em 1919 o cargo de segundo bibliotecário na Biblioteca Nacional. Este cargo permitiu-lhe alimentar o gosto por livros antigos possibilitando, também, a realização de trabalhos de investigação e, paralelamente, a integração no grupo de intelectuais conhecido por «Grupo da Biblioteca». Considerado «Um grupo de intelectuais altamente representativo da mentalidade do tempo»³,

² Aquilino Ribeiro, *Lápides Partidas*, p. 264.

³ Manuel Mendes, *Aquilino Ribeiro – A Obra e o Homem*, p. 38.

que integrava alguns escritores de nomeada, a ele se ficou a dever o início da publicação da revista «Seara Nova», bem como de outras revistas, «Homens Livres» e «Lusitânia» e, em especial, do «Guia de Portugal». Correspondendo a um roteiro do país, este guia, que contou com a colaboração de Aquilino e visava inventariar as obras de arte nacionais bem como constituir uma antologia da literatura pitoresca, manteve-se como obra de referência.

Homem de acção, em 1927, Aquilino tomou parte na revolta contra a ditadura militar, instaurada na sequência do golpe de 28 de Maio de 1926, sendo obrigado a fugir à perseguição de que foi alvo, refugiando-se primeiro na Beira Alta e depois em Paris. No final do ano regressou clandestinamente a Portugal, sendo preso pela participação numa acção do movimento do Regimento de Pinhel contra o governo.

Encarcerado em Viseu, conseguiu evadir-se e, escondendo-se pelas serranias beirãs, refugiou-se novamente em Paris, onde se casou em segundas núpcias com a filha do ex-Presidente da República, Bernardino Machado, e onde em 1930 escreveu *O Homem que Matou o Diabo*, em que descreve situações picarescas provavelmente inspiradas na sua fuga de Viseu. Em 1931 foi viver com a família para a Galiza e no ano seguinte entrou clandestinamente em Portugal sendo depois, devido ao reconhecimento público da sua obra, amnistiado pelo governo. Entretanto, na década de vinte, publicara obras emblemáticas: *Andam Faunos pelos Bosques* (1926) e *O Malhadinhas*, inicialmente incluído no volume de novelas *Estrada de Santiago* (1922), tendo publicado em 1919 o romance *Terras do Demo*.

Residindo definitivamente em Portugal, dedicou-se à escrita, continuando a produção ficcional e ensaística, o trabalho de tradução e a colaboração na imprensa. A consciência política e cívica que o impulsionou desde a juventude continuou a animá-lo, ditando a participação em acções críticas da ditadura salazarista, a adesão ao Movimento de Unidade Democrática, o apoio à campanha presidencial de Norton de Matos assim como a militância na candidatura de Humberto Delgado à presidência da República.

O tempo acumula-lhe o prestígio de grande figura das letras: no Brasil recebeu as mais altas homenagens de escritores e de homens públicos; em França, a crítica consagrara-o com a publicação de *Maria Benigna*; em 1956 fundou a Sociedade Portuguesa de Escritores de que foi presidente; em 1958 foi eleito sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e em 1960 a sua candidatura ao Nobel da Literatura foi subscrita por artistas, homens públicos e destacados nomes da literatura portuguesa. Anteriormente, em 1958, depois da publicação de *Quando os*

Lobos Uivam, romance em que defende as populações serranas e a manutenção dos direitos tradicionais aos baldios, assistiu à apreensão da obra e à instauração de um processo judicial. Estas represálias desencadearam uma vigorosa contestação por parte de cerca de trezentos intelectuais portugueses, bem como pressões internacionais: uma petição em defesa de Aquilino, redigida por François Mauriac e assinada por André Maurois e Louis Aragon, foi publicada na imprensa francesa, resultando esta onda de protestos no arquivamento do processo, na sequência de uma amnistia.

A morte do escritor ocorreu em 1963, pouco depois de uma viagem ao Porto onde fora homenageado pelos cinquenta anos de trabalho literário. Tendo adoptado como *ex-libris* «Alcança quem não cansa», lema em perfeita consonância com a tenacidade e o empenho que o caracterizaram, escolheu para seu epitáfio a expressão «Mais não pude», assim sintetizando um percurso pautado pela infatigável intervenção.

Participando activamente na vida social do país, democrata frontal, Aquilino Ribeiro sofreu três exílios, participou em outras tantas conspirações, andou a monte, viveu na clandestinidade e, defensor intransigente de certos valores e direitos civis, foi um dos «homens fortes» na oposição ao regime salazarista.

Em cinquenta anos de carreira literária – 1913, *Jardim das Tormentas*, 1963, *Casa do Escorpião* – Aquilino Ribeiro legou-nos uma obra variada e rica em temas, géneros, estruturas narrativas e estilo, mais de meia centena de obras, que o colocam entre «Os dois ou três escritores mais importantes»⁴ do século passado, como afirma Óscar Lopes. A produção do escritor inclui obras de ficção, de ensaio, de teatro e de crónica, textos memorialísticos, de biografia e autobiografia, de erudição e de polémica, traduções, livros para adultos e crianças, não havendo consensos quanto à sua inserção em escolas ou movimentos.

Tomando à letra as palavras do autor no prefácio-dedicatória de *Andam Faunos pelos Bosques*, «Vou descer à urbs, depondo a pena que a crítica suficiente classificou de regionalista.»⁵, houve quem estruturasse a sua obra em dois grandes ciclos, proposta considerada simplista pois o escritor não cumpriu a intenção enunciada nos dois romances seguintes – O

⁴ Óscar Lopes, *5 Motivos de Meditação*, p. 225.

⁵ Aquilino Ribeiro, *Andam Faunos pelos Bosques*, p. 11.

Homem que Matou o Diabo (1930) e *Batalha Sem Fim* (1931), fazendo-o apenas em *Maria Benigna*, editado em 1933.

O autor abordaria temas regionais em obras subsequentes ao suposto final do primeiro ciclo, assumindo um regionalismo com novos contornos, como observa Henrique Almeida⁶. Inaugurou a sua carreira literária o volume de contos *Jardim das Tormentas* (1913), que foi redigido em Paris onde encontrou clima propício para dar início à escrita. Prefaciado por Carlos Malheiro Dias, adversário político do autor mas voz admirada no cenário literário português, este volume de estreia foi recebido com agrado pela crítica portuguesa. No referido prefácio, Malheiro Dias anuncia o jovem escritor como um admirável artista e incita-o à fixação em assuntos regionais da Beira serrana. Na verdade, o livro concentra já o elenco dos temas a tratar pelo escritor, como em *Abóboras no Telhado, Crítica e Polémica*. Aquilino afirma: «O Jardim das Tormentas era como que o elenco dos temas a versar. Um programa.»⁷. Assim, *A Via Sinuosa* (1918), *Terras do Demo* (1919) e *O Malhadinhas*, novela inicialmente incluída em *Estrada de Santiago* (1922), ampliam a inspiração regional beiroa, enquanto em *Andam Faunos pelos Bosques* (1926), ampliação do conto «O Derradeiro Fauno», incluído em *Filhas da Babilónia* (1920), concilia a observação de costumes com a sátira anticlerical.

Romance escrito durante a Primeira Guerra Mundial, *A Via Sinuosa*, correspondeu a «Uma pedra atirada ao charco das rãs galicistas»⁸ segundo o autor que, ao referir-se ao seu primeiro êxito literário e editorial, se orgulhava de com a referida “pedrada” se ter passado a olhar para a natureza, regressando-se ao Português no seu sabor nativo. Com *Terras do Demo*, ao procurar dar a conhecer a genuinidade do universo serrano e do homem que o habita, sem ignorar a crueldade da sua miséria e avareza, bem como a intensidade dos seus sentimentos, Aquilino Ribeiro acabou por crismar aqueles lugares incrustados na serra da Nave, constituindo a obra, nas palavras do seu autor «Um auto de vita et moribus duma fracção da humanidade portuguesa, ignota, terrível, heróica e mesquinha, pungida pelo drama da existência.»⁹.

⁶ Cf. Henrique Almeida, *Aquilino Ribeiro e a Crítica*, pp. 123-124.

⁷ Aquilino Ribeiro, *Abóboras no Telhado*, p. 72.

⁸ Idem, p. 33.

⁹ Idem, p. 73.

No âmbito da ficção aquiliniana, outras obras retratam o homem rural envolvido no seu meio: *O Homem que Matou o Diabo* (1930); *o Servo de Deus e a Casa Roubada* (1940); *Quando os Lobos Uivam* (1958), entre outras. Paralelamente, Aquilino redigiu artigos de etnografia, geografia humana, história e sociologia: *Aldeia (terra, gente e bichos)* (1946); *Geografia Sentimental (história, paisagem, folclore)* (1951); *O Homem da Nave (serranos, caçadores e fauna vária)* (1954); *Os Avós dos Nossos Avós* (1942); bem como alguns capítulos de *Arcas Encoiradas (estudos, opiniões, fantasias)* (1953). *Quando os Lobos Uivam* é igualmente apontada, em conjunto com *Volfrâmio* (1943), como uma das obras deliberadamente voltada para as circunstâncias históricas, representando um aumento da confiança na capacidade de organização popular.

A experiência pessoal do autor, decorrente da vida recheada de aventuras, mais ou menos romanceada, inspirou a escrita de romances e outros textos. Este facto, que já tinha sido observado e originara um acentuado pendor autobiográfico da crítica, motivou a intervenção de Aquilino Ribeiro, alertando para os limites da identificação. Profundo conhecedor da obra do escritor, Óscar Lopes¹⁰ propõe um alinhamento que traça um continuum vivenciado pelo autor, desde a infância até à maturidade: *Cinco Réis de Gente e Uma Luz ao Longe* seriam romances inspirados na infância e adolescência; *A Via Sinuosa, Lápides Partidas, Leal da Câmara e Filhas de Babilónia*, corresponderiam a romances e memórias da juventude anterior ao casamento; *É a Guerra e Alemanha Ensanguentada* constituiriam diários de guerra de um jovem recém-casado, enquanto *O Homem que Matou o Diabo, Domingo de Lázaro, Mónica e O Arcanjo Negro* constituiriam transposições de vivências políticas ou familiares ocorridas na maturidade. Postumamente, foi publicado o livro de memórias *Um Escritor Confessa-se* (1974).

Como biógrafo, Aquilino Ribeiro feriu a sensibilidade de alguma crítica pelo tratamento que conferiu a figuras que o inconsciente colectivo e o nacionalismo pátrio tinham como impolutas. Entre os estudos biográficos contam-se os com incidência na crítica histórico-literária: *Camões, Camilo, Eça e Alguns Mais* (1949), *Luís de Camões, Fabuloso-Verdadeiro* (1950) e *O Romance de Camilo* (1957); os ensaios sobre personalidades da História de Portugal, *Príncipes de Portugal. Suas Grandezas e Misérias* (1952); *Portugueses das Sete Partidas* (1951);

¹⁰ Cf. Óscar Lopes, *Entre Fialho e Nemésio – Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*, p. 370.

Anastácio da Cunha, o Lente Penitenciado (1936) e *Constantino de Bragança, VII Vizo-rei da Índia* (1947).

A redacção de obras de literatura infantil ocorreu após o nascimento do primeiro filho: ao *Romance da Raposa* (1924) sucede *Arca de Noé III Classe* (1936) seguindo-se o *Livro de Marianinha (lengalengas e toadilhas em prosa rimada)*.

Ficaria incompleto o alinhamento da produção de Aquilino Ribeiro sem a referência às traduções – de clássicos gregos e de Cervantes – que levou a cabo e se caracterizaram não pela literalidade, mas pela actualização dos originais.

CAPÍTULO II

1. O Regionalismo na Literatura

Os espaços regionais foram referidos na literatura portuguesa desde muito cedo, embora nem sempre os autores, de Gil Vicente à actualidade, tenham tido o objectivo de os revelar e nobilitar.

Gil Vicente, por exemplo, seleccionou a Beira como espaço da *Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela* e a mesma região figura em títulos como *Juiz da Beira* e *Clérigo da Beira*. No entanto, os pastores e outras personagens associadas ao espaço beirão são caracterizados pela boçalidade e pelo primitivismo, em contraponto com os membros da corte. Personagens cómicas, são ridicularizadas, apresentando Gil Vicente a Beira como protótipo da rusticidade, assim se distanciando da perspectiva regionalista.

Poetas como Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, António Ferreira e Rodrigues Lobo, inspirados em modelos clássicos, celebraram rios e espaços adjacentes. Os modelos consignavam também traços do ambiente a criar, construindo uma *aurea mediocritas*: ribeiras de águas claras e suaves que deslizam entre verdes campos, flores e penedos são frequentes, mas raramente espelham a realidade paisagística regional.

A demanda da ruralidade assume-se, frequentemente, como crítica à artificialidade da vida cortesã, a que se opunha a vida nas serras, caracterizada pela autenticidade, liberdade e segurança. Recorde-se Sá de Miranda e as élogos redigidas no seu retiro campestre ou, mais recentemente, Pascoaes, isolado no seu solar em Sátão, para se dedicar à meditação e à criação poética.

As referidas alusões a espaços rurais, associadas a tendências da época não assumiram, porém, o carácter de movimento ou corrente de valorização do folclore e da literatura popular, que na segunda metade do século XIX ocorreria.

Entre os modernos, Almeida Garrett foi pioneiro na valorização do património popular, recolhendo testemunhos, compilando-os e utilizando elementos populares como matéria-prima da sua produção literária. *Viagens na Minha Terra* representam o percurso de Lisboa a Santarém, com paragens pelo Cartaxo e Azambuja, revelando recantos paisagísticos, monumentos e outros aspectos sobre a terra e a sua gente. Não obstante esta focalização, não reside no espaço regional o interesse imediato do narrador, correspondendo antes a pretexto para exhibir erudição e raridade de sentimentos.

Alexandre Herculano e Júlio Dinis também trataram espaços regionais. Herculano delineou figuras e quadros com traços pouco realistas, sendo a linguagem dos aldeões predominantemente popular. Júlio Dinis nos seus romances minhotos, *As Pupilas do Senhor Reitor* e *A Morgadinha dos Canaviais*, ou não apresenta topónimos, nem descreve paisagens que permitam localizá-las nesta província, ou os costumes, tipos humanos e natureza retratados não são especificamente característicos da região.

Embora tenha localizado a acção de muitas das suas obras em províncias como Trás-os-Montes, Minho, Douro e Beira, Camilo Castelo Branco apresentou esses espaços fundamentalmente como elementos ao serviço da narrativa, meios de conferir verosimilhança aos factos narrados.

Nos finais do século XIX, um conjunto de situações suscitou o crescente interesse pelos espaços rurais. O desenvolvimento industrial foi responsável pela criação de zonas fabris, por novos ritmos e padrões de vida dos agregados populacionais das cidades, congestionadas também em consequência do aumento das migrações. Surgiu uma nova era de profundas mudanças sociais, geradoras de instabilidade, tensões e insegurança. As atenções dirigiram-se, então, para os espaços rurais, reconhecendo, por um lado, que o país poderia valorizar-se através do melhor aproveitamento dos seus recursos naturais e procurando, por outro, espaços que permitissem a conservação da identidade individual e colectiva numa sociedade em mudança. Acontecimentos como o Ultimatum Inglês (1890) e o tricentenário da morte de Camões reavivam sentimentos nacionalistas que favorecem a celebração da terra, da língua e história pátrias. Estribados nestas fontes de inspiração, neogarretistas apresentam uma visão idílica do espaço rural, paraíso perdido onde é possível vislumbrar um Portugal ancestral, ainda que se

observe, na sequência do racionalismo literário finissecular uma visão diferenciadora do espaço português.

No início do século XX, a influência de movimentos regionalistas europeus, através da divulgação da obra de teorizadores e de homens de letras, principalmente franceses, fez-se sentir em Portugal muito graças à acção do Integralismo Lusitano.

Iniciado em 1913 e integrando personalidades como António Sardinha e Hipólito Raposo, o movimento procurava a restauração da monarquia, bem como a revalorização das instituições como a família, a paróquia, o município e a província e, defendendo os ideais da descentralização e do regionalismo literário, os integralistas incitavam os artistas a descobrir e divulgar as gentes, paisagens e tradições regionais.

Hipólito Raposo (cujas obras são referenciadas por Óscar Lopes e António José Saraiva a propósito do regionalismo beirão) e António Sardinha, entre outros defensores do Integralismo, tentam glorificar literariamente as regiões que elegem, em prosa, verso e texto dramático, embora as concretizações fiquem aquém da teorização proposta, devido a imprecisões geográficas, que se traduziram em escassa representatividade local.

Em 1920, o «Diário de Notícias» organizou um inquérito em que questionava um grupo de escritores portugueses sobre o panorama literário de então, o seu passado e hipotético futuro, insistindo no movimento regionalista. Os inquiridos, entre os quais se encontravam escritores de diversas correntes literárias como Hipólito Raposo, Lopes de Mendonça, Lopes Vieira, António Sardinha e Aquilino Ribeiro, manifestaram, na sua maioria, opiniões favoráveis ao regionalismo, salientando Augusto França¹¹ as intervenções de Aquilino Ribeiro e de Jaime Cortesão, entre outros. Enquanto Aquilino Ribeiro, contextualizando o questionário na crise nacional, colocava a tónica no regresso às fontes da língua e da raça, Cortesão, levando a literatura a responsabilidades universais que a guerra estabelecera e desafiara, via no regionalismo o «Começo de uma nova era da humanidade, uma forma verdadeira do nacionalismo».

Entre múltiplas abordagens e no cruzamento de diversos princípios orientadores estava criada a tendência literária regionalista, revolvendo ambientes e tipos humanos característicos das áreas regionais, fomentando o estudo de usos e costumes, da dialectologia, do cancionário e do adagiário.

¹¹ Cf. José Augusto França, *Os Anos Vinte em Portugal*, p. 127.

De facto, o movimento regionalista cativava um vasto conjunto de escritores, independentemente de princípios políticos por eles perseguidos e linhas estéticas orientadoras. Aquilino Ribeiro, que viria a integrar o Grupo da Biblioteca Nacional cujos membros valorizavam as realidades regionais, tal como comprova o *Guia de Portugal* publicado sob a direcção de Raul Proença, e que assumiu uma posição discordante da ideologia integralista, deu a lume, em 1919, o romance *Terras do Demo*, já considerado a primeira obra regionalista na literatura portuguesa.

Observando a produção literária da primeira metade do século XX, atendendo à representação do espaço e relevo conferido às regiões, seus aspectos geográficos, socioculturais e linguísticos, poderá constatar-se a existência de um conjunto particularizado de obras que configuram uma corrente regionalista, na opinião de Evelina Verdelho¹². Esta investigadora fez incidir a sua análise em romances produzidos por vários autores entre 1917 e 1949 e contemplando diversas regiões, desde o Alto Minho ao Algarve, passando por Trás-os-Montes, Alto Douro, Beiras e Alentejo. A selecção dos autores levada a cabo pela investigadora, caracterizada pela inclusão de nomes pouco celebrados no panorama da literatura portuguesa e pela ausência de autores consagrados como Namora, Redol, Ferreira de Castro e Torga, em cujas obras se observa a representação de aspectos humanos, paisagísticos e linguísticos inerentes a determinadas regiões, é justificada pelo objectivo de aceder ao maior número possível de informações que permitissem a descrição da corrente regionalista.

Contra uma representação idílica da ruralidade, tal como surge na literatura pitoresca de António Correia de Oliveira e de Augusto Gil, entre outros, se insurgem entre os anos 30 e 40, vozes afectas ao Neo-Realismo. A crítica neo-realista à representação edénica do espaço rural salienta a falsidade da visão romântica do homem do campo, denunciando a miséria moral e social e proclamando a necessidade de o olhar que incide nesse espaço estar liberto da metáfora de uma natureza benigna.

Ainda que da ficção rural neo-realista tenha restado a visão da pobreza, da fome, da revolta desesperada e da opressão, a verdade é que a representação da ruralidade acolheu significações mais complexas, decorrentes do envolvimento humano e histórico – recordemos, a título de exemplo, o Alentejo de Manuel da Fonseca e a Gândara de Carlos de Oliveira.

¹² Cf. Evelina Verdelho, *Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português*, p. 218.

O apelo da terra não deixou de seduzir os escritores dos nossos dias, sentindo alguns, em determinados momentos, a necessidade de regressar ao campo, em busca de raízes, memórias de infância ou um qualquer sentido perdido. Recorde-se, a título de exemplo, o regresso de Eugénio de Andrade à Beira em *Poesia, Terra de Minha Mãe* e de José Saramago ao Ribatejo em *As Pequenas Memórias*.

2. Aquilino Ribeiro e o Regionalismo

A imagem tradicional de Aquilino Ribeiro é a do escritor regionalista, epíteto empobrecedor considerando a vasta e polifacetada obra do escritor beirão. De facto, esta imagem cristalizada dificilmente poderá caracterizar uma personalidade literária cuja obra compreende textos de ficção (romance, novela, conto e teatro), textos ensaísticos e etnográficos, crónicas jornalísticas, biografias e memórias.

Afirma Henrique Almeida que *Terras do Demo* foi o romance que mais contribuiu para lhe conferir o epíteto de escritor regionalista¹³, no que é corroborado por Urbano Tavares Rodrigues «Foi esse o romance que sobre Aquilino atraiu a cómoda crítica de que ele era um escritor provincial e indecifrável, usando só para si a fala do povo beirão, salpicada de modismos e mistérios.»¹⁴. Apontado pelo próprio autor em entrevista como um dos seus livros mais estimados, «*Terras do Demo* pelo mais enfronhado na natureza local»¹⁵, para a sua leitura crítica como obra regionalista contribuíram as palavras de Aquilino no prefácio-dedicatória a Carlos Malheiro Dias, ao reportar-se ao espaço e ao ambiente, «Aldeias montesinhas que moram nos picotos da Beira, olham a Estrela, o Caramulo, a cernelha do Douro e, ao norte, lhes parece gamela emborcada o Monte Marão.», «Bárbaras e agrestes mercê apenas do seu individualismo

¹³ Cf. Henrique Almeida, *Glossário Aquilino – Introdução ao Estudo da Linguagem de um “Escritor Regionalista”*, p. 12.

¹⁴ Urbano Tavares Rodrigues, *A Horas e Desoras*, p. 22.

¹⁵ Aquilino Ribeiro em entrevista concedida a Aurélio P. Martins, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº167, 1985.

se têm mantido, sem perdas nem lucros, à margem da civilização»¹⁶; às gentes, «uma grei não mareada dos vícios brilhantes e virtudes postiças do século»¹⁷; acrescentando ainda quanto à linguagem «Estilizei, como não, pela necessidade de fugir à melopeia e à pouca extensão do dizer popular: mas o meu léxico é o deles; as minhas vozes ouvi-lhas.»¹⁸.

Efectivamente, Aquilino conhecia aquelas aldeias serranas, as suas gentes e os seus falares, pois nascera e fora criado na Beira, pelo que algumas vezes críticas da sua obra o encararam como o provinciano que se limitava a descrever a realidade física e humana ao alcance dos seus olhos, o que o autor de certo modo autorizava ao declarar «Sou mais cronista que carpinteiro de romance.»¹⁹, reconhecendo, também, a propósito da literatura regionalista «Que é uma arte de contracção, suspendendo o espírito em seu voar ou entranhar-se na análise.»²⁰. Neste prefácio-dedicatória, que Henrique Almeida considerou «“manifesto” em defesa do regionalismo»²¹, Aquilino concorda com o que se afirmava sobre a literatura regionalista, quanto ao seu efeito no público, apontando-lhe carências «Dizem que a literatura regionalista é uma especulação toda de generosidade, sem galardão do público. De acordo; não se lê com esperto e empolgante apetite; carece de nervo, de transporte intelectual, de finura estética que o gosto moderno espera de um drama da cidade.»²². Não obstante, o escritor tinha um propósito «Descer a arte sobre a bronca, fragrante e sincera Serra, e, em certa medida, activar o desquite entre a nossa Língua e essa literatura desnacionalizada, francizante, de que se atulha a praça.»²³ e a ele se cingiu utilizando um registo linguístico singular e conferindo importância tal ao espaço geográfico que o título da obra cognominou uma vasta região.

¹⁶ Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, p. 5.

¹⁷ Idem, p. 9.

¹⁸ Idem, p. 6.

¹⁹ Id., ibid.

²⁰ Idem, p. 7.

²¹ Henrique Almeida, *Aquilino Ribeiro e a Crítica*, p. 26.

²² Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, p. 7.

²³ Id., ibid.

Aquilino Ribeiro pronunciou-se sobre o regionalismo no prefácio de outras obras – *Andam Faunos pelos Bosques*, *O Servo de Deus* e *a Casa Roubada* - ; em *Abóboras no Telhado* e no Solilóquio autobiográfico que Manuel Mendes publicou. Clássico da bibliografia passiva aquiliniana, esta obra inclui a recolha de uma série de depoimentos de Aquilino sobre questões estéticas, linguísticas, literárias e biográficas, bem como uma colecção de excertos de várias obras, numa breve antologia de textos.

Rastreado as oscilações de opinião do escritor sobre literatura regionalista, deparamos em *Andam Faunos pelos Bosques* com o enunciar da intenção de «descer à urbs», abandonando portanto o espaço da ruralidade que privilegiara, ou, como afirma «Depondo a pena que a crítica suficiente classificou de regionalista.»²⁴. Continua, esclarecendo «Porém, se ser regionalista é dar o meio e a comparsaria na sua modalidade léxica, descer o escritor, despessoalizando-se, à reprodução e não interpretação, só me convém o título para duas ou três centenas de páginas de meia dúzia de livros que escrevi.»²⁵. Para enquadrar estas afirmações deverá ter-se em atenção que o escritor poderia ter sido atingido pelas conotações negativas que alguma crítica associava à literatura regionalista e também que a referida «despessoalização» colidia com a originalidade que reclamava como linha orientadora da sua produção literária. «Sempre me esforço por me não parecer com os outros, não trazer gravata de que houvesse segunda do mesmo padrão, de não pensar como os mais [...]. Eu, antes de mais nada.»²⁶ foram as palavras que utilizou em entrevista concedida no Rio de Janeiro, em 1952.

À mesma coerência entre o escritor e a sua obra se refere Aquilino Ribeiro no prefácio-dedicatória de *O Servo de Deus e a Casa Roubada*: «Antes de mais nada, o que em bom direito se deve exigir do artista é que seja ele: ele pelos processos, pelo contexto, pela visão, pela forma. Acima de tudo ele.»²⁷. A coerência implica a liberdade do escritor face a estéticas e face a públicos, posição que Aquilino afirma repetidamente, «Nunca soube o que era servidão aos preconceitos, ao poder, às classes, nem mesmo ao gosto do público»²⁸; «No entanto, ninguém

²⁴ Aquilino Ribeiro, *Andam Faunos pelos Bosques*, p. 11.

²⁵ Id., *ibid.*

²⁶ Entrevista já referida, concedida a Aurélio P. Martins.

²⁷ Aquilino Ribeiro, *O Servo de Deus e a Casa Roubada*, p. 11.

²⁸ Aquilino Ribeiro, *Volfrâmio*, pp. 10-11.

tem mais horror a fórmulas do que eu. A fórmulas, cânones de escola e bizarras da moda. Fórmulas em arte equivalem a muletas e eu não só não uso bengala como entre dois caminhos escolho sempre o menos trilhado e aquele por onde menos andei.»²⁹.

Tendo a crítica apoucado a sua obra em virtude da falta de densidade psicológica e humana das personagens, Aquilino defendeu-se nos preâmbulos que foi redigindo, esclarecendo no preâmbulo de *O Servo de Deus e a Casa Roubada* que a psicologia é indispensável e inerente à obra de arte «Não há necessidade que o escritor diga ou ao escritor se pergunte se tem psicologia na sua obra. Por isto: a psicologia ou melhor o psíquico em arte é o mesmo que o lavar a cara ao homem policiado, o tempero na sopa de qualquer cozinheira, as cuecas do homem limpo. Numa palavra, é o básico; o sal; a substância inata.»³⁰. Reportando-se às novelas que o referido preâmbulo introduz, no que concerne ao regionalismo que as caracteriza, Aquilino afirma que está aquém do «Regionalismo integral das *Terras do Demo*. Faltam-lhe as árvores, os pássaros, os penedos siderados pelos horizontes que decoram as minhas velhas paisagens rurais.»³¹.

Em *Abóboras no Telhado*, ao discorrer sobre o seu «aboboral», Aquilino comenta especificidades de *Terras do Demo*, recuperando alguns procedimentos: «Tratando-se de temas rústicos segundo a receita nova do regionalismo, procurei, em tanto que autor, despersonalizar-me, limitando-me ao papel de mediador plástico, mas sem requinte.»³². Na mesma obra, reflectindo sobre a literatura regionalista, o escritor reconhece que os seus cânones implicavam constrangimentos, como a despersonalização do autor e o abrir mão de «finuras psicológicas» com a agravante de no domínio da linguagem «O português, dadas as pequenas dimensões do território metropolitano, é único, uniforme, ageográfico.»³³.

Valeria a pena o escritor subtrair-se da sua personalidade, numa «operação quimérica e até contraditória» como a qualifica, e coibir-se de analisar os problemas do espírito para produzir

²⁹ Manuel Mendes, *Aquilino Ribeiro – A Obra e o Homem*, p. 81.

³⁰ Aquilino Ribeiro, *O Servo de Deus e a Casa Roubada*, p. 15.

³¹ Idem, p. 26.

³² Aquilino Ribeiro, *Abóboras no Telhado*, p. 80.

³³ Idem, p. 82.

como que um tratado de etnografia, é a interrogação que coloca – «Se não falseasse o papel, ergo, exacto intérprete do indivíduo em seu dimensional conteúdo, modos de expressão, teria realizado um documento humano em harmonia com as regras de que se investira semelhante padrão estético. Mas valia a pena e era exequível?».³⁴ E, muito embora a «Pena que pretendesse praticar à risca os cânones da doutrina perdia em elevação muito mais do que ganharia em pitoresco»³⁵, o escritor faz um balanço positivo, considerando que nem tudo se perdera no esforço da escola. Encarada como um processo artificioso, pleno de constrangimentos, a literatura regionalista passara de moda, pelo menos no que dizia respeito à sua técnica – afirma Aquilino Ribeiro.

Aponta, nesta reflexão, mais-valias da literatura regionalista no domínio linguístico e literário, sublinhando ainda que por via dos seus cultores se assistiu à confluência de gente de todos os quadrantes literários: «Desceu-se não só a beber a linfa verbal na origem imareada como a explorar temas desdenhados da vida rústica e provinciana. Alguns deles, de uma frescura insuspeitada, vieram refrescar a temática literária, até então galicista de todo.»³⁶

No Solilóquio autobiográfico, publicado uns anos depois de *Abóboras no Telhado*,³⁷ em «Serei apenas escritor regionalista, Pro domo mea» Aquilino Ribeiro é mais contundente, afirmando que na estreita acepção do termo não há escritores regionalistas em Portugal e que o epíteto era utilizado com «intuitos malévolos», desprestigiantes, sendo sinónimo de escritor rasteiro.

Reiterando concepções anteriores no que diz respeito à língua «Ora nós possuímos uma língua única, com uma só morfologia, com uma prosódia, de Norte a Sul»³⁸ e atendendo a que um dos requisitos de uma escola regionalista é a observação da variação idiomática, conclui que pelo prisma linguístico não há escritores regionalistas no nosso país. Vai ainda mais longe, defendendo que não existem diferenças significativas entre as regiões no que diz respeito a

³⁴ Idem, p. 80.

³⁵ Idem, p. 82.

³⁶ Idem, p. 85.

³⁷ A primeira edição de *Aquilino Ribeiro – O Homem e a Obra*, de Manuel Mendes ocorreu em 1960, enquanto datava de 1955 a primeira edição de *Abóboras no Telhado*.

³⁸ Manuel Mendes, *Aquilino Ribeiro – O Homem e a Obra*, p. 86.

costumes e tradições, aceitando apenas a diferenciação geográfica. Embora concedendo que o regionalismo possa visar outros objectivos, argumenta que «Os labregos de Portugal são o mesmo presépio e com a mesma psique. Esfomeados, ignorantes, velhacos, trabalhados pelos instintos, tanto o são aqui como além...bastidores»³⁹.

Pronuncia-se ainda sobre a crítica aos escritores devido à raridade do léxico que utilizam e, ironizando uma crítica sem «alfândega mental», remata «As ideias tolas correm pelos cantos como centopeias e infiltram-se por todos os interstícios. O regionalismo do caldo-verde, o uso do vocábulo raro são das tais.»⁴⁰.

Este percurso pelos textos teóricos em que Aquilino se reporta ao regionalismo permite-nos constatar a evolução do pensamento do autor relativamente às linhas orientadoras do movimento, bem como o facto de nele filiar uma das suas obras, *Terras do Demo*. De facto, atendendo aos vectores que são tomados para identificar a configuração do escritor regionalista, a etiqueta “regionalista” afigura-se demasiado estreita para Aquilino, não só porque a sua galeria de personagens não se limita ao campesino beirão, e o espaço físico reconstituído não se circunscreve ao espaço geográfico da Beira, mas também porque o escritor preza demasiado a coerência consigo próprio, a sua originalidade para se manter espartilhado na obediência a regras.

Quando questionado, na já referida entrevista concedida no Rio de Janeiro, sobre o que existia na sua obra, o escritor respondeu: «Há uma impregnação de humanidade, uma mistura da sociedade de que faço parte, a que a minha alma prestou um reboco espiritual, que será, suponhamos, uma superestrutura desse mundo.»⁴¹ e, na verdade, embora nado e criado na Beira, Aquilino fazia parte de uma sociedade muito mais ampla.

Rejeitar a rotulagem do escritor e de sua obra na generalidade sob a etiqueta do regionalismo literário não significa negar o cariz regionalista de algumas obras, impondo-se, conseqüentemente, o abandono de leituras macroscópicas e fazendo incidir a análise em cada uma das obras em particular.

³⁹ Idem, p. 87.

⁴⁰ Idem, p. 88.

⁴¹ Entrevista publicada no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 167, 1985.

CAPÍTULO III

1. *Andam Faunos pelos Bosques*

O romance *Andam Faunos pelo Bosques* foi publicado nos finais do Outono de 1926 e, escrito em Santo Amaro de Oeiras, ampliava a novela «*O Derradeiro Fauno*» incluída na edição primitiva de *Filhas de Babilónia*, colectânea em cuja terceira edição, datada de 1925, a referida novela fora substituída por «*Frustração*». Esta ampliação correspondeu a um projecto que o escritor tinha traçado alguns anos antes, pois em 1921, em entrevista à «*Ilustração Portuguesa*», reproduzida nos *Cadernos Aquilínianos*, dizia «Penso na Sonata da Montanha, ampliação do conto «*O derradeiro fauno*» das *Filhas de Babilónia*.»⁴², acrescentando, quando questionado relativamente à prossecução na linha do «regionalismo extremo»: « – Mais mitigado agora. As *Terras do Demo* foram dum regionalismo extenuante. Agora é mais uma vibração moral, de psicologia enferma, de patologia da época, uma época onde a vertigem materialista predomina...»⁴³. Embora tivesse optado por outro título, Aquilino de facto ampliou a novela: manteve o fundamental dos quatro capítulos que a constituíam ainda que adicionando episódios como o da caçada ao assaltante das donzelas e o da relação entre padre Teodoro e Leopoldina, dando depois continuidade à acção, em virtude de o seu desfecho corresponder, na novela, à morte de Baltasar às mãos de Pedro Jirigodes.

⁴² *Cadernos Aquilínianos*, nº 5, 1997, p. 199.

⁴³ *Idem*, p. 200.

A inclusão de episódios implicou a criação de novos capítulos, bem como a reorganização de outros, verificando-se que o quarto e último capítulo da novela corresponde ao sexto do romance, sendo este apresentado no preâmbulo-dedicatória a Brito Camacho pelo autor como «Fábula em onze jornadas.»⁴⁴, os onze capítulos que o constituem.

Revela-se bastante significativo este preâmbulo, à semelhança de muitos outros que utilizou para responder a críticas e esclarecer as suas opiniões estéticas: Aquilino alude à refundição de que a obra é fruto, defendendo o aperfeiçoamento que o escritor deve imprimir às suas obras (equiparando o seu labor ao do jardineiro e do didáctico) e comparando a tenacidade com que a empreendeu à dos camponeses da Beira, que «Viviam e morriam no sonho de converter chavascas em floridos vergéis.»⁴⁵; tece considerações sobre as personagens, principalmente eclesiásticas, e a linguagem utilizada; responde às prováveis críticas à obra e, após uma breve ponderação dos princípios que o nortearam, «Escrevi com o meu sangue, nunca molhei a pena na pia da água benta, nem nos lavabos perfumados das viscondessas»⁴⁶, em que sublinha a originalidade e liberdade que tanto prezava, anuncia um novo ciclo no horizonte da sua obra «Vou descer à urbs», já que com *Andam Faunos pelos Bosques* considera encerrado um primeiro ciclo.

Foi elogiado pela crítica mais conceituada da época este seu romance, como afirma Henrique Almeida⁴⁷, e podemos comprovar com a leitura de artigos publicados na imprensa contemporânea, cujos excertos mais significativos foram compilados pelo mesmo autor⁴⁸. Assim, o artigo da «Ilustração» releva a frescura da obra, a sua superioridade relativamente à novela que amplia, a originalidade patenteada no desenvolvimento do tema e no pitoresco da linguagem, o carácter sugestivo das descrições e a naturalidade dos diálogos, salientando ainda a sua

⁴⁴ Aquilino Ribeiro, *Andam Faunos pelos Bosques*, p. 12.

⁴⁵ Idem, pp. 9-10.

⁴⁶ Idem, p. 10.

⁴⁷ Cf. Henrique Almeida, *Aquilino Ribeiro: O Fascínio e a Escrita da Terra*, p. 99.

⁴⁸ Cf. Henrique Almeida, *Aquilino Ribeiro: Entre Jornalismo e Literatura – Conformação e Canonização da Escrita Aquiliniã*,

importância no contexto da obra do autor, atendendo a que corresponde ao «Adeus à pintura campesina, é o termo do primeiro período da sua carreira literária.»⁴⁹.

O «Diário de Lisboa», na pessoa do seu director e em «carta-aberta» dirigida ao escritor afirma que a obra «É das mais belas coisas que, na língua de Camões, se escreveram em honra da terra que se veste de paisagens e da vida que se enflora de desejos.»⁵⁰, relevando a poeticidade da linguagem, a capacidade sugestiva das descrições e a delicadeza dos retratos femininos, assinalando também a articulação entre o real e o fantástico e as influências vislumbradas, particularmente do pensamento de Nietzsche.

Enaltecendo o talento do escritor, «Artista lapidar da palavra escrita» o colorido da descrição e o carácter típico das personagens, o artigo do «Diário de Notícias» classifica de nobilíssimo o livro de Aquilino, por si só capaz de tornar o seu autor «um dos mais notáveis de todos os tempos da literatura nacional.»⁵¹.

As críticas prosseguem no ano seguinte, sucedendo-se os artigos do «ABC» e do «Século», que não poupam elogios a Aquilino e à sua mais recente publicação. Recuperando aspecto fundamental da formação do escritor, a sua vivência académica e cosmopolita em Paris que lhe apurou a sensibilidade para observar a realidade telúrica, o artigo do «ABC» sublinha o notável movimento de muitas páginas da obra e o talhe das personagens, principalmente as religiosas, concluindo que «Não se procura um grande enredo ou uma intenção nas páginas destes livros de pura arte. O autor quis pintar paisagens, figuras, almas e conseguiu-o de tal forma que passo a passo se guindam a um lugar especial na literatura portuguesa (...).»⁵².

Por seu turno, o artigo de «O Século», que valoriza o plano textual, salienta a veracidade das personagens da «Obra de rara beleza», o seu opulento vocabulário e, não desdenhando o alcance das linhas ideológicas fundamentais do romance, assinala que desvendar uma Beira desconhecida é sinónimo de divulgar «uma parte da nossa identidade.»⁵³.

⁴⁹ Idem, p. 436.

⁵⁰ Idem, p. 438.

⁵¹ Idem, p. 444.

⁵² Idem, p. 445.

⁵³ Idem, p. 446.

Esquecido pela imprensa nos dias que correm, se bem que copiosamente recordado por ocasião do centenário do seu nascimento ou quando a trasladação dos seus restos mortais para o Panteão Nacional foi notícia, suscitando polémica que fez correr muita tinta, Aquilino Ribeiro foi recentemente evocado, no «Diário de Notícias», por José Saramago que, reconhecendo o papel da obra do escritor na divulgação de parcela da nossa identidade, alertava para a necessária continuidade da leitura da sua obra como forma de preservar a nossa memória.⁵⁴

Percorrendo a bibliografia passiva de Aquilino Ribeiro não se pode afirmar que pouco tem sido escrito sobre o autor, ainda que os estudos tenham privilegiado, maioritariamente, uma perspectiva macroscópica, direccionada para a dimensão temática ou ideológica da produção do escritor.

Da referida bibliografia citam-se alguns exemplos, considerados mais emblemáticos uns e outros mais significativos para o presente trabalho, ente eles dois glossários que clarificam parte do vocabulário aquiliniano, sendo que um desses glossários inclui locuções de vários tipos, expressões idiomáticas, populares e familiares, enunciados com construções sintácticas e particulares, casos classificados de gíria, calão e arcaísmos, num cômputo de 1900 vocábulos ainda que atinentes à obra *Terras do Demo*⁵⁵.

A linguagem de Aquilino atendendo a variações diatópicas e diastráticas presentes em *Aldeia* foi objecto de uma dissertação de mestrado⁵⁶ e Evelina Verdelho no já citado estudo, «Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português», aborda igualmente particularidades das variações linguísticas de *Terras do Demo* e *A Batalha Sem Fim*.

Óscar Lopes dedicou vários ensaios à divulgação da produção literária de Aquilino Ribeiro, assim como outras personalidades do panorama literário português como David Mourão-Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, Eduardo Lourenço e Maria Alzira Seixo, tendo alguns desses ensaios sido publicados na revista *Colóquio-Letras*. Outra publicação periódica, *Cadernos Aquilinos*, edição do Centro de Estudos Aquilino Ribeiro, cujo primeiro número foi

⁵⁴ Cf. Crónica de José Saramago, «Diário de Notícias» de 14 de Julho de 2009.

⁵⁵ Trata-se do *Glossário Aquiliniano de Henrique Almeida*.

⁵⁶ Maria da Graça Frazão Castelo-Branco Sousa, *Linguagem Regionalista e Linguagem Popular em Aquilino Ribeiro: o Caso de Aldeia*.

publicado em 1992, dedica-se exclusivamente à produção do escritor, que divulga juntamente com ensaios de vários investigadores.

Estudos mais extensos ocorrem em dissertações de doutoramento como a de Nelly Novaes Coelho, que se debruça sobre o primeiro livro de contos, *Jardim das Tormentas*, nele procurando as linhas da ficção aquiliniana⁵⁷; a dissertação de Henrique Almeida que, acompanhando o processo de construção, formação e consagração do escritor, identifica e caracteriza a sua *oficina* de escrita, desde a génese até à fase de afirmação pública⁵⁸, e a de Serafina Martins, que analisa a representação do amor num conjunto de cinco romances – *A Via Sinuosa*; *Terras do Demo*; *Andam Faunos pelos Bosques*; *O Homem que Matou o Diabo* e *S. Banaboião Anacoreta e Mártir* – um conto e uma novela – «A inversão sentimental» e «Os olhos deslumbrados»⁵⁹.

Nesta dissertação se observou a análise de algumas personagens de *Andam Faunos pelos Bosques*, obviamente perspectivada segundo a linha temática condutora da investigação. Ao mesmo romance dedica Urbano Tavares Rodrigues o artigo «Aquilino Ribeiro e a integração do homem na natureza», onde discorre sobre singularidades temáticas e de construção, concluindo «Em *Andam Faunos pelos Bosques*, dir-se-ia que as potencialidades estilísticas de Aquilino se convertem sempre no ouro mais verdadeiro, o da gesta montanhosa, o do olhar mágico que se infiltra pelos recessos das almas.»⁶⁰ e, embora assinalado por afirmações lapidares de muitos investigadores, não foi objecto de outros estudos este romance que o autor diz preferir «pelo mais raro de conceitos.»⁶¹.

No capítulo da bibliografia passiva, impõe-se, ainda, a referência a *Aquilino Ribeiro e a Crítica*, de Henrique Almeida, não pelas alusões à obra que nos interessa particularmente, mas pelas perspectivas de leitura e pela síntese apresentada.

⁵⁷ Nelly Novaes Coelho, *Aquilino Ribeiro – Jardim das Tormentas: Génese da Ficção Aquiliniana*.

⁵⁸ Henrique Almeida, *Aquilino Ribeiro: Entre Jornalismo e Literatura – Conformação e Canonização da Escrita Aquiliniana*.

⁵⁹ Serafina Martins, *Saber Viver para Saber Morrer: A Imagem Ficcional do Amor em Aquilino Ribeiro*.

⁶⁰ Urbano Tavares Rodrigues, *O Tema da Morte*, p. 70.

⁶¹ Afirmação incluída na entrevista, já referida, concedida no Rio de Janeiro.

2. Espaço

Em *Andam Faunos pelos Bosques* sucedem-se as andanças: individuais ou colectivas, ocorrem em espaços amplos e confinados, urbanos e rurais. Afirma David Mourão-Ferreira ao reportar-se ao título da obra: «Sintetiza um dos temas maiores da ficção de Aquilino: o de um espaço terrestre povoado de individuais ou colectivas andanças»⁶², acrescentando que embora no caso vertente as andanças sejam de faunos «O importante é que dêem azo a um frenesim itinerante, mobilizando então populações inteiras.»⁶³, assim sugerindo o particular relevo conferido ao espaço que constitui o universo físico retratado na obra.

Inicia-se a acção no espaço doméstico, em casa de padre Jesuíno que, na varanda, se compraz olhando o espaço envolvente: o mainel e o pátio com os seus manjericos e craveiros, primeiro, o quintal com as cepas e o batatal, depois. Mais tarde, enquanto na salinha de jantar, Feliciano confortava Micas Olaia, no cartório padre Jesuíno postava-se à janela, e embora pudesse observar um amplo horizonte, acobertado por videira ferral, espiou as duas mulheres, admirando o corpo da jovem e ouvindo o relato do assalto de que fora vítima. Desvelava o espaço doméstico o estatuto do seu proprietário – sacerdote, lavrador, pai de família – revelando ainda a forma como dele usufruía traços do seu carácter, pelo que é contrafeito que padre Jesuíno franqueia as portas da sua casa a amigos e conhecidos, entre eles padre Dâmaso e padre Teodoro regressados da peregrinação: «Em sua casa “não havia nada roubado”, é certo, mas delatava ao primeiro lance de olhos a vida muito terrena dum pai de família, com mulher, filhos, lavoira, nada canónica para sacerdote.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 27). A casa que acolhera a pastora Micas recebeu então os abastados peregrinos e religiosos que os acompanhavam, oferecendo os seus tectos a oportunidade de confraternização, troca de informações e confidências. Posteriormente, abrigará do frio e da neve os que, chamados por padre Dâmaso, perseguiram pela serra o grupo das Inefáveis, quando padre Jesuíno, na sua hospitalidade os acolhe e alimenta «- O nosso abade manda chamar vossorias para o almoço: o senhor comandante, o senhor arcipreste, o senhor Pedro Jirigodes, o senhor Cirilo mai-la patroinha. Está o comer pronto, é só levá-lo para a

⁶² David Mourão-Ferreira, *Sob o mesmo Tecto*, p. 125.

⁶³ Idem, *ibidem*.

mesa.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 226). Na mesma povoação, Cabrazais, se localiza a casa do abastado Geraldo Pateiro, pai de Maria de Encarnação, espaço que fisicamente confina a esposa, impossibilitada de se movimentar, a não ser através da improvisada cadeira de rodas. Casa onde avulta o trabalho feminino, a sua varanda é a janela para o mundo da entrevada «Dali via mundo, falava com vizinhas e comadres» (Aquilino Ribeiro, 1962: 113); as suas paredes albergam as orações, as angústias e os lamentos da parálitica, deixando-se atravessar pela vida para lhe poder proporcionar. Neste espaço doméstico soou a voz que Maria da Encarnação ouviu em sonhos, incitando-a a partir, inspirando-lhe a ponderação e, finalmente, a decisão de subir à serra.

A casa de José Quaresma, «A rescender ao fartum das tulhas e da queijeira» (Aquilino Ribeiro, 1962: 82), destacava-se na aldeia «De sua empena alta, cornija e portais lavrados, derramava sobre a viela, de cardenhas de telha-vã e colmeiro uma inextinta sombra de fidalguia.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 157), reunindo portanto as condições para acolher e alimentar os mais de vinte religiosos, fora os amigos, convidados por ocasião da festa de S. Sebastião. Não sendo Quaresma de origem nobre, herdara a habitação acompanhada por terras e casal de seu avô, um caseiro que fizera «negócio da China» com o conde de Arcos. A sala onde decorreu o banquete mantinha vestígios da anterior nobreza no tecto em pirâmide e nas enormes espigas de milho pelas paredes, embora não tivessem sobrado mesas que acomodassem tantos comensais. Rico, amigo de receber, pretendendo acautelar a integridade da sua filha, Quaresma apresenta farto e variado repasto, providenciando para que tudo estivesse a gosto dos religiosos, para o que contou com o serviço da mulher, da filha e da amiga Maria da Encarnação. «Casa espaçosa “das que já não se fazem hoje”, parecia, mesmo assim pequena para as comadres» (Aquilino Ribeiro, 1962: 158) que acorreram, quando Leopoldina anunciou ter sido atacada pelo Papa-moças, atravancando-a, o que fez com que Quaresma não exhibisse a bandeira da hospitalidade, expulsando as intrometidas comadres, ao mesmo tempo que abria caminho para padre Teodoro, chamado a confessar a moça. Encobriram as paredes o segredo: não se tratava de Papa-moças, nem de violação, mas de relação consentida, sendo o amante o próprio padre Teodoro, assistindo também à reconciliação dos amantes.

Localizada em Roufins, tal como a habitação de Quaresma, a casa de padre Teodoro não apresenta indícios de fartura ou abastança. Na varanda, preocupado com o que possa ter acontecido a Leopoldina, o religioso ficou de atalaia, procurando colher informações dos populares que passavam na rua. Já a par da estratégia engendrada pela amante, sentindo-se

traído, enraivecido, ceava o caldo verde com a tia Francisquinha quando recusou deslocar-se a casa de Quaresma para confessar Leopoldina. Satisfeito com o efeito que o desprezo teria na rapariga, ceava ainda quando o próprio Quaresma se apresentou em sua casa interrogando-o quanto à disposição de atender à filha, desta vez não se negando a ministrar o sacramento requerido.

Outro espaço interior privado corresponde à casa de padre Dâmaso, observada quando no último capítulo da obra se acompanham as reflexões da personagem. Inicialmente, janelas e varandas não cativam o olhar do religioso, ainda que as cerejeiras estejam cobertas de folhas e floridos o alecrim e a alfazema. As estantes onde colecionou algumas centenas de autores, seguindo um rígido critério de selecção que condenou muitos volumes à fogueira, também não oferecem obras que apeteçam à sua alma entorpecida. Foram Júlia, a pomba abandonada por Maria José, e a gaiola, «Um vasto e sumptuoso chalé de canas» (Aquilino Ribeiro, 1962: 323), que fizeram convergir o interesse de Dâmaso, dedicando-se então à alimentação da pomba e limpeza da gaiola. A libertação da pomba, escancarada a porta da gaiola, na varanda, vai conduzir o olhar do padre para o exterior, espaço imediato e envolvente – acompanhando o voo, primeiro, e aguardando o regresso depois. A relação que o religioso vai estabelecendo com o espaço deixa transparecer a evolução que se processa no seu interior.

No que diz respeito a espaços confinados, poderemos ainda acrescentar as igrejas, a sala do cabido e o quarto de hotel, que padre Dâmaso ocupou na estalagem, em Viseu, «pouco maior que uma tumba» (Aquilino Ribeiro, 1962: 268)), um cubículo, cuja cama era «ainda mais dura que o seu catre» (Aquilino Ribeiro, 1962: 273), um espaço que oprime o religioso e onde durante o sono pouco reconfortante teve o sonho que acordado repudiou, embora renunciasse a progressão a ocorrer na sua forma de encarar o mundo e os homens. Também em Viseu, na sala do cabido, decorreu a reunião dos padres da diocese: «Para lá do claustro superior com nescas deslumbrantes, recortadas pelas frestas mais altas no dossel verde da mata de Fontelo e nos longes azuis, puríssimos, de Mangualde.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 242). Para além da longa mesa, dos bancos de coiro, tambores, escabelos e poltrona almofadada a damasco carmesim, ressaltavam os motivos religiosos: painéis e estampas ilustravam a vida de Jesus; «Um Cristo torvo e disforme a estorcer-se no braços da cruz – e nada mais vestia o recinto, onde os senhores cónegos vinham quando lhes dava no goto» (Aquilino Ribeiro, 1962: 242).

Quanto às igrejas são privilegiadas duas, a de Cabrazais e a de Roufins. Na igreja de Roufins decorreu a missa festiva em celebração de S. Sebastião e na igreja de Cabrazais Maria da Encarnação confidenciou a padre Jesuíno, em confissão, sobre as vozes que ouvira e, mais tarde, lá se dirigiu à população revelando o advento do anjo.

Embora a acção se inicie e termine em espaços interiores – casa de padre Jesuíno e casa de padre Dâmaso – os espaços exteriores assumem maior relevo quer por via dos acontecimentos que neles têm lugar quer pela importância de que se revestem para a leitura da obra.

Entre as «Cem e uma aldeias» (Aquilino Ribeiro, 1962: 52) da «extensa comarca serrana» (Aquilino Ribeiro, 1962: 51) destacam-se Cabrazais e Roufins. Não se distinguem das outras aldeias pela praça onde desembocam as ruelas, pela igreja ou pelo campanário que toca a rebate: acontecimentos e personagens envolvidas colocam-nas no mapa da ficção. Os largos, as ruas que neles desaguam e as igrejas destes lugares, particularmente a de Cabrazais, enquadram acontecimentos determinantes para o desenrolar da acção.

Assim, o largo de Cabrazais acolhe o povilêu que rodeia Micas Olaia, pretendendo inteirar-se do ocorrido, e como agência noticiosa, regista a confirmação de Baltasar « – O Papatmoças? Vi, quantas vezes!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 25). No mesmo largo ocorre a recepção a padre Dâmaso, padre Teodoro e a respectiva comitiva que, por coincidência temporal, fica a par do sucedido à pastora. O caminho que vai dar à capela foi percorrido por Maria da Encarnação, acompanhada pelos populares expectantes, imediatamente antes de divulgar a boa nova, enquanto o grupo constituído por Pedro Jirigodes, padre Dâmaso e o alferes, que perseguia a seita das Inefáveis, chega a Cabrazais, onde «Branqueava a sineirinha da capela e era aquele o único sinal de amenidade na leprosoaria inconsolável das casas» (Aquilino Ribeiro, 1962: 213).

Fazendo em Cabrazais a necessária pausa na perseguição, o grupo abrigou-se num alpendre, «Paredes meias com a taverna», (Aquilino Ribeiro, 1962: 213) ali se aquecendo ao calor da fogueira ateadada por Cirilo, ocasião em que este, interrogado pelo alferes, relata o sucedido em Rio Verde, acrescentando acontecimentos relevantes no seu percurso e informações sobre Maria da Encarnação. A pausa em Cabrazais depois da perseguição nocturna, assinala o desmembrar do grupo, pelo que a empresa é continuada apenas por Jirigodes, ficando padre Dâmaso na igreja e o alferes em casa de padre Jesuíno.

Palco de acontecimentos de alguma relevância, Roufins empresta o seu largo para a festa popular que sucede às cerimónias religiosas «Vinhão do Largo de S. João guinadas altas dum

passe-calhe.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 101); «chegavam lufadas metálicas de rapsódia que a charanga, bem comida e bebida, tocava no desenfado no Largo de S. Brás.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 97).

As ruas e o mesmo largo do povoado assistem à proclamação de desonra de Leopoldina, quando descomposta e envolvida pelo povilêu segue em direcção a casa: «O burburinho, entretanto, ia em crescendo, embatia no cotovelo da rua.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 149); «A mole de gente atravessou o terreiro, engolfou-se na viela, povo fora.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 150), sendo precisamente no largo que Teodoro, reconsiderando, resistiu ao impulso de consolar a amante «No largo, porém, onde as árvores, as choupanas, o céu tinham o mesmo ar de impassibilidade, um vislumbre de prudência acometeu-o.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 150).

Nos campos circundantes, à beira rio, em jeira que Quaresma semeara para seu desfrute, Leopoldina tratava o linho ao mesmo tempo que os seus olhos percorriam os outeiros, procurando padre Teodoro. Giestais e pinhais acobertavam o amante que, por atalhos, seguiu sem receio de ser descoberto, ocultando a vegetação também o encontro do par amoroso.

Estes giestais e pinhais em socalcos até ao rio constituíam uma parcela ínfima do espaço susceptível de abrigar o Papa-moças, o Bicho-mau, monstro, anjo ou demónio, conforme o entendimento de cada um, e de acobertar os numerosos assaltos à pureza das moças.

A Nave oferecia certo e seguro valhacouto mas, «As cem e uma aldeias» que formavam cordão em torno da serra e os caminhos que as ligavam, à margem do mapa rodoviário, as «Terras tristes, alheias ao mundo, à beira de velhos caminhos romanos adormecidos» (Aquilino Ribeiro, 1962: 189) proporcionavam outras tantas oportunidades. Vasculhados que foram montes, bosques, caminhos, encruzilhadas, ruas, quintais e moitas, «Dias a fio não cerraram olho as aldeias, entre noitadas à força de alarme. Ao cabo de tempo, sem que amainasse o flagelo, andavam derreados de pavor e daquela trabuzana de guerra.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 48), traçaram-se outras estratégias. Encurrular o assaltante através do fogo foi uma hipótese avançada e a breve trecho rechaçada: «Seria deitar a correr a fome negra» (Aquilino Ribeiro, 1962: 47), pois os povos dela dependiam para sua alimentação e do seu gado, e ainda lhes fornecia lenha para as fogueiras. Durante o plantão montado por Pedro Jirigodes em plena serra, dias a fio, «Novos estragos nas povoações que tinham encosto para a serra» (Aquilino Ribeiro, 1962: 51) convenceram-no da necessidade de reformular a intervenção, tendo sido planeada a caçada, numa «acção conjunta da grei.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 51). O contributo das gentes da

comarca serrana, que acorreram em grande número, permitiu a Pedro Jirigodes delinear estratégia que assentava na verificação gradual do terreno, partindo as colunas de homens da base dos montes até ao cume, estreitando o cerco até ao «último palmo de terra.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 52).

Do local privilegiado onde se encontrava, seguindo o olhar de Jirigodes, divisa-se a paisagem envolvente: serras num plano mais afastado; pinhais descendo encostas; bosques de giestas e urze, moitas e brejos; penedos e picotos recortados no céu. Estrategicamente posicionado no alto de um barrocal, Jirigodes aguardava que as colunas de homens comesçassem a aparecer, apertando o cerco, mas um episódio inesperado rematou a expedição, desmobilizando os caçadores, no momento em que o círculo se estreitara consideravelmente. Da vasta extensão de serra ficara por controlar um círculo de quilómetros de matagais e furnas, possível toca do objecto da caçada que mais uma vez escapava, cumprindo-se assim o que Baltasar augurava «– Ouvi, ouvi; almas de Barzabu, tanto faz correr como saltar ao Papa-moças não chegais!...» (Aquilino Ribeiro, 1962: 71). Aliás, no «Sermão de Cirilo» que lhe encomendam, Baltasar justifica o seu advento, atribuindo-o a um senhor poderoso, dono da fonte de água pura e cristalina que o homem corrompeu e que voltará a correr, depreendendo-se que por intervenção do Papa-moças: «O senhor bom e poderoso soltou aquele que tem vista de águia e não é águia, a força do leão...» (Aquilino Ribeiro, 1962: 73).

As batidas pela serra não ficam por aqui até porque os dias que se sucederam à caçada foram particularmente férteis ao malfeitor, encarniçando-se também a fúria de Jirigodes em consequência da fuga de Maria da Encarnação. A segunda incursão é narrada no capítulo VI, nela participando Jirigodes como caçador e Baltasar na qualidade de guia. Conduzindo o caçador para onde afirmava ter visto o Papa-moças, Baltasar revela por que conhece tão bem a serra e justifica o sentimento que tem por ela: «- Eu vivo mais na serra que nos povos. A serra é minha amiga, a cada canto me oferece dormida. [...] No Verão dá-me pútegas, quantas me pede o apetite. A serra ... quero-lhe como a minha mãe.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 169). Do lugar cimeiro onde por fim se abrigam, avistam grande distância em redor, indicando Baltasar as povoações e recordando os episódios que têm sobressaltado os serranos: «- Por aqui, por ali – disse Baltasar estendendo a mão direita diante dos olhos de Jirigodes – as melhores serraninhas pagaram contas à criação. Do começo não queriam, agora pelam-se por mais.» (Aquilino

Ribeiro, 1962: 173), mas depressa descobre o objectivo de Jirigodes «Meter dois zagalotes na pele do anjo se nos der a honra de se mostrar.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 174).

Afirmando que não é guia de matador, Baltasar tenta demover Jirigodes do impulso assassino, argumentando com a sacralidade do espaço e exemplificando com o que sobreviera à morte de um homem «A serra, no redondo de muitas léguas, começou a secar, a secar como se fosse alma cristã a que tivesse pegado a morrinha. Secaram os sargaços, secou o rosmaninho, secaram as ervas e as fontes e até os passarinhos e os bichos bravos se foram embora. Sabe vomecê?! Veio a Primavera e não desabrochou ali flor, nem vingou verde. Era como se tivessem salgado o chão. Sete anos levou a serra neste castigo, sete anos, e as aldeias quase morreram de fome.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 175-176), testemunho do efeito destruidor que a acção nefasta do homem exerce sobre a natureza. Detentora de vida, a serra fala para Deus e ouve-o, acrescenta Baltasar, referindo ainda que juntos vingariam a morte marchando sobre o assassino. Além do mais, nada ao redor quer na sua religiosidade, como atestavam as inúmeras capelinhas avistadas, quer na sua grandiosidade natural suscitaria impulsos assassinos «- Olha matar! – dizia o doido. – Ao pé dessas eternidades é sombra, sombra de verme, o pensamento mais alto. Tudo isso é corpo de Deus.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 179), confinando o homem à sua pequenez. De facto, no horizonte de que desfrutavam perfilavam-se várias serras que, cobertas por cinzas pareciam movimentar-se: a serra da Estrela, a serra da Lapa, o oiteiro de Segões, os montes de Cuvelo e a serra do Caramulo. Momentaneamente apaziguados diante de Maria da Encarnação e das jovens que com ela cantavam pelos campos acompanhando o anjo, vêm à tona o ciúme e o rancor, revigorando a fúria assassina de Jirigodes que se abate sobre Baltasar, o defensor da serra. Guia do assassino, Baltasar morre defendendo a vida, «De olhos abertos para as estrelas infinitas, braços em cruz na terra ensanguentada» (Aquilino Ribeiro, 1962: 190), pois a sua intromissão impede Jirigodes de prosseguir no propósito de atirar na mulher que o abandonou e no anjo que a «desencaminhou».

A sanha persecutória de Jirigodes manifestar-se-á uma vez mais, sendo relatada a batida, agora a todo o grupo das «Inefáveis», na sequência das alterações e dos confrontos ocorridos em rio Verde, no capítulo VI. Contrariamente às duas incursões anteriores, esta inicia-se durante a noite e vai reunir uma personagem religiosa, padre Dâmaso, uma autoridade civil, o alferes, e Pedro Jirigodes, que «conhecia a serra com as suas veredas melhor que a palma das mãos.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 208). Noite de escuridão e muito fria, apagavam-se nos caminhos os

habituais pontos de referência, perdendo os cavaleiros a noção da presença terrena à medida que se avolumava a do céu. Atravessadas na escuridão as povoações adormecidas, enquanto o vento continuava gelado, o nascer do dia anunciava neve e reinava na natureza imobilidade expectante, que não atingia os fugitivos, sempre adiante dos perseguidores. A paragem em Cabrazais, para onde, segundo informação, se tinham dirigido, propicia conversação com Cirilo, que anuncia estar para breve o casamento de Maria da Encarnação com o morgado de Quijó, sugerindo a Jirigodes que a esquecesse « – Dê-a ao esquecimento, que não tem outro remédio.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 226). Jirigodes, porém, opta por continuar a perseguição, solitário, sem certezas quanto ao rumo seguido pelos fugitivos e em condições climatéricas adversas, pois a neve caía com mais intensidade tudo amortalhando «No sudário branco» (Aquilino Ribeiro, 1962: 228).

Redundou esta batida na morte de Pedro Jirigodes, em circunstâncias difíceis de apurar, sendo voz corrente que morrera dilacerado pelos lobos, que assim se tinham vingado do cruel inimigo. Apresentaram-se vários argumentos contrariando a hipótese de crime, defendida por alguns, incluindo padre Dâmaso, já que nevara dias a fio e «A terra esteve cega» (Aquilino Ribeiro, 1962: 238), iludindo os mais avisados e quebrando a resistência dos mais fortes. «Segredo, em última causa, que a serra guarda e não diz a ninguém» (Aquilino Ribeiro, 1962: 239) a verdade é que, mortos Baltasar e Jirigodes, as ossadas do primeiro, recuperadas e reconhecidas, repousavam «na terra da verdade», enquanto de Pedro Jirigodes tinham sobrado apenas os «chispes».

O espaço citadino não deixa de estar representado na obra, como já foi referido, assistindo-se a mais uma «andança» neste caso a deslocação de padre Teodoro, padre Moura Seco e padre Jesuíno de suas paróquias até Viseu. Foi uma viagem agradável: o «Bafo de Primavera» (Aquilino Ribeiro, 1962: 231), a amena conversa e a paisagem envolvente, que convidava a espairecer o olhar, para tal contribuíram, não se dando conta os religiosos da distância percorrida.

A cidade fez-se anunciar, por entre os pinhais, pelos contrafortes e muros da Sé e do Paço sobre os quais se erguiam as torres, diluindo-se «sobre a vetustez do crónicom do monumento e o casario cheio de cor, a descer para os campos, uma benigna e doce religiosidade.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 239). Chegaram «Os párocos que trazem o Diabo à solta nas freguesias.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 234) em dia de feira e tantos eram os religiosos que lembrava cidade santa. À noite, após o jantar, dirigem-se alguns padres para o Grémio, para o Rossio e para o

Café Santa Rita, outros, e, no dia seguinte, depois de dizer missa na Igreja do Carmo, padre Dâmaso vai percorrendo as ruas da cidade, observando-a no seu despertar. Pasma na Rua Direita, pela sua configuração, pelo bulício citadino e pelo mar de gente que a enxameia: os que compram e os que vendem; as elegantes raparigas; os soldados que assobiam; os estudantes e os religiosos; é cativado pelos rostos, pela etiqueta, pelos gestos educados e corteses, pela simpatia que sente irradiar dos indivíduos. Porém, é uma nesga de campo onde a Primavera semeara vestígios naquele espaço citadino, aos pés da cidade, que o deixa inebriado.

3. *Personagem colectiva – O Povo*

Por estas «Terras no calcanhar do mundo, que viviam ainda na era do rei que rabiou!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 213), espriavam-se as populações que subsistiam, fundamentalmente, do que elas lhes ofereciam para sustento dos animais que criavam ou do que lhes devolviam após longo e penoso trabalho.

Emergindo na narrativa em ocasiões de tensão, a personagem colectiva é também observada nas suas ocupações quotidianas, ou nos poucos momentos em que, libertando-se dos trabalhos, assiste a cerimónias religiosas ou se envolve nas tradicionais diversões.

Assim, ocorre quando é divulgado o assalto a Micas Olaia, concentrando-se no largo e esquecendo momentaneamente o gado que levava para a pastagem da tarde, suscitando, pelo modo como ocorre e pela inquietação que o caracteriza, a comparação «Como se o campanário houvesse soltado voz de franceses à vista» (Aquilino Ribeiro, 1962: 23). Não se tratando da incursão de franceses, a verdade é que havia assaltante e vítima, por isso a turbamulta envolveu Micas e, manifestando-se em confusão, apontou bichos e homens, proferiu ameaças, não arredando enquanto não ouvisse da boca da ofendida as respostas à sua curiosidade. «E mais o povilêu se enrodilhava em volta da Micas, a querer saber e a cogitar.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 25). Entretanto, outros regressavam da romaria à Senhora da Penha do Vouga onde tinham acompanhado alguns dos maiores da terra e, enquanto estes viajavam escarranchados nas alimárias, que os transportavam, o povo seguia-os «Em tropel homens de pau e véstia, mulheres

da ralé com o xaile dobrado à cabeça e as chinelas sobre o xaile como pássaros empoleirados.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 26).

Observado como conjunto e caracterizado em grupo, quer pela indumentária quer pela prontidão e natural curiosidade com que se apresenta, também se lhe atribuem as vozes que, na confusão generalizada, se distinguem. Multiplicando-se atentados à pureza das moças, pois muitas se seguiram a Micas Olaia, passaram os serranos à acção procurando o auxílio de governantes e santos, primeiro, e implicando-se directamente na resolução do assunto, depois. Participaram, então, em montarias e escoltas, vigiaram noite após noite, de plantão em ruas e encruzilhadas e fizeram rondas por quintais e campos, em vão. Responderam, depois, os povos das aldeias nas vizinhanças da serra ao apelo de representantes das “classes gradas”, de párocos e de alguns dos seus «Mercê dos cobres tilintados no balcão das tavernas» (Aquilino Ribeiro, 1962: 51), aprontando os seus utensílios de guerra e participando na caçada organizada e chefiada por Pedro Jirigodes.

Vieram os povos das margens do Távora, armados com as suas espingardas, bacamartes e paus de choupa, utensílios que utilizavam nas actividades do dia-a-dia e nos jogos de arraial; os da zona de Moimenta apresentaram-se de carabinas afinadas; os de Alvite, belfurinhos, andarilhos especialistas em malas-artes, estavam armados de bordões, revólveres e cuchilos; os povos das povoações bárbaras de Várzea da Serra e arredores empunhavam as suas foices, estadulhos de carvalho; de Pendilhe e povoações vizinhas, os povos estavam munidos de grandes mocas, sachos e espingardas; os povos liderados por Jirigodes, em três colunas, faziam de batedores, incorporando fundibulários, aqueles que com uma pedra acertavam, a cem passos, numa cabra e apresentando-se os outros apetrechados de armas de várias espécies, da pistola último modelo à forquilha dos tojos; as gentes das margens do alto Vouga eram constituídas por lavradores, marchantes e cabreiros; as gentes da raia sudoeste empunhavam ganchos, partazanas e espetos de ferro; os povos das aldeias do Paiva, conhecedores do terreno, eram as patrulhas volantes; outros povos, enrodilhados no mato, se haviam insurgido, apresentando-se munidos de estadulhos, facas, forquilhas, catanas e fundas. Para além destes, grande número de curiosos observava, de longe, os preparativos para a caçada.

São alguns destes povos caracterizados pelas actividades que desempenham, fazendo-se acompanhar dos utensílios de trabalho, sendo igualmente apresentados traços do carácter bem como traços físicos, em conexão e como reflexo do espaço que habitam: «Rostos esculpidos no

granito e recobertos de musgo» (Aquilino Ribeiro, 1962: 54); «Eram as fronte ciclópicas, de face talhada a enxó.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 56); «Endurecidos nos macadames e baceladas» (Aquilino Ribeiro, 1962: 53).

Terminada a expedição sem que fosse alcançado o seu objectivo, chegaram ao arraial os populares: sujos, esfarrapados e sequiosos, beberam água no córrego, juntamente com os cães, ou mataram a sede com o verdasco comercializado pelo Zé da Venda, só depois tratando de se alimentar, «Nas mãos negras e calosas – queijo, pêro e pão, comer de vilão.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 70). Em momento de repouso após a refeição, ouviram o relato de Baltasar e como ele profetizasse relativamente às jovens que iriam sofrer a acção do Bicho-mau, o pai de Leopoldina, Quaresma, aliciou os presentes para que o calassem, oferecendo um quartilho de vinho, pelo que «Um ror de labregos ofereceu-se para ganhar as alvíssaras.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 74). Posteriormente, os populares envolveram-se nas danças de roda, que juntaram ricos e pobres, e quando regressaram às suas aldeias já era noite.

Devoção e diversão aliam-se nos festejos tradicionais em honra de santos, o que aconteceu em Roufins, na celebração em honra do mártir S. Sebastião, festividade que teve Quaresma como principal obreiro. As gentes deixaram os seus afazeres e encheram os caminhos em direcção à localidade, tendo assistido à missa em que o padre Jesuíno suplicou ao Santo que se amerceasse daqueles povos, poupando-lhes as jovens à sanha do monstro. Atemorizados face aos sinais de fim dos tempos e arrebatados pelas palavras do sacerdote, os populares manifestaram-se «Bramia-se, uivava-se, rouquidos de angústia, nasais surdos, estrídulos, rompendo igualmente da turba dos homens e da turba das mulheres.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 79). Não tardaram, porém, em aderir à diversão e, ao som da charanga, «As chanquinhas de verniz e os sapatos de carda bateriam a terra em redondo.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 97).

A solidariedade popular é visível quando, receando por Maria da Encarnação, a sua mãe, incapacitada de se movimentar, gritou por socorro, sobressaltando quem trabalhava nas hortas e prontamente respondeu, correndo em seu auxílio, e posteriormente andou «Por trancos e barrancos, à cata da desaparecida.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 135). Na sequência do regresso de Maria da Encarnação, os mesmos populares, alardeando a sua curiosidade, acompanharam-na até à igreja, ouvindo depois o seu discurso na galilé após o que «O povo abraçou-se a ela na rua, a chorar, a pedir Inefável por todos os foles» (Aquilino Ribeiro, 1962: 138), e defendendo-a de

Jirigodes «As mulheres engalfinharam-se a mim que pareciam demónios.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 139).

Outra mulher, Leopoldina, suscitou a movimentação popular em direcção à ribeira e depois percorrendo caminho inverso, acompanhando-a, «Gente descalça, em mangas de camisa, sem chapéu, como arrebanhada por um pé-de-vento apareceu a correr pela folha em direcção à ribeira.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 147); «Cem, duzentas pessoas gesticulando, jurando, falizando em todos os tons, com Leopoldina no meio, roupa e penteado em desalinho, esbagoada em pranto.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 150).

O toque dos sinos a rebate, indiciando perigo, seria a forma mais utilizada para reunir a população, tendo sido essa a estratégia usada por padre Dâmaso por forma a proteger o adro da invasão da seita indesejada. A resposta popular não se fez esperar: «Tangeram os sinos, tangeram e logo dos pátios e do boqueirão negro das casas lufaram, clamando, uivando, homens em mangas de camisa, mulheres em saiote, velhos e novos – o farto formigueiro duma aldeia.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 200). Procurando o que os arrancara das suas tarefas, descobriram que não se tratava de fogo, ladrões ou franceses atacando, e compreendendo o motivo do alarme «Os paroquianos despiciavam com os estranhos jogando-lhes chufas e impropérios» (Aquilino Ribeiro, 1962: 201). Passaram depois ao confronto físico, mas não levaram a melhor na contenda, pelo que «Pela ladeira abaixo, semelhante a láparos perseguidos por podengos, o povo cristão debandava.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 206), respondendo ainda com uma ou outra pedrada e bradando, por fim, pelo recurso às armas.

Retratado nas intervenções em que se ergue para defender a sua propriedade, consubstanciada tanto no espaço do adro da igreja quanto na pureza das jovens ceifada por monstruoso predador, razão das incursões pelas povoações e pelas serras em que não se desdenha o recurso a vários tipos de armas, da carabina à pedra, é também observado em circunstâncias em que a curiosidade, a religiosidade e a solidariedade impulsionaram a sua acção.

Embora com menor relevância, as actividades que preenchem o quotidiano popular estão igualmente presentes na narrativa. Estão representadas através dos utensílios de trabalho exibidos pelos elementos das várias populações que participam na expedição à serra e, ainda que observadas sem pormenor descritivo, são recorrentes na obra. Assim, Micas Olaia apascentava o rebanho quando foi acometida pelo Papa-moças; as pastoras partiam para os montes escoltadas

por homem que as protegesse; Maria da Encarnação participava nos trabalhos domésticos e colaborava no negócio familiar inicialmente e, mais tarde, fazia trabalhos de costura pelas povoações, «Tem mãos de fada e, pelas aldeias, a bordar a talhar, a costurar, todos ficam a morrer por ela», (Aquilino Ribeiro, 1962: 224) enquanto a mãe, paralítica, costurava e fazia outros serviços como amassar e tender o pão; padre Jesuíno estava frequentemente preocupado com as suas tarefas agrícolas; Leopoldina costurava, trabalhava para o asseio dos seus e tratava da sua jeira de linho; mulheres trabalhavam nos campos «campos fora, andavam mulheres regando e erguendo os linhos» (Aquilino Ribeiro, 1962: 133) e «A moças entretidas a deitar ao linho um bochecho de água, a mondadeiras picando os batatais, a pastores atrás do rebanho, desatinado sem o velo, cumprimentava, sim, mas com aceno da cabeça sem salvar.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 140); as jovens desprezadas pelas aldeias começaram por vender nas feiras «carregando pelas feiras, na canastra do negócio, quinquilharias, frutas, doces, raminhos de enfeitar.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 223) e, posteriormente, dada a sua boa disposição para o trabalho formaram uma espécie de «Tribo errante, que mondava, sachava, ceifava, apanhava a azeitona, deitava até ao Douro no tempo das vindimas, dando a jorna, em suma onde a requeriam.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 224).

Deveremos recordar ainda que, nas referidas circunstâncias em que ocorreram as intervenções populares, foi frequentemente citado o abandono de tarefas relacionadas quer com o tratamento da terra, quer com a criação de animais.

Para além das actividades na esfera da ruralidade, podem identificar-se outras, que ocorrem em ambiente urbano e que, correspondendo a ofícios, são observadas por padre Dâmaso no seu percurso pela cidade de Viseu «Ainda que a hora fosse matinal, a população entregava-se já aos afazeres de cada dia. [...] Pelas barbearias, fígaros de gaforina não tinham mãos a medir e, nas farmácias, as infinitas farmácias desta terra saudável, dedos longos de praticantes espanejavam as belas urnas, cheias de escovas para dentes e sabonetes, ou aviavam, com o rito da lei, um campónio siderado diante do mostrador. [...] Aqui, nesta loja, em platibanda sobre a calçada, batia-se folha; além, na sombra daquele arco, malhava-se ferro. Nas oficinas do tamanqueiro, os artífices, apoiando o formão no úmero desbastavam com perícia e agilidade inconcebíveis o traço de pau donde deviam brotar as tamanquinhas lépidas e palreiras, orgulho da indústria local. E, entremeadas, sapatarias sem conto confeccionavam bons e genuínos cabedais.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 283-284)

Emergindo na narrativa graças a um olhar pouco minucioso, que incide rapidamente na realidade exterior porque desferido por personagens em movimento, como os olhares de padre Teodoro e de padre Dâmaso, através das palavras do narrador ou de alguma personagem, as actividades focadas não são exclusivamente agrícolas, estando algumas ligadas às artes e ofícios. No meio rural, as tarefas são fundamentalmente atribuídas às mulheres – nas hortas, nos campos com o gado e no espaço doméstico – estando assim sublinhada a vitalidade feminina.

Mantêm estas populações algumas tradições associadas à religiosidade, à sua subsistência e diversões. No âmbito da religiosidade, a peregrinação anual a uma ermida é aludida quando, de regresso à sua aldeia, atravessam Cabrazais «Os de Roufins, que voltavam de cumprir o voto anual à Senhora da Penha do Vouga.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 26). O cumprimento do voto ocorreu no mês de Maio, «com mato florido parece a penha um andor.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 26), período propício às caminhadas e em que a natureza é particularmente aprazível à vista, e envolveu ricos e pobres, acompanhados pelo pároco da freguesia. Embora não se assista aos actos devotos, é colhida a opinião dos eclesiásticos intervenientes face àquela tradição que os transporta para lá dos limites da freguesia e que corresponde a uma sobrevivência pagã, fonte de libertinagem e, ainda que não concorra para o prestígio da Igreja, é apresentado um argumento em favor da sua manutenção: pelo facto de corresponder a uma digressão, contribui para o arejamento dos povos que vivem encurralados entre os montes. É esta a opinião de padre Teodoro, jovem e sensível tanto à beleza da natureza quanto das raparigas, enquanto o ascético padre Dâmaso se manifesta a favor da extinção de votos como este.

Precedida pelo habitual peditório, a esmola para o Santo, decorreu em Roufins a festa em honra de S. Sebastião, mártir glorioso que «Advoga junto da cúria celeste as aldeias montesinhas contra malinas, andaços e mais flagelos que, a não se descobrir caminho, devem manar do céu.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 77). Naquele ano, porém, a maior malina residia na ameaça representada pelo Papa-moças, pelo que o sermão de padre Jesuíno, reputado pregador, estava pejado de súplicas ao mártir para que preservasse as donzelas daquelas terras desventuradas. Não faltou a tradicional procissão em que pontuava o «Andor do milagroso S. Sebastião atado nu a um galho de árvore», nem a charanga para no arraial animar a dança. Foi uma festa concorrida, pois a ela acorreram os populares, gentes das redondezas, e também muitos religiosos, em parte devido ao seu mentor, Quaresma, que «Gizou e realizou tão aparatosa comemoração do Mártir» (Aquilino Ribeiro, 1962: 78).

Lavrador abastado e cioso da integridade da filha, Leopoldina, na qualidade de mordomo competiu-lhe oferecer o banquete aos senhores padres, mais de vinte, do bispado e de fora, bem como a amigos, entre os quais Jirigodes, pelo que duas mesas da escola ocupavam a sala da sua farta casa. Perante os convidados foram desfilando terrinas e travessas repletas, canjirões a abarrotar: uma «sopinha suculenta» de feijão, barriga-de-freira afogado em caldo aromatizado a mão de vaca e tromba de porco; loiros capões envoltos em loiras rodela de batatas; cabrito no espeto; arroz de lebre e, por fim, o arroz doce polvilhado a canela.

Enquanto Leopoldina e Maria da Encarnação se encarregavam de servir os pitéus e o anfitrião tratava dos vinhos, suas reverências iam mastigando e conversando ora sobre as suas preferências culinárias, ora sobre os últimos ataques da besta e sua possível natureza, ora comentando a qualidade da comida e da bebida, havendo ainda tempo para o relato de padre Moura Seco sobre o sucedido no convento da Tabosa e umas “partidas” ao gosto dos presentes. No arraial, ao som de morteiros e da charanga, entre pipas e cabeças partidas dançavam os populares.

Exercitação para a guerra, diversão ou fonte de subsistência a caça acompanha o homem desde tempos imemoriais, sendo praticada por algumas personagens de *Andam Faunos pelos Bosques* e favorecida pela proximidade e extensão da serra.

Gosto pela caça tem padre Jesuíno «O abade prefere-lhe o tempo em que possa dar dois tiros às perdizes» (Aquilino Ribeiro, 1962: 29), sendo passatempo de eleição de Pedro Jirigodes «Quando não passeava, caçava, andava no rio à pesca» (Aquilino Ribeiro, 1962: 49), afamado batedor de montes e conhecedor de laços, distinguindo-se também pela sanha com que perseguia o lobo e a raposa. Amante da caça, Jirigodes começou por interpretar a recentemente aparecida «abantesma» como um presente da Providência para aumentar a sua popularidade, pretexto que lhe proporcionaria o ensejo para se lhe dedicar ainda mais, para seu desenfado.

Acontecimento social que envolveu várias povoações e quebrou a monotonia da vivência serrana, a caçada ao salteador atraiu curiosos, fidalgagem de província que, em passeio, de piquenique e arraial programados tencionava divertir-se «Vadiagem de gravata e chapelinho, que muito bem podia comprometer o êxito da jornada! Mas que embargos tentar contra a fina-flor de cinco concelhos, para ali disparada de rota batida ao cheiro do maravilhoso?!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 59).

Como em arraial aguardando o início da festa, uns, em ranchos, pareciam jogar, outros conversar divertidos, e outros ainda ler ou dormir, quando já se observavam toalhas brancas na relva e, finalmente, chegou o taberneiro com a sua pipa de vinho. Porque o tiroteio soou no meio do arraial, inesperadamente, as reacções não se fizeram esperar, ocorrendo desmaios, corridas alucinadas e rezas, após o que serenados os ânimos e dada por concluída a caçada, Jirigodes foi recebido como o herói de uma expedição bem sucedida, com vivas e salvas gloriosas. Tal como era da praxe, logo surgiram acepipes, um leitão, pernil de cabrito, asa de galo e pastéis de bacalhau, na ementa e nas mãos se distinguindo o rico do pobre, sobrevivendo o momento do repouso, quando «Fidalgos começaram a alargar a carcela e a arrotar» (Aquilino Ribeiro, 1962: 71) e, como número de diversão, quiseram ouvir um sermão do louco Baltasar.

Porém, nem sempre os sermões de Baltasar divertem a audiência e particularmente o que profetiza para algumas jovens enfurece pais e namorados que, depois de o incitar à prédica, não hesitam em recorrer à força para o calar. O piquenique que rematou a formidável caçada terminou com o usual bailarico e acompanhados pelo som das gargalhadas de Baltasar, ricos e pobres dançaram modinha após modinha.

A música e os sermões de Baltasar são diversões apreciadas e, como tal, frequentemente requisitadas, como acontece quando padre Jesuíno acolhe em sua casa os que regressavam da peregrinação à Senhora da Penha do Vouga, padres e amigos. Nessa ocasião, depois da prova do vinho palhete e da travessa de cavacas de Tabosa apeteceu o som da viola, porém, como Baltasar passava, cantando, logo foi exortado a pregar um sermão, a troco de comida, e depois a vender duas lérias por um vintém.

Se as peregrinações, os peditórios a favor dos santos, as missas festivas, as procissões, os arraiais com os seus comes e bebes, bailaricos e almoços de religiosos e as caçadas, mais ou menos fabulosas se inscrevem na tradição popular, na tradição regional se insere a «supersticiosa usança» (Aquilino Ribeiro, 1962: 133) de pelo S. João, em noite de boas fadas, pelos campos, os rapazes se espolinharem no linho.

Populações religiosas e supersticiosas, várias crenças pautam o seu quotidiano. Entre elas, a crença na libertação do demoníaco pelo exorcismo, prática que Feliciano solicitou que padre Jesuíno exercesse sobre Micas Olaia. Acreditava Feliciano que a pastora fora atacada pelo Diabo «O demónio, que eu arrenego na morte e na vida, fez pouco dela!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 14), argumentando face ao incrédulo padre, que se escorava na natureza espiritual do apontado

atacante, com as leituras por ele realizadas que exemplificavam práticas carnais com as Freiras de Santa Radegundes, invocando ainda os testemunhos de pastores e os apresentados nas Santas Escrituras. Aliás, como afirmará mais tarde a ama de Padre Jesuíno, Deus teria apontado o culpado, o negro do inferno, pela boca de Baltasar e era do conhecimento geral que o Demónio se disfarçava em diversos animais para se aproveitar das donzelas. Aduziu um exemplo da arte do disfarce dominada pelo Diabo, aquele em que «em traje de madama» (Aquilino Ribeiro, 1962: 24) se apresentou a S. Filipe, requerendo que padre Jesuíno confirmasse tratar-se de episódio devidamente registado e, depreende-se, consequentemente fiável.

As hipóteses explicativas da entidade enigmática não se esgotam, contudo, nesta crença no sobrenatural ortodoxo, testemunho da religiosidade popular como atesta o exemplo de Feliciano. Ocorre na *vox populi*, apesar de algumas certezas individuais:

«- Isto foi façanha de vagabundo!

- Qual, foi mão foi de lobisomem!

- Juro pelas meninas dos meus olhos – protestava um brasileiro – que só pode ter sido chimpanzé escapo de jaula aos saltimbancos.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 23), um amontoar de dúvidas perante as hipóteses aventadas «Os povos deram então largas às versões mais maravilhosas no tocante à natureza do monstro. Se não era homem, que pareciam aquilo andanças sobre-humanas, nem fera bravia, que tinha discernimento, nem demónio, que lhe minguavam os galhos, tão-pouco lobisomem, que só se movia em dois pés, que raio poderia ser?» (Aquilino Ribeiro, 1962: 48). Assim, a participação na caçada ao Papa-moças ou Bicho-mau, figura que corresponde à hipótese mais unânime e cuja existência fora até confirmada por Baltasar «- O Papa-moças? Vi, quantas vezes! – respondeu o doido num vozeirão soturno, como engrossado por borrifador – Deus e o Diabo, quando ele aparece, escondem-se por detrás das paredes.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 25), documenta a influência do maravilhoso pagão nas crenças populares.

Ainda a propósito do maravilhoso cristão, deverá considerar-se a boa nova de que Maria da Encarnação é portadora quando regressa da serra, aonde fora conduzida por voz que, insistentemente, a chamava e que Jirigodes sintetiza perante o céptico padre Teodoro: «Que chegou um anjo, o Inefável, e que vai mudar o curso da vida;» (Aquilino Ribeiro, 1962: 134). É também Jirigodes que revela a calorosa recepção que o povo dispensa à mensagem da ex-noiva «O povo abraçou-se a ela a rir, a chorar, a pedir Inefável por todos os foles» (Aquilino Ribeiro,

1962: 134), dando a entender que as situações anteriores tinham contribuído para criar um clima de aceitação «Vozes, alaridos, fábulas sem pés nem cabeça – o maravilhoso engrossou de maneira que a Maria da Encarnação quando apareceu a anunciar o Inefável nem foi corrida nem assombrou ninguém.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 134-135), e sugerindo que na mentalidade popular o maravilhoso cristão e pagão se entrecruzavam.

Acresce que a sucessão dos atentados perpetrados pelo Bicho-mau assume, para alguns, os contornos de catástrofe anunciadora dos fins dos tempos «Havia semanas esquecidas, sonhava-se na serra com o fim dos tempos. O sinal dava-o o monstro, tão enigmático como libertino.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 78), confirmando profecias vindas de tempos imemoriais «Velhos pernósticos do tempo das almotolias de barro, fabularam o advento do Anticristo» (Aquilino Ribeiro, 1962: 48). Em consonância com o clima apocalíptico, padre Jesuíno colheira o tema do sermão a proferir na festa de celebração do mártir S. Sebastião, no Apocalipse de S. João, reagindo os fiéis imbuídos do mesmo espírito, exibindo gestos extremados.

O assalto a jovens indefesas propicia a referência a um conjunto de santos, protectores em diversas ocasiões, bem como a referência a práticas religiosas, entre elas a encomenda ao Santo Anjo da Guarda e o apego a todos os santos e santas de devoção, como recurso em hora aflitiva. Santas protectoras das mulheres seriam Nossa Senhora da Lapa, aconselhando Feliciano que Micas Olaia lhe fizesse promessa para se limpar da sarna do Mafarrico, e Santa Eufémia, que ajuda no bom parto e «Pode livrar esta desgraçadinha da prenhez.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 24). Também se observa a crença na protecção conferida pela madrinha na hora do baptismo, pelo que a má sorte de Micas se devia, na superstição de Feliciano «Aquilo foi por lá tua madrinha, essa zovineira da Rita Quaresma, que te não pôs a mão com a fé toda, no baptizado. Pobre de quem nasce com má estrela!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 17), servindo a figura tutelar da madrinha ainda como testemunha do baptizado, situação invocada por Baltasar quando responde a Pedro Jirigodes, que lhe recorda a sua fama de bruxo, «- Sou cristão, tio Pedro, afocinhado na pia benta pelas mãos da Ana Fusca, que é cristã e confessada.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 179).

Ocorre no decurso da acção da obra o lançamento de maldições, que é o caso quando, expulso da aldeia de Rio Verde «Com aquele peremptório que se usa a enxotar os cães» (Aquilino Ribeiro, 1962: 204), do escorraçado grupo das Inefáveis soa a voz do mendigo pernetá, rogando praga que põe em pé os cabelos dos paroquianos: «- Castigados sejais, judeus, piores judeus que os que crucificaram a Cristo! Oxalá que o fogo consuma as vossas casas e

searas, e a malina vos não deixe de pé uma só rês do rebanho! Que vossos filhos dêem em ladrões e vossas filhas acabem no fado! Que, por onde passeis, sequem as ervas e as fontes e mirrada se torne a mão que vos socorrer! Oxalá!!...» (Aquilino Ribeiro, 1962: 205), pois o conteúdo da praga atinge-os nas propriedades, na descendência e na esperança de melhores dias, comprometida pela desonra dos descendentes, pelo infortúnio e desgraça nas relações. Baltasar concorre igualmente com algumas pragas, conforme relata a Jirigodes quando se encontram de atalaia, na serra. Segundo revela, os visados foram os que constantemente o desprezavam e maltratavam, pelo que, seguindo os ensinamentos do seu mestre e benfeitor, o doutor Telmo, em noite de escuridão, invocou, rezando, as almas dos enforcados, que responderam ao seu apelo, prontificando-se a satisfazer os seus propósitos. Atingiu-os, indirectamente, por intermédio das mulheres, suas futuras esposas «Que o trangomango dê nas moças – respondi – e os homens que hajam de as levar, as levem desmoçadas, prenhasdas, batidas e rebatidas como as areias do mar.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 168), vangloriando-se de a praga ter surtido efeito, pois Micas fora imediatamente atacada. Relatou mais: tinha rogado praga, também, às cerejas por ter caído de cerejeira e partido as costelas, pelo que, mal amadureciam as cerejas enchiam-se de bicho.

Está representado em *Andam Faunos pelos Bosques* o gosto popular pela entoação de cantigas. Associados ao grupo das Inefáveis, os cânticos anunciavam-no, ecoando nos montes, assim denunciando a Jirigodes a proximidade do grupo, quando, de plantão com Baltasar ruminava vinganças «Era um cântico, mais e mais animoso» (Aquilino Ribeiro, 1962: 189). Nesse cântico, cuja letra é de uma modinha popular alusiva à dança e revelando espíritos joviais, reconhece Jirigodes, entre outras, a voz de Maria da Encarnação «Argentina, educada nas novenas de igreja» (Aquilino Ribeiro, 1962: 189) e anteriormente treinada em «Esfolhadas e caminhos de romarias» (Aquilino Ribeiro, 1962: 104). Baltasar também entoa cantigas enquanto deambula pelas ruas: o texto brejeiro reflecte as suas preocupações relativamente ao sexo oposto, caricaturando a situação feminina retratada na obra.

4. *Personagens femininas*

Não se pode qualificar de variada a galeria de personagens de *Andam Faunos pelos Bosques*. Daqueles «Povos encurralados entre montes» emergem figuras talhadas pelo meio físico e social, com valores e crenças enraizados na tradição, concretizando o ponto de vista do autor «Para mim o homem só conta no seu meio, tanto físico como social. Quero-o evoluçionando no cenário que lhe é próprio. E cada ser ou cada coisa à volta, um amigo, um cão, uma árvore, desempenham o seu pequeno papel, têm pelo menos importância documental.»⁶⁴.

Na galeria das personagens femininas avultam jovens trabalhadoras, boieiras, zagalas, raparigas das jornas, morgadas e mulheres de meia-idade, na qualidade de esposas e mães. Quanto às personagens masculinas, entre pais e noivos, alguns lavradores abastados e proprietários rurais, representantes da lei e da ordem, um comerciante e um louco, avultam os religiosos.

Na verdade, muitas jovens trabalhadoras são apenas mencionadas, figurantes inicialmente involuntárias da *tragédia* que varreu as aldeias serranas: «Abusou no mesmo dia, à tardinha, duma padeirita de Nacomba e, logo às Trindades, duma mateira de Vila Cova» (Aquilino Ribeiro, 1962: 47); «A fera abocanhou, esta manhãzinha, uma moça da Lapa quando vinha para a festa.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 86), e sintetiza padre Jesuíno: «-Em poucos meses passou a dente as sirigaitas mais tenrinhas da serra.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 88). Depois que foi divulgado o advento do anjo, tornaram-se participantes voluntárias: «Pelas aldeias, as raparigas tinham desandado em fêmeas voluntárias e confesas de serralho.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 181-182); «Donzelinhas, mal a pojar dos seios, foram oferecer-lhe a flor temporã da puberdade.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 182); «A Júlia do Gomes desaparecera uma tarde para só volver dois dias depois.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 182).

Serviçais, embora desempenhando tarefas domésticas, são Eufémia, Cândida e Silvana. Eufémia trabalha em casa de Geraldo Pateiro, pois a dona da casa, paralítica, está impossibilitada de realizar muitas tarefas. Para além do trabalho na cozinha, também colabora na venda de pão, negócio da família. Cândida e Silvana, mãe e filha, trabalham para padre Dâmaso depois que a

⁶⁴ Afirmação de Aquilino Ribeiro incluída no referido *Solilóquio* publicado por Manuel Mendes, p. 67.

irmã, Maria José, partiu e o religioso lhes abriu as portas de casa e entregou as chaves, vislumbrando nelas o reflexo de personagens bíblicas. Jovem e bela, a meiga Silvana trouxe algum conforto e alento a padre Dâmaso que, escasso de simpatia humana, admira a sua alma singela e amorosa.

A zagala Micas Olaia foi a primeira a sentir o amplexo do Papa-moças, ocorrido quando no monte apascentava o rebanho. Socorrida por Feliciano, a bela jovem surge a soluçar, escondendo o rosto e exibindo vestígios do ataque na trança desfeita e na roupa rasgada, que descobria o seio. Só depois de muito chorar, reconfortada e consolada por Feliciano, mas envergonhada, Micas contou o que recordava do sucedido, que era pouco, pois perdera a noção das coisas quando tombara no chão. Descreve alguns traços do atacante: «A andar tinha tudo de gente: a cara era também como a nossa tal e qual; mas lá o corpo pareceu-me peludo...» (Aquilino Ribeiro, 1962: 18); «A testa dele, de branca e lisa, até brilhava. O cabelo, esse, é que se me afigurou basto e áspero como a clina dos cavalos.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 19), mostrando vestígios das suas unhas ovaladas nas pernas. A jovem aceita a roupa cedida e desnuda-se, pelo que o seu corpo pode ser observado tanto pela ama como por padre Jesuíno que, camuflado, o admira, comentando Feliciano: «-Não vá a tua desgraça mais longe. Que agrados não te faltam para caçar homem.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 21). A sua má estrela devia-se, no entendimento supersticioso de Feliciano, à pouca devoção da madrinha na hora do baptismo, tendo a ama admoestado a moça por não ter rezado ao Anjo da Guarda, pedindo protecção. A primeira a ser acometida, Micas, foi igualmente a primeira a dar à luz e padre Jesuíno dera instruções «-Se a cria não for à nossa imagem e semelhança, esganem-na!» (Aquilino Ribeiro, 1962:277), porém, nasceu um perfeito e saudável rapaz, desejoso de sugar o seio materno.

Leopoldina, filha do abastado lavrador José Quaresma, «Pombinha de papo de neve» (Aquilino Ribeiro, 1962: 73) na boca de Baltasar, costurava e cuidava do asseio do lar, cuidando também de uma leira que o pai lhe plantara na beira do rio. Devota, foi em peregrinação à Senhora da Penha do Vouga e, como espectadora que procura diversão, compareceu à caçada relatada no capítulo II. Gorado o objectivo da caçada, padre Teodoro gracejou, afirmando que matar o Papa-moças era condenar as aldeias serranas à pasmaceira, opinião que Leopoldina corroborou dizendo «- E para o ano não havia mais brequefesta!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 69). Pressentira-se, em três momentos da narrativa, crescente intimidade entre ambos: primeiro, no regresso da peregrinação, quando a propósito de casamento e dos cravos vermelhos que

Leopoldina exibia na blusa, padre Teodoro aplicou o ditado «Moça florida ou requer ou é requerida.», e como a jovem os retirasse, comentou Teodoro: «- Se florida estava, florida fica!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 38), aludindo à beleza natural da rapariga que, brincalhona e atrevida, acabou por os colocar na boteira do padre, perfazendo as palavras e os gestos um jogo de sedução em que ambos participaram. Depois, durante o piquenique que rematou a caçada, pela proximidade física e pela concordância de opiniões e, por fim, no banquete oferecido por Quaresma, pela atitude de padre Teodoro: «O outro com familiar sem-cerimónia seguia na cola de Leopoldina [...] e desaparecia atrás da moça nas sombras da cozinha a acender o seu cigarro.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 100), que depois saiu «Bamboleando-se nas pernas altas, desleixadão, o cigarro na boca a fumar» (Aquilino Ribeiro, 1962: 101), não se tratando apenas da familiaridade, mas também da suspeita plantada pelo narrador, ao reportar-se ao modo como Teodoro seguiu Leopoldina e depois saiu da cozinha. Esta suspeita é ainda alimentada pelo teor da afirmação anterior de Teodoro alusiva ao «turbulento calor» de Adão e Eva na hora do amor e à brusca interrupção do diálogo que mantinha, precisamente para seguir a jovem.

Foi o apreço pela integridade da filha que decidiu Quaresma a organizar e custear a festividade em honra de S. Sebastião e padre Jesuíno recordou-o no sermão: «“Escutai as atribulações deste pai de família, este honrado José Quaresma, por indústria do qual hoje vos dignificamos, Senhor!» Ponde a mão sobre a fronte angélica de sua filha Leopoldina, uma açucena nos montes, Senhor!”» (Aquilino Ribeiro, 1962: 79), desdobrando-se depois a moça em atenções e cuidados para o servir. Aliás, o desvelo da jovem foi constante durante a festa: chamando os senhores padres, transportando travessas, servindo e tratando das louças.

A pressentida intimidade de Leopoldina e padre Teodoro é confirmada no capítulo V, onde se desvenda a profundidade da relação. Atarefada regando o campo de linho, surge aos olhos do padre «Envolta na miríade azul das flores do linho, branca e vaporosa como Nossa Senhora nos céus ideais dum Murillo!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 140) e não deixa de lhe dar a entender que se apercebeu da sua presença. Confirmando a gravidez, a rapariga responsabiliza-se, reconhecendo a sua culpa ao aceitar as investidas do padre «-Não lhe desse eu aceitação, que o senhor não teimava...Fui uma doida...não via mais ninguém no mundo.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 144) e lamenta tê-lo colocado naquela situação embaraçosa. Porque não divide culpas, atribuindo à sua paixão, à sua loucura e, portanto, a si as responsabilidades, desculpabilizando o amante, Leopoldina chama a si a resolução da situação e recusa as soluções propostas por

Teodoro. Argumenta com o escândalo, com a violência do pai, aceitando fugir mas só depois de experimentar uma artimanha que arquitectara e não revela. Essa artimanha, que consistia em atribuir ao Papa-moças a perda da virgindade, preservava a honra do amante, uma vez que a sua estava irremediavelmente perdida. Porém, não o entendeu assim padre Teodoro, não aceitando «Albergar-se ardil assim maquiavélico em cabecinha tão formosa e estouvada?!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 152). Leopoldina precisará de repetir o seu motivo, «No propósito de o poupar a trabalhos e dissabores, e no medo de o perder» (Aquilino Ribeiro, 1962: 163), precisará de chorar e pedir repetidamente perdão para que Teodoro relevasse o que considerara uma falta imperdoável.

No argumento que finalmente apresenta, a jovem revela sagacidade e o sentido de oportunidade que a norteou: retomando as palavras que Teodoro utilizara para a convencer da supremacia do amor face ao artificialismo das convenções que os regiam, demonstrou que utilizara a arma que prevalecia ao seu redor e o próprio amante manobrava em seu benefício, a mentira - «Não me disse que tudo era mentira neste mundo, a honra, o pudor, a religião, as santidades que para aí se apregoam? Não me disse isso, e que só havia uma grande verdade à face de Deus, superior a nós, que se não tolhia com coisa nenhuma e nos chamava uns para os outros, de perto ou de longe, contra ventos e marés: o amor? [...] – Se tudo é mentira em roda de nós, como resistir à mentira senão mentindo?» (Aquilino Ribeiro, 1962: 162).

Do destino de Leopoldina só se saberá mais tarde, quando padre Moura Seco informar José da Veiga, filho de padre Jesuíno, que se interessava pela morgada, «O padre Teodoro já tem a Leopoldina em casa.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 241), embora a jovem não tivesse escapado à marginalização a que eram votadas as que tinham sofrido o assalto do Papa-moças : «Magoava-me ver a Leopoldina cuspidà à margem, só isso!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 241). Diferente foi o percurso da também morgada Maria da Encarnação, filha de Geraldo Pateiro e noiva de Pedro Jirigodes, jovem de vinte anos, loirinha, de olhos claros, a única que «Acompanhava pelo livro de Horas os passos do santo sacrificio.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 104) na homilia de padre Jesuíno.

É o pensamento de padre Jesuíno que permite conhecer traços do seu carácter e marcos da sua ainda curta biografia: a boa disposição e alegria que desapareceram por influência da pregação de missionário; a excessiva religiosidade, instilada pelo pregador, que se foi manifestando em gestos cada vez mais direccionados para os assuntos religiosos e a instalação,

em Cabrazais, por sua iniciativa da Associação do Sagrado Coração de Jesus, transformando-se a jovem numa «Espécie de madre-sacristã na igreja mal casada.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 105). O fervor ascético originara mesmo uma tentativa de fuga para um convento em Espanha, abandonando a família (caduco o pai e paralítica a mãe), não diminuindo depois de intensidade, a ponto de se equiparar a santas mártires. Pedro Jirigodes, seu insistente pretendente, foi finalmente aceite por noivo, com a aprovação dos pais, que a queriam casada para se libertar da beatice, do padre missionário e das beatas, quando foi mordomo da festa de Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens.

No capítulo IV assistimos à confissão de Maria da Encarnação, confidenciando a padre Jesuíno que, em sonhos e mesmo acordada, uma voz muito bonita a exortava a ir à serra, desarmada, para enxotar o medo. Acreditava a rapariga que tão melodiosa voz só podia vir do céu «Fica-me o corpo banhado em gozo tão incomparável, tão doce, que me esqueço de mim e da terra! – dizendo o quê, em tom exaltado, arqueava os olhos para o tecto, nas reminiscências do sumo deleite.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 108). A persistência da voz, que todas as noites soava aos ouvidos da rapariga, depressa lhe corroeu a paciência aconselhada por padre Jesuíno, juntamente com a necessária prudência, tornando a jovem a contactá-lo, na firme intenção de partir para a serra. Refutou objecções, estribada em argumentos bíblicos, e «Certa de lhe vir do alto a missão salvadora, abalou dali mais radicada que nunca em seu propósito.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 112). Partiu sem dar conhecimento nem a sua mãe, a paralítica de quem era o Anjo da Guarda, que ao estranhar o comportamento da filha e pensando tratar-se de apoquentação devido ao casamento, lhe sugeriu que quebrasse o compromisso com Jirigodes, pois dele não dependia para sobreviver. No regresso da serra, Maria da Encarnação é portadora de boa nova, arauto do advento de um anjo, o Inefável, eleito do Senhor e anunciado pelas Escrituras, cuja função seria regenerar a raça. Considerando-se santificada, porque ungida pelo anjo, recusou o contacto do noivo e anunciou ao povo, dirigindo-se particularmente às virgens e às que choravam a virtude roubada, na galilé da igreja, a chegada do anjo redentor dos corpos. Jirigodes, que assistiu ao ocorrido e o relata a padre Teodoro, fala da áurea de santidade que envolvia a jovem e da recepção do povo ao seu sermão, acrescentando que não regressara a casa desde então e «Que o pai desabriu mão dela.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 139). Constituiu então o grupo das Inefáveis, que congregava as jovens desprezadas pelas famílias e marginalizadas nos lugares, e que, trabalhadoras e prendadas, iam trabalhando por onde passavam, assim provendo

ao seu sustento. Maria da Encarnação continuou a divulgar a chegada do anjo regenerador do mundo pelas naves das igrejas montesinhas e pelas ermidas serranas, sendo certo que desposaria o morgado de Quijó, que comprara terras para albergar a *comunidade do Inefável*.

Também Maria José, a irmã de padre Dâmaso, abandonara o lar, numa atitude que colheu o religioso de surpresa ao regressar de Viseu: «A Maria José, a doce e extremosa irmãzinha, a anémoma fragrante do seu claustro, desaparecera nos braços dum sedutor!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 320). Declarava, em carta endereçada ao irmão, que partia obedecendo ao coração, afirmava a sua felicidade e pedia perdão pelo gesto. Na fuga, deixara Júlia, a rola que tinha acolhido e tratado e que padre Dâmaso deixará em liberdade, acreditando que o destino de uma repetiria o da outra e que ambas regressariam, porém, a rola depois que viveu em liberdade não regressou ao cativoiro, «Mas do pinhal partiu um apelo, *cucurru, cucurru*, ao mesmo tempo doce e intimativo, voz de fauno, e em contra das blandícias, da fartura, da tranquilidade, a rola bateu asas e disparou.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 332) equiparando-se, portanto, o destino de ambas, já que Maria José também não regressou.

Mulheres de meia-idade completam o painel das personagens femininas e emergem na narrativa, algumas sem nome próprio que as individualize, na qualidade de esposas e mães: Feliciano, a mulher de padre Jesuíno; tia Quaresma, a mulher de Quaresma; a mãe de Maria da Encarnação e a mãe de Micas, Ana Olaia. A tia Quaresma e Ana Olaia intervêm uma vez na narrativa: a segunda após o ataque do Papa-moças à filha e a primeira por ocasião da festa organizada pelo marido, durante o banquete oferecido aos religiosos em que, como anfitriã, não se senta à mesa com os convidados, limitando-se a servi-los. Quanto a Ana Olaia, representando as serranas pobres cujas filhas foram desonradas, um parágrafo resume a sua vida: «Ana Olaia, rosto sobre o comprido, terroso, polvilhado de cinza pelos cabelos ruços, mal trançados, seio de tábua em que o xaile sobrepunha uma larga e negra cruz, amaldiçoava a sua cadela de sorte e a hora em que a mãe a botou no mundo. E a sua voz tinha a lástima plangente, cegarrega, dos aleijadinhos nos enxurros dos arraiais.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 25).

Maior relevo na acção assumem Feliciano e a mãe de Maria da Encarnação. Feliciano, a curiosa mas prestativa e caridosa mulher de padre Jesuíno, acolhe e consola a pastora Micas, tratando as mazelas físicas e espirituais da jovem. Tendo sofrido as agruras inerentes à sua condição de amásia de padre, para fugir ao escândalo, fora dar à luz longe de Cabrazais. A idade e a convivência com os assuntos religiosos, juntamente com a tradicional superstição, conferiam-

lhe saber e sensibilidade particulares, que se manifestam quando socorre a zagala e, mais tarde, em público, defende o seu ponto de vista quanto à natureza do agressor. Especialista em «demonologia», conhecedora das muitas artes do Demónio, admoesta padre Jesuíno «O senhor já se não lembra de ter lido que não foi uma só vez nem duas que o foram caçar escarranchado na cama com as freirinhas de Santa Radegundes?! Não se lembra? Homem, ao que come e ao que dorme está mesmo asno chapado!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 14), requerendo, portanto, que o padre esconjure o maléfico. Cerca a pastora de perguntas, na tentativa de identificar a feição que o Diabo assumira, e também aconselha a jovem, condoída e ciente de que não se sabia defender «Sois umas brutas! Pois ali é que era apegares-te a todos os santos e santas da tua devoção...» (Aquilino Ribeiro, 1962: 19), o que, aliás, já teria feito anteriormente por causa do seu estudante, «galo doido» que a cortejava. Lamentou Feliciano a sorte da infeliz, consolando-a porque não tinha sido culpa dela e porque lhe sobravam ainda muitos encantos, limpando-a, agasalhando-a e enxugando a lágrima que deixara escapar na sua comoção. Feliciano acredita que Baltasar, na sua loucura, pode ser veículo da palavra divina, perspectiva que defende no largo «-Culpem mas é o Diabo negro do inferno que já pela boca verdadeira do Baltasar doidinho o apontou o Deus que tudo vê e tudo sabe!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 23), embora dê a entender que o receia e não lhe dedique um tratamento que a distinga dos outros, que o destratam «-Prega lá um sermão e mato-te a fome...!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 41).

Preso a uma cadeira de rodas, «Sobreviera-lhe o tolhimento ia fazer dez invernos, em seguida a um desmancho, e não houvera doutor, nem bruxa que se entendessem com o mal.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 122), a mãe de Maria da Encarnação, de cerca de cinquenta anos, continuava a dirigir o governo da sua casa, realizando outras tarefas como costurar, amassar e tender o pão. O horizonte máximo de que desfrutava era o que divisava da sua varanda, para onde podia conduzir o carrinho que a transportava, embora em tempos tivesse corrido feiras e romarias, dançando a chula. Com um sentido de observação e uma sensibilidade que se aguçaram com a imobilidade, pressente a inquietação da filha, de quem depende para se movimentar, e reconstitui os passos dos seus, que se preparam para ir para o mercado, acompanhando-os caminho fora, graças à percepção auditiva. Mãe e esposa preocupada, sugere à filha que termine o noivado, não se revelando prisioneira de palavras e compromissos e reflectindo um espírito liberto de posturas tradicionais: «Torna a palavra ao senhor Jirigodes e que vá bater a outra porta. Louvores ao Altíssimo, quando nós morrermos, ainda acharás nesta casa pão que te bonde para a

velhice.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 114), e orienta o marido, alertando-o para o perigo das tabernas e lembrando-o das necessidades da família.

Enquanto aguarda que a filha a ajude a erguer-se, feitas as orações e desvanecidos os indícios dos que se deslocavam, acompanhou o despertar dos galos, identificando um a um a quem pertenciam e mentalmente visualizando a sua constituição e o colorido da sua plumagem, à medida que descrevia o seu canto «A ária da manhã era um desatar de fanfarra, de esplêndida fanfarra, difundindo por céu e terra exultação e claridade.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 118) Considerando que todos os viventes procuravam o mesmo – comer e amar -, irmanando homens e bichos, a parálitica ia descobrindo na sinfonia das capoeiras os diálogos sobre ementas e galinhas, a afirmação de diferentes personalidades. Com o nascer do dia, o despertar da vida avolumava os ruídos do exterior, deixando-a perceber conversas de vizinhos e gestos do quotidiano que lhe lembravam o que em tempos a ocupara e agora lhe estava vedado. Lamentava, acima de tudo, não poder assistir a uma missa, ir à fonte, à horta ou à boca do forno, acções que tinham preenchido a sua vida e agora lhe faltavam, desaparecidas com a mobilidade das pernas, por isso fazia promessas a Santo Amaro: «Ah! se Santo Amaro fizesse o milagre de lhe restituir o movimento, quantas voltas, de joelhos, à sua capela não daria? Quantas, além de duas pernas de cera, promessa de amortalhada, e novena todos os anos enquanto viva estivesse?!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 122). Entre orações e pensamentos, à medida que a manhã avançava e a filha não respondia ao seu chamamento, aumentava a sua inquietação de mãe até que, desvairada, gritou por socorro, só se tranquilizando quando soube que Maria da Encarnação não estava no quarto «Porque a grande, a imediata ideia negra se dissipava em seu coração de mãe.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 129).

5. Personagens masculinas

Se na galeria de personagens femininas se salientaram as jovens, assaltadas pelo Papatrapas ou seduzidas pelo anjo Inefável, no que diz respeito às personagens masculinas observa-se o contraponto: deparamos com pais e noivos, anónimos e individualizados, a que se juntam representantes dos poderes instituídos, um comerciante, um louco e um grupo constituído por muitos religiosos, em que se destacam cinco.

Para além dos pais e noivos anónimos «Fracassadas as batidas, voltaram-se pais e noivos para Deus.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 78), recorta-se um conjunto de personagens com variável intervenção na acção: Zé Margarido, Gomes e o professor de Pendilhe são meramente referidos («Já o Zé Margarido dera uma surra na filha, de pregões a correr com o professor de Pendilhe, porque tentara largar. A Júlia do Gomes desaparecera uma tarde») (Aquilino Ribeiro, 1962: 182); já tio Olaia intervém para insultar e desacreditar a filha «-Grande coira! – exclamou a deslado, gingando, o pai da rapariga, a quem “para a sossega” tinham atufado de vinhaça.- Quer fazer acreditar que não foi homem que se deitou a ela!...» (Aquilino Ribeiro, 1962: 24), enquanto Pedro Jirigodes, por exemplo, tem significativa intervenção na acção.

Geraldo, pai de Maria da Encarnação, não assume papel de relevo. Integrou o grupo dos que foram em peregrinação à Senhora da Penha do Vouga, tendo sido abordado, no regresso, por padre Jesuíno que pretendia comprar-lhe um terreno que confinava com a sua propriedade. Abastado e trabalhador, quando a filha regressou da serra, não usou violência sobre ela, como supunha padre Teodoro, mas atendendo ao que Jirigodes confidenciou: «Dizem que o pai desabriu mão dela.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 139).

Quaresma, pai de Leopoldina, tendo herdado do avô terras e casa apalaçada, é igualmente abastado: mordomo da festa em honra de S. Sebastião, oferece o banquete aos eclesiásticos e também o repasto na romaria em que acompanhou a filha. É precisamente no regresso da Senhora da Penha do Vouga, em casa de padre Jesuíno, que Quaresma revela o apreço e admiração que tem por padre Teodoro: «Cães de Nisa, ainda ontem abriera coroa, já era um dos sacerdotes – salvo seja o reverendo abade ali presente, que nesse não se falava – que melhor sabiam prantar uma sobrepeliz. Rasgado no eclesiástico, correntão na sociedade, cinco de oiros

na política, nascera com a “ária” toda!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 38), mostrando ainda o gosto que tem em o obsequiar, preocupando-o não ter oferecido repasto condigno. Devoto, acautelando a integridade da filha pois fazia planos para o seu casamento («Tinha-me de condessilha, não sei lá para quem, há-de-lhe custar dar o braço a torcer.») (Aquilino Ribeiro, 1962: 145), a ele se ficou a dever a comemoração do mártir S. Sebastião, participando também activamente na procissão e demais festejos. Sensibilizou-se Quaresma com o sermão de padre Jesuíno, elogiando-o «Estes que a terra há-de comer nunca ouviram melhor» (Aquilino Ribeiro, 1962: 81), tendo alimentado a esperança que as santas instâncias enxotassem o Bicho-mau, embora não estivesse demasiado confiante «- Pois sim, sim, mas sempre ouvi dizer que muito fiar em Deus é de sandeus.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 82). No diálogo que acompanhou a refeição dos religiosos não teve Quaresma participação activa, ocupado que estava a servir os convidados, «Ó Quaresma, estamos às escuras, esta pichorra deu o que tinha a dar. [...] Atesta, Quaresma, atesta!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 88), provavelmente não só por falta de oportunidade, mas também por falta de conhecimentos entre tantos e tão doutos convivas, eclesiásticos habituados a lidar com a palavra, «Ou que estivesse já deitando as duras contas ao festim» (Aquilino Ribeiro, 1962: 97). Caracterizado por Leopoldina, Quaresma é uma fera, capaz de os matar, não sendo tão fácil de convencer quanto Teodoro supunha, para mais tratando-se da filha e vendo contrariados os seus planos. De facto, não é sociável o Quaresma que se apresenta em casa de padre Teodoro, recusando entrar, dispensando cumprimentos e formalidades, e em tom ameaçador diz «Estou aqui para lhe perguntar: vem pôr os sacramentos à desinfeliz ou não?» (Aquilino Ribeiro, 1962: 157), olhares e gestos prometendo violência, «Os olhos do homem fuzilavam» (Aquilino Ribeiro, 1962: 157), «Mas o Quaresma rompeu à bruta pelo meio dos xailes e capas de burel, sacudindo as mãos e bramando: - Saia tudo para fora!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 158).

Amigo de Quaresma, Pedro Jirigodes amealhara em África o suficiente para arrematar ricas terras e ainda emprestar dinheiro a juros altos. Conseguido o pecúlio a gerir uma roça, como dizia, ou a traficar com pretos, conforme corrigiam alguns, o certo é que socialmente era figura prestigiada e embora não tivesse actividade, limitando-se a passear, caçar e pescar, era reputado por «Homem muito morigerado de costumes, sabedor, que já uma vez se desempenhara com honra do cargo de administrador da vila de Moimenta, em época eleitoral, e assinava o *Século*.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 49). Rondando os quarenta anos, era seu objectivo constituir família e, apaixonado por Maria da Encarnação, foi a custo de diversas estratégias que conseguiu

transformar o não inicial da rapariga no pretendido sim. Corresponderam as estratégias ao suborno das beatas amigas e vizinhas, à insinuação junto do missionário que orientava espiritualmente a amada e à assunção do papel de mordomo de festa religiosa, após o que «Obteve o sim, tão renhido com o Nazareno.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 106). Apaixonado também pela caça, com fama de bom batedor de montes e artificioso inventor de laços, interpretou as incursões do Papa-moças, ainda que hesitasse quanto à classificação da alimária, como pretexto para exhibir os seus dotes de caçador.

A intervenção de Pedro Jirigodes na acção ocorre em cinco momentos: na visita a padre Jesuíno, integrado no grupo de romeiros; na caçada ao Papa-moças; no diálogo com padre Teodoro a propósito das acções de Maria da Encarnação; na demanda do anjo, guiado por Baltasar e na perseguição ao grupo das Inefáveis, juntamente com padre Dâmaso e o alferes, episódios reveladores da progressão da personagem. Assim, em casa de padre Jesuíno, desfrutando da companhia da amada e de boa disposição, Jirigodes bebe à saúde dos dotes de caçador do anfitrião, sugerindo que arranjassem música. Porém, não deixa de ser acintoso para com Micas, revelando que não admitia que a pastora se manifestasse, assim como também não revela comiseração para com Baltasar, açulando-o e injuriando-o: «- Que tens que dar à cornadura?» (Aquilino Ribeiro, 1962: 41); «- O ventas de cão não gosta de padres!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 42).

Anteriormente à caçada, relata o narrador a vigilância de Jirigodes em plena serra durante vinte dias, a sua persistência e abnegação, mas também contenção, em virtude de, contrariando os seus impulsos de caçador, não desferir um tiro, aguardando o objecto da sua caçada, o que foi, no entanto, em vão. A sua capacidade estratégica afirmou-se novamente quando tratou de convencer os povos das aldeias serranas da necessidade de acometer o monstro, em toda a parte angariando apoios, secundado pelos párocos, e também quando delineou o plano da caçada, aplaudido por todos. Dando cumprimento a esse plano, postou-se no alto de um barrocal para onde convergiam em colunas desde o sopé dos montes os homens que vasculhariam todos os recantos da serra - «Era antegozando o tropel das mil botifarras, avançando em redondo para o seu penedal, que Pedro Jirigodes rejubilava.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 56). Aspirando ser «O Teseu daquele novo Minotauro.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 57), munido do óculo, Jirigodes ia espiando o perto e o longe e acomodando os grupos de observadores que chegavam, enquanto aguardava a aproximação das hostes. Respondeu pronta e rapidamente nas duas ocasiões em que

tiros denunciaram o avistar do monstro, mas que não passaram de falsos alarmes, coincidindo a última com o destroçar do cerco e recaindo a culpa nele, pois tratando-se de alcateia de lobos, mandou apontar, tendo o conseqüente tiroteio colocado um ponto final na incursão. Decepcionado com o insucesso, Jirigodes não abandonou o espaço, porque estava lá a amada, e culpabilizou os que primeiro dispararam, mostrando-se indignado com o sucedido, tendo ainda, na qualidade de líder do acontecimento, mandado os seus homens desalojar Baltasar, que os importunava com as suas profecias.

As posteriores intervenções de Jirigodes na acção ocorrem após a incursão de Maria da Encarnação pela serra e o conseqüente rompimento do noivado: é o próprio Jirigodes que relata a padre Teodoro o sucedido, apresentando-se cabisbaixo e desesperançado, confessando que estava «Do moral, muito, muito arrombado.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 132) e alertando o amigo «Se Vossas Reverendíssimas e as autoridades não tomam as devidas providências, temos estas aldeias convertidas em Babilónias.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 134). Nas intervenções seguintes, a personagem actua movida pelo desejo de vingança, que se desvanece apenas por alguns momentos: tal acontece quando, guiado por Baltasar, que afirma ter avistado o anjo, faz uma incursão pela serra, cujo desfecho é a morte do louco. Começa Jirigodes por rezar, ao toque do sino das almas, «Pelas alminhas que penam no fogo do Purgatório» (Aquilino Ribeiro, 1962: 165) e para que não lhe faltasse o ânimo para levar a cabo o que estava determinado a fazer. Apressando Baltasar, Jirigodes vai inquirindo, recolhendo informações, repartindo depois a comida com ele e verificando a caçadeira, aprontando-a para disparar, após o que se ajeitou no chão, de atalaia, arma em punho, não escondendo qual era o seu propósito, «Para melhor meter dois zagalotes na pele do anjo se nos der a honra de se mostrar.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 174), quando interrogado pelo guia. Como Baltasar insistisse que perto dele não disparava, recusando-se a ir embora, recordando ainda a morte do contrabandista, que atribuíam a Jirigodes, este ameaçou-o: «-Cala-te que te esgano, filho dum sapo!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 175), não se demovendo do seu propósito. Reconhecendo que as serras pareciam andar e que toda a natureza envolvente era Deus, Jirigodes afirmou que naquele momento, porém, estava envolvido com o diabo, manifestando a determinação de ficar, embora, segundo o louco, o anjo já não aparecesse. Momentaneamente desanimado e assombrado, repousou da vigia: pensou no que o motivava a estar ali e hesitou quanto à natureza do anjo, evocando os recentes acontecimentos que o envolviam e se estendiam pelas aldeias serranas, arrastando magotes de mulheres, atestando

prodígios. Acobardado diante da possibilidade de o rival ser o regenerador da humanidade, estava decidido a abandonar a vigia, retendo-o, porém, a teimosia que o caracterizava, afeiçoada ao êxito. Nem o sonho, nem a insistência de Baltasar demoveram Jirigodes, decidido a ficar. Comido o resto do farnel, cansados os olhos da contemplação das estrelas e o espírito de vaguear, embalado pelo som da natureza foi-se alheando, esquecendo o que o fazia estar ali, deliciando-se mesmo com o cântico que, entretanto, começou a ouvir. Despertou-o a voz de Maria da Encarnação que, no grupo, cantava e dançava, fazendo emergir a sua sede de vingança, materializada na violência com que atacou Baltasar, que se interpôs.

Tornou Jirigodes a fazer uma incursão pela serra, desta vez persecutória, requerida por padre Dâmaso a sua participação em expedição que ocorreu durante a noite e exigia o seu préstimo, pois «Conhecia a serra com as suas veredas melhor que a palma das mãos.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 208). Tratar-se-ia de perseguição sem história, não fora o relato de Cirilo e as informações recolhidas por Jirigodes, quer quanto a Maria da Encarnação, quer quanto ao rumo tomado pelo grupo perseguido. Foi com ansiedade que inquiriu Cirilo sobre a amada, perturbando-o a resposta, que lhe aconselhava o esquecimento, atendendo ao planeado casamento da rapariga. Porém, Jirigodes recolheu, também, informação sobre o caminho tomado pelo grupo e, perante a recusa de padre Dâmaso em o acompanhar, com modos tresloucados que espantaram o padre, partiu furioso, proferindo ameaças: «Vou eu, e não tenho medo! Aquela rascoa há-de receber hoje uma bala no fole!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 228).

Acabando despedaçado pelos lobos que, segundo se dizia, tinham guardado memória do caçador degenerado vingando-se, os seus restos não repousavam na terra, já que os não havia, encerrando padre Jesuíno o diálogo sobre Pedro Jirigodes com o plausível epitáfio «Paz à sua alma; não era boa rês!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 239).

Cirilo, o vendedor ambulante que observámos intervindo nos largos de Cabrazais e de Rio Verde, em relato autobiográfico, reconstituiu trechos do seu passado, respondendo ao alferes que o interrogava depois de lhe ter dado voz de prisão, na sequência dos distúrbios em Rio Verde. Apresentando-se como comerciante de artigos de capelista, a honestidade com que estabelecia as suas relações comerciais, fosse com fornecedores, fosse com clientes, tinham-lhe granjeado boa reputação por toda a parte, exemplificando com o abade da freguesia, padre Jesuíno. Falando do seu passado, recorda a primeira profissão e o espaço citadino em que a exerceu e o enclausurava, evocando também o que padecera para propagandear os seus ideais

liberais. Tendo concluído sobre a inconseqüência dos seus esforços «A igualdade social há-de acabar por ser o nome duma constelação, a menos que o mundo dos oprimidos se não levante num ímpeto unânime» (Aquilino Ribeiro, 1962: 220), considerando nada dever ao ideal, optara por profissão que lhe permitia vagabundear e que não trocava por nenhuma outra. Do seu passado de apóstolo de uma nova ordem social restara-lhe a impossibilidade de conviver com iniquidades e a solidariedade, que o impelia a socorrer os semelhantes. Estes traços do seu carácter justificariam, segundo confessa ao alferes, o seu contributo para os descatos de Rio Verde.

De facto, as intervenções de Cirilo revelam coerência com os princípios, questionando instruções autoritárias como a de padre Dâmaso, atacando os seus fundamentos «- É o adro pertença de Sua Reverendíssima e cometeu-se ou está a cometer-se aqui algum crime?» (Aquilino Ribeiro, 1962: 198), afirmando os direitos populares «- Os adros redarguiu o homem com firmeza – estão abertos para quem quer entrar. Não têm portas, nem guardas, o que equivale a dizer que são logradouro franco do povo, nos justos limites da decência.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 198). Ao sair da povoação remata as suas intervenções sublinhando a injustiça com que o grupo tinha sido tratado e o atropelo às leis de Deus e dos homens que aquela expulsão representava: «Ser enxovalhada e escorraçada dum lugar que é, por direito divino, pertença de quantos vivem debaixo do sol, e, por direito de nação, pertença de todos os portugueses!» (Aquilino Ribeiro, 1962:203), acrescentando que uma povoação como aquela não era lugar onde um ser humano pudesse permanecer.

Exibindo a sua solidariedade ao partilhar o fogo e a comida com o alferes, Cirilo esclarece a sua relação com as desprezadas das aldeias, conta como o grupo se constituiu e a que se dedicava, defendendo que não ultrajava os princípios da moral e as regras da convivência social. Quanto à autoria dos assaltos às jovens, Cirilo ironiza, tal como fizera após a violação de Micas Olaia: «- O Diabo!? Tem costas largas o Diabo!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 24); «Certas mocinhas que a família deitava à margem sob o pretexto fantástico de haverem tido pacto carnal com um demónio, um anjo, ou não sei que ser fabuloso.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 223).

Estimado por padre Jesuíno, que lhe reconhecia a integridade do carácter, pedindo-lhe que apadrinhasse o filho que Feliciano dera à luz fora da aldeia para evitar o escândalo, Cirilo «Pregava as doutrinas novas que aprendera nas cidades.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 43) e também

não deixou de aconselhar Jirigodes sobre o que, no seu entendimento, deveria fazer em relação a Maria da Encarnação.

Baltasar era o louco da aldeia de Cabrazais, incitado a pregar sermões e lérias a troco de comida ou de um vintém, sempre que em festas e arraiais era pretendida diversão. Criado por homem muito culto, embora misantropo, não tinha naquele tempo onde se acolher, vivendo a monte e não sendo estimado por ninguém, quer pelo que dizia, quer pela ruindade que lhe atribuíam: «Ninguém lhe dá pousada, ninguém gosta dele, porque tem uma língua que varre sete fornos, e é ruim, mais ruim que um saco de lacraus.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 40). O próprio Baltasar menciona a aprendizagem com o mestre, «- Sim senhor; ensinou-ma o doutor Telmo, que tinha muita virtude em tudo o que tentava.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 167) e, marginalizado pelos homens, a busca de refúgio na natureza - «Eu vivo mais na serra que nos povos. A serra é minha amiga, a cada canto me oferece dormida.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 169) -, recortando uma relação favorecida ainda pelos seus traços físicos: «Olhos imensos como de boi, mãos largas e magras como espadanas.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 42); «As manámulas largas e membranosas como patas de palmípede» (Aquilino Ribeiro, 1962: 63).

Expressando-se por enigmas e por parábolas, nem sempre era entendido, «- Umas vezes, diz coisas acertadas que nem um livro, outras, é para aí um Bandarra de que se não tosca patavina.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 41), sendo, por vezes, considerado mensageiro de Deus, por exemplo por Feliciano quando, a propósito do Papa-moças, afirma «- Culpem mas é o Diabo negro do inferno que já pela boca verdadeira do Baltasar doidinho o apontou o Deus que tudo vê e tudo sabe!» (Aquilino Ribeiro, 1962:23) ou como figura diabólica: «- Estás...mas nós estamos também no direito de te recambiar para o inferno donde saíste com o Diabo a cavalo!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 63).

Desprezado pela loucura e pelo aspecto físico, Baltasar era maltratado, por palavras e por actos, pois nem sempre estava na disposição de pregar sermões e assumir o papel de bobo, nem o conteúdo dos sermões agradava ao auditório, como se verifica, por exemplo, quando recusou pregar lérias para gáudio dos convidados de padre Jesuíno, é acoimado de «ventas de cão» e lhe perguntam «- Que tens que dar à cornadura?» (Aquilino Ribeiro, 1962:41), ou quando, no final da caçada, ao anunciar as moças que hão-de ir à *fonte* e desagrada a pais e noivos, sendo vaiado com «- Deitem abaixo o macaco!» e «- Cortem a língua ao bruxo!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 73), acabando empurrado da árvore onde se alojara: «Levantando-se e furtando-se às surriadas como

ção batido.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 75). Ser que vê e sabe muito além da realidade imediata, o seu saber é grandioso demais para aqueles que o ouvem, como testemunha o «Sermão do Cirilo», onde alude à existência de uma fonte de água saborosa e regeneradora, inicialmente à disposição de todos, mas que depois foi explorada pelos mais fortes, pelos mais espertos, por letrados e sacripantas e corrompida pelos que negligenciavam o bem comum até se transformar em princípio de corrupção, profetizando que dessa fonte não tardaria a brotar água pura. Esse renascimento ficará a dever-se ao Papa-moças, que «Tem vista de águia e não é águia; a força do leão e não é leão; a malícia da raposa e não é raposa; o discernimento do homem e não é homem...» (Aquilino Ribeiro, 1962: 71) e, segundo vaticina, dessa água beberão as jovens casadoiras, assim anunciando a movimentação feminina que se avizinha.

Contudo, é no capítulo VI que a personagem mais se desvela e a sua acção assume relevo particular. Ao conduzir Jirigodes para o local onde avistara o anjo e ao participar na espera, Baltasar descobre aspectos reveladores da excepcionalidade do seu carácter: uma faceta mais obscura está patente quando, o ressentimento para com os que o desprezavam e maltratavam esteve na origem da convocação das almas dos enforcados, entidades de face infra-terrena que acorrem ao seu chamado e se disponibilizam para concretizar as suas vontades, sendo o desejo de retaliação ainda responsável pela praga rogada às cerejeiras. Para além destes poderes obscuros, um entendimento profundo da natureza é revelado quando Baltasar defende que a serra é santa, não consentindo a morte no seu espaço, como exemplifica o relato encaixado, sendo ainda um organismo vivo que, na sua projecção em direcção ao céu contacta com a divindade: «- A serra tem vida, sente, fala e escuta. Fala para Nosso Senhor e é quando está azul, mais azul que o manto da Virgem Maria. Ouve Nosso Senhor, para isso tem os picotos levantados ao céu.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 177).

No conflito com Pedro Jirigodes, Baltasar é o ser primordial que, vivendo na natureza é por ela talhado, estando dotado dos meios para a entender, defendendo-a portanto da fúria assassina do seu opositor. Embora se afirme cristão, «- Sou cristão, tio Pedro, afocinhado na pia benta pelas mãos da Ana Fusca, que é cristã e confessada.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 171), a veneração da serra que o caracteriza traduz uma religiosidade de cariz panteísta, postulando que Deus e a serra são indistintos: «- Ao pé dessas eternidades é sombra, sombra de verme, o pensamento mais alto. Tudo isso é corpo de Deus.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 179). Tentando dissuadir Jirigodes do propósito de matar, Baltasar comunicará o conteúdo do seu sonho,

repetindo as palavras do anjo que se apresenta como o regenerador do mundo, e ao fazê-lo assume, mais uma vez, o papel de arauto da mudança. A sua morte não terá sido em vão, em virtude de ter ocorrido em defesa daquilo em que acreditava e que não podia ser quebrado, o transe criador vivido na serra.

Neste universo serrano, as forças da ordem estão representadas através dos regedores, representantes do Presidente da Câmara nas freguesias, e do alferes. Os regedores de Cabrazais e de Rio Verde têm uma participação pouco significativa na acção da obra, destacando-se o de Rio Verde pela intervenção no confronto entre os habitantes da povoação e o grupo das Inefáveis. Este representante da autoridade, percebendo pelas palavras de padre Dâmaso que se tratava de um grupo de vagabundos, apressou-se a expulsá-los da aldeia. Como a ordem não fosse imediatamente cumprida, padre Dâmaso deu instruções ao regedor para que os intimasse a partir ou os prendesse, o que este, pressuroso, cumpriu: «E, declinando a dignidade de que se achava investido, conjurou-os em tom solene a levantar ferro se não queriam malhar com os ossos na cadeia.» (Aquilino Ribeiro, 1962:204), intervindo ainda na sequência de praga rogada por mendigo «- Ah, excomungado, ou te dás à prisão, ou morres!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 206), de sachola erguida, pelo que uma cajadada do adversário deixou-o estendido no chão, com um enorme lanho na cabeça.

O alferes, que integrava uma força de cavalaria, acabou por acompanhar os perseguidores Pedro Jirigodes e padre Dâmaso, já que o administrador, figura apenas referida, embora amigo, não pudera participar na perseguição, desculpando-se com uma dor ciática que se manifestava à noite. Foi contrariado que o oficial os acompanhou, ainda que animado com «Lombo de porco de vinha-de-alhos e perdizes de canapé» (Aquilino Ribeiro, 1962: 209), e contrariado permaneceu durante a cavalgada pelos caminhos da serra naquela noite muito fria em que a neve se fazia anunciar. Foi em Cabrazais que o alferes interrogou Cirilo, apontado por padre Dâmaso como um dos bandidos, a quem deu voz de prisão e intimou a responder com respostas claras, pois não era juiz nem académico, era tropa, portanto a linguagem não era o seu forte. Por vezes irónico, «- O reverendo arcipreste fica de fora a fazer penitência pelos nossos pecados. Que seria do mundo sem almas de sacrificio!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 216), o oficial foi aceitando os gestos hospitaleiros de Cirilo, precisando de se impor a padre Dâmaso, que se intrometia no interrogatório, reafirmando o seu papel. Concluído o relato de Cirilo acerca dos acontecimentos em Rio Verde, divertido, o oficial comentou que deveria prender o arcipreste, confundindo-o a

resposta deste, inspirada nos antigos mártires, depressa retomando Cirilo a palavra, após o que o alferes confessou estar a contar com a hospitalidade de padre Jesuíno para almoçar. Aguardando-os o almoço, terminou a intervenção do jovem alferes com a afirmação da liberdade de Cirilo e a expressão da sua admiração por padre Jesuíno, com votos de que acumulasse filhos e fortuna.

Afirma o autor no prefácio que o destinatário da dedicatória terá a impressão de ter embarcado num comboio para Lurdes «Tão incessante é o frufu das roupetas.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 7) e, de facto, é considerável o número de eclesiásticos que participam na acção. Encontramo-los reunidos em duas sequências: no banquete oferecido por Quaresma e no congresso em Viseu, duas situações diferentes mas em que foi debatido o mesmo assunto – a natureza do flagelo que se abatera sobre as aldeias serranas.

À mesa de Quaresma sentaram-se mais de vinte reverendos, retratando o narrador alguns no início do repasto, em largas pinceladas: padre Moura Seco, letrado e orador de verbo afeiçoado a diversos públicos; padre Januário, enciclopédia do saber antigo; abade de Peravelha, de aspecto medieval; padre José do Amaral, escorraçado de três freguesias, «insigne na arruaça e na devassidão» (Aquilino Ribeiro, 1962: 83); padre Zé da Lamosa com alojamento em casa de viúvas e mulheres solitárias; padre Chança de rosto de jogador; abade de Touro, pai de filhos e lavrador, entre outros. Acrescenta, sintetizando: «Quase todos bons garfos, todos amigos da mulher, do vinho e também de Deus» (Aquilino Ribeiro, 1962: 84). A confirmar os traços mundanos apontados, os religiosos devoraram o lauto e diversificado conteúdo de terrinas e travessas e esgotaram o vinho dos canjirões de Quaresma, enquanto um ou outro foi aduzindo o seu parecer acerca do autor dos ataques na serra. Entre «Vozes gulosas e o rascunhar das facas, amputando» (Aquilino Ribeiro, 1962: 90), delineado o possível perfil do atacante com base nos traços disponíveis, apresentam alguns dos presentes a sua perspectiva sobre a natureza de tão enigmático ser, numa antecipação das teses defendidas no congresso em Viseu. Assim, o erudito padre Januário, escorado nos seus autores, aponta o homem silvestre enquanto, muito instado pelos colegas, padre Moura Seco expressa o que pensa através de um exemplo. Interrogado quanto à moralidade desse exemplo, esclarece que deverão procurar resposta na ordem natural das coisas, contrariando a perspectiva de padre Dâmaso, para quem «Deus o trouxe, Deus só o pode enxotar.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 86). Em jogos, saúdes empurradas a goles de vinho, negócios e questões a propósito de capelarias surripiadas, num ambiente de boa disposição terminou o banquete da festa de homenagem ao mártir S. Sebastião.

Com o objectivo de debater o mesmo assunto, o concílio de Viseu, convocado pelo Bispo, envolveu outras formalidades: a apresentação de teses implicou a redacção de discursos, inscrições para tomar a palavra e a existência de moderador. Enquanto alguns reverendos cabeceavam e outros dormiam, padre Januário, que preparava havia meses a sua intervenção e se estribava nos autores lidos, defende a existência dos faunos «- Quanto à existência dos faunos, meus ilustres colegas – continuou Januário – não há contestação que valha. Os mais reputados escritores da antiguidade não só falam deles a cada passo, como os retratam e classificam.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 252), concluindo depois que a eles se deveria atribuir os acontecimentos «A gesta escabrosa de que as nossas aldeias são teatro, a faunos, só a faunos se deve.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 254). Rebateu padre Dâmaso a tese de padre Januário, negando a existência de faunos, sátiros e silvanos, seguindo-se outros oradores como padre Teodoro e padre Moura Seco, que propôs o envio da tese de padre Januário para a Academia Real das Ciências de Coimbra para que desse o seu parecer no âmbito das ciências naturais. Formando-se partidos, foi aprovada por grande maioria a proposta de padre Moura Seco, tendo a reunião continuado no dia seguinte para que outros religiosos pudessem apresentar as suas teses. Foi o caso de padre Dâmaso, que atribuiu a Asmodeu, príncipe infernal, a autoria do drama que atormentava as populações que viviam à beira da serra. Surgiram contestações por parte dos partidários de padre Januário e por ele próprio e aprovações dos satélites de padre Dâmaso, rematando Moura Seco com a sua tese conciliatória.

Doutas e substanciais eram as teses propostas, ambas com a sua parcela de verdade, defendia Moura Seco, que afirmava a intervenção de faunos e demónios, a face risonha e a face sinistra do amor nos episódios ocorridos na serra. Ao considerar que os acontecimentos se inscreviam no cenário da perpetuação da espécie, o eclesiástico retomava a tese realista que tinha enunciado através do ocorrido no convento da Tabosa.

Para além de intervirem nestes momentos de ampla participação da comunidade religiosa, padre Jesuíno, padre Teodoro e padre Dâmaso participam em diversos episódios da acção da obra, assumindo protagonismos. Padre Jesuíno, lavrador abastado e pai de filhos, que já tinha passado os sessenta anos de idade e trinta e cinco de sacerdócio, mantinha-se sensível aos encantos femininos, deliciando-se a observar a beleza do corpo nu de Micas Olaia, pois «Nus, agora, só os corpinhos dos neófitos lhe passavam pelas mãos calejadas.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 21). Embora conservasse fama de grande pregador e tivesse sido muito elogiado o sermão

que pregara por ocasião da festa em Roufins, o seu verbo, na verdade, estava enferrujado, pelo que não escreveu ao bispo, conforme assegurara a Maria da Encarnação, a propósito das vozes que a jovem ouvia. Caçador, participara padre Jesuíno na caçada ao Papa-moças e, constantemente ocupado com os trabalhos da lavoura, pois tinha filhos perdulários a sustentar, apressava-se a cumprir os deveres religiosos. Também não se escusava a uma briga, como a que o opôs ao Rabecas, que ameaçou de morte, juntamente com os da sua cor política, mas, bonacheirão, entre amigos gostava de dizer a sua graça «- O ladrão leva tudo raso – [...] Em poucos meses passou a dente as sirigaitas mais tenrinhas da serra.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 88), bem como de jogar a sua partida. Homem prático, tratara com Quaresma para que Leopoldina, depois de ter anunciado a perda da sua integridade por obra do Papa-moças, fosse viver com padre Teodoro, confirmando as expectativas deste: «- A teu pai despacho-lhe o padre Jesuíno, que é um santo diabo, e sabe como estas coisas se armam e desarmam. Tem experiência...harmoniza tudo numa volta de mão.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 145). Tendo-se desentendido com padre Dâmaso devido ao concílio que este defendia, contrariado por ter de deixar os seus afazeres para se deslocar a Viseu, padre Jesuíno interrompe o discurso do arcebispo, acusando a assunção da crítica indirecta e intimando-o a citar o seu nome, comentando posteriormente «- Este homem ensandeceu!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 304), quando o arcebispo fez acusações aos religiosos presentes.

Também padre Teodoro não nutria simpatia pelo arcebispo e, receando mesmo que apresentasse queixa aos superiores contra si, concebeu estratégia para o envaidecer, aproveitando depois a oportunidade do congresso para se opor à sua tese, contestando os testemunhos em que se fundara. Jovem e galhofeiro, recebeu com gracejos a notícia do Papa-moças, lembrando que todo o homem é bicho, mostrando-se igualmente sensível à beleza feminina «- Um peixão – murmurou a meia voz. – Ali está um petisco que não fazia mal a um padre!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 33). Participou Teodoro no arraial que sucedeu à caçada, integrado no grupo dos que se deslocaram à serra em busca de diversão, frequentemente gracejando com Leopoldina e, perante o desaire de Jirigodes dando a entender que valorizava a expedição apenas pelo divertimento que proporcionava: «Também se o amigo conseguisse chaciná-lo, morria-se nestas terras de pasmaceira!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 69). Adverso a uma interpretação maravilhosa do ocorrido na serra, padre Teodoro ironiza, gracejando, no diálogo que mantém com padre Januário e outros colegas, quando se encontraram e discutiram tal assunto. Vai protagonizar os

acontecimentos relatados no capítulo V: diálogo com Pedro Jirigodes a propósito da fuga de Maria da Encarnação; encontro com Leopoldina à beira do rio e posteriormente em casa desta, após confronto com Quaresma. Ao lamentar o rompimento do noivado e, previsivelmente, consolar o amigo, não revela a amizade que deveria sentir pela jovem, nem se mostra condoído com Jirigodes, indiciando o comentário aduzido uma avaliação materialista do sucedido: «- É pena! Bem dotada, educadinha, rosto de anjo, estava ali um partidão.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 133) e, alegando orações a fazer, depressa se despediu, não sem antes atribuir as acções de Maria da Encarnação ao seu histerismo. O motivo da pressa de Teodoro era, no entanto, outro: Leopoldina aguardava à beira do rio e o padre ansiava pelo encontro. Possuído por febre sensual, contemplou-a, empolgando-se com a visão do espectáculo delicioso enquanto aguardava o seu sinal, que tardava em chegar. Já no giestal, confirmada a gravidez da rapariga, Teodoro tenta sossegá-la, apresentando-lhe soluções que ela vai recusando: «- Ó mulher, eu só busco o teu bem! Só o teu bem! Fiz uma jura que te não desamparava em caso algum, não te desamparo. Mas vês, é preciso tomar uma decisão, por muito embaraçosa que seja. Proponho-te viveres comigo, não te agrada; proponho-te despedir para longe daqui, amuas. Que te convém?!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 146). Enternecido com as lágrimas da rapariga, feliz e desgraçado em simultâneo, despediu-se depois de a consolar e aceitar que ela colocasse em prática um plano que engendrara. Não tardou a inteirar-se do plano gizado pela amante, embora inicialmente não o identificasse na íntegra, pelo que, pressentindo o pior, sobressaltado, aguardou, enquanto em pensamentos conjecturava diversas hipóteses trágicas. A sua tensão atingiu o auge vendo Leopoldina desgrenhada e em desalinho e, pensando ter sido descoberto, aguardou o escândalo e os vitupérios. Ultrapassado este transe, assaltou-o o impulso de confortar a infeliz rapariga pelo que, desesperado, saiu de casa, regressando a breve trecho em assomo de prudência. O conhecimento do indigitado autor da desfeita a Leopoldina começou por lhe provocar atordoamento, seguindo-se o ódio, a decepção de amante ludibriado: «Era possível que a ele, ao seu douto entendimento, houvesse passado inadvertido aquele poder singular de dissimulação?!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 152). A artimanha de Leopoldina, que interpretou como infidelidade mental, ao colocar entre eles um outro vulto, atiçou-lhe o ciúme e originou a aversão pela rapariga, que nunca mais queria ver. Dando razão aos doutores da Igreja que classificavam a mulher como instrumento de Satanás e revolvendo a hipótese de haver no sucedido a intervenção divina, punindo-o e evitando

o escândalo, Teodoro tomou a decisão de cumprir, dali em diante, o voto de castidade que fizera e tão depressa atraíçoa.

Foram os ares e modos ameaçadores de Quaresma, de carácter «Impulsivo e asselvajado» (Aquilino Ribeiro, 1962: 149), que convenceram Teodoro a responder aos rogos de confissão de Leopoldina. Comprazendo-se com as lágrimas da jovem, recriminando-a pela farsa, acabou por perdoar, reconhecendo a sinceridade do sentimento amoroso. Apresentou-se Teodoro de boa disposição no congresso em Viseu, já com Leopoldina em sua casa, confessando que assinara a convocatória por ter achado divertida a ideia, pautando-se os seus comentários pelo espírito folgazão que o caracterizava.

Padre Dâmaso, arcepreste de Rio Verde, não era benquisto pelos padres das povoações vizinhas, que lhe criticavam a intolerância e o excesso de zelo. Foi sumariada a sua ascensão e queda por padre Teodoro, que relatou a padre Jesuíno alguns episódios da vida do colega, a par da referência a alguns traços do seu carácter em que avultavam a intransigência, o fanatismo, a ausência de bondade e o despeito, rematando depois: «- Não tem mulher, não fuma, não bebe – cochichou Teodoro à orelha do abade – o ladrão acaba em santo!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 39). Já no almoço de Quaresma, que tantos religiosos reunira, padre Dâmaso dera a entender, no que dizia respeito aos assaltos ocorridos na serra, que não subscrevia a tese inspirada no maravilhoso pagão, acrescentando que Deus estava em guerra com os homens. Porém, a personagem só ganha protagonismo a partir do capítulo VII, onde é relatado o incidente com o grupo que tinha acampado no adro da igreja. Era inaceitável para Dâmaso que a *patrulha volante das Inefáveis* abancasse em espaço pertencente à igreja, pelo que expulsou e insultou o grupo, agredindo mesmo um mendigo e acabando por tocar a rebate, chamando a população. Os seus rogos a Deus não evitaram os confrontos que se seguiram e, organizada a perseguição do grupo fugitivo, nela participou, armado com o seu imenso revólver e ciente de que cumpria um mandato da vontade de Deus, sofrendo estoicamente o mal-estar físico que o acometera. No seu percurso, foi padre Dâmaso perseguido pela imagem de Maria da Encarnação, «A imagem especiosa tantas vezes perpassara diante de seus olhos, condensada no puro ar ou na sombra leve, com o obstinado e infernal afogo das tentações!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 199), pelo que ia pedindo a Deus que apagasse do seu pensamento tal visão. Já em Cabrazais, o autoritário padre interferiu várias vezes no interrogatório a Cirilo, excedendo-se e apodando-o de impostor, necessitando o alferes de intervir para delimitar atribuições. Terminou para padre Dâmaso a perseguição em Cabrazais,

onde se detiveram e disse missa, no entanto continuava a perseguir-lo a imagem de Maria da Encarnação, agora desnuda e ferida de morte, sacrificada às mãos de Pedro Jirigodes.

No congresso, a contestação apresentada por padre Dâmaso à tese do abade da Rua não recebeu aplauso, levantando-se das bancadas vozes desaprovadoras, não tendo agradado também aos eclesiásticos a superioridade evidenciada pelo orador, que exibiu orgulho tal que os afrontou. Atribuiu padre Dâmaso a sua meia derrota à maldade dos colegas e, ruminando vinganças, evocou o descontentamento que o vinha minando quando, esforçando-se por dormir, começou a sonhar: faunos rodopiavam, Cirilo discursava, Maria da Encarnação falava às massas, seduzia-o e ele, convertido perseguia-a, procurando matar desejos acumulados, acordando depois para se horrorizar. Na manhã seguinte, recomposto, estava convicto de que para travar combate com Satanás, se «Amava os semelhantes na vida futura, seria preciso amá-los na vida terrena.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 286) e foi conciliador que iniciou o seu discurso, mas depressa o orgulho emergiu, ocasionando acusações e provocações que insurgiram os religiosos presentes. Não estava o auditório receptivo à tese de padre Dâmaso, que defendia «O drama de concupiscência, que nas duas dioceses enlutou já tanta família, tem como comparsas averiguados os execrandos súbditos de Asmodeu.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 303), interrompendo-o frequentemente com comentários e insinuações. As críticas e a vitória de Moura Seco desgostaram Dâmaso que, ao regressar a casa, redobrou o abatimento com a notícia da partida da irmã, acompanhando o homem que afirmava amar, constatando o padre a derrocada do edifício da igreja, da sociedade civil e da família. Ultrapassado o primeiro impulso de perseguir a fugitiva e reconhecendo que uma nova era despontava no horizonte do homem, Dâmaso pediu a Deus que protegesse a irmã, tal como ele protegeu Júlia, a rola que lhe ficara como recordação e que acabou por libertar.

Aguardando o regresso de Júlia, que bateu asas e voou, reparou que Silvana, a jovem que o servia, tinha a mesma graça que caracterizava a sedutora Maria da Encarnação e, ao inteirar-se da correspondência, as reacções de Dâmaso revelam a mudança que nele se operou: a alegria pelo futuro casamento de Maria José e a indiferença perante o antes tão desejado convite para reger a cadeira que anteriormente leccionara demonstram que se humanizou.

6. Acção

Afirma Aquilino Ribeiro no Prefácio que, melhor que romance, *Andam Faunos pelos Bosques* é uma fábula em onze jornadas e, na verdade, percorrendo os onze capítulos da obra, concluímos que a viagem predomina na acção, encontrando-se a movimentação que a caracteriza enunciada no próprio título.

Assim, a acção inicia-se com o acolhimento dispensado a Micas Olaia e o pedido a padre Jesuíno que exorcize a zagala, que nos montes acabara de ser atacada e evidenciava ainda os vestígios da investida de que fora alvo. No mesmo capítulo, fazem paragem em Cabrazais os de Roufins, de viagem entre a Senhora da Penha do Vouga e a sua aldeia, de pronto se divulgando a notícia do ataque à pastora. No capítulo II movimentam-se, na serra, em direcção ao barrocal os povos das aldeias serranas, participando na caçada uns, para assistir ao espectáculo, outros. A deslocação seguinte é a Roufins: de padres e populares para assistir à missa e festividades em honra de S. Sebastião. No capítulo IV, depois de muito instada para subir à serra, Maria da Encarnação partiu sem avisar, envolvendo-se a população na sua busca, enquanto no capítulo seguinte se observa o percurso de padre Teodoro em direcção à beira do rio, para se encontrar com Leopoldina, e ao regresso de ambos à povoação, ainda que em momentos diferentes. Seguidamente, Jirigodes e Baltasar, o caçador e o seu guia, dirigem-se para a serra onde aguardaram que o Inefável chegasse e, no capítulo VII, pelos caminhos da serra, ocorre a perseguição do grupo das desprezadas das aldeias levada a cabo por padre Dâmaso, Jirigodes e o alferes. No capítulo VIII, os padres das aldeias incrustadas na serra dirigem-se para Viseu, onde participam no sínodo e, no capítulo seguinte, padre Dâmaso percorre as ruas da cidade depois de, em sonho, ter percorrido diversos espaços. No capítulo X termina o congresso em Viseu e no capítulo XI, regressado a Rio Verde, padre Dâmaso reconstrói a sua vida, superando as fugas de Maria José e de Júlia bem como o revés sofrido em Viseu.

Engastadas na acção, várias sequências esclarecem o passado de algumas personagens, explicitando comportamentos, como é o caso dos momentos relevantes da vida de Maria da Encarnação, recordados por padre Jesuíno; os antecedentes da vida religiosa de padre Dâmaso relatados por padre Teodoro a padre Jesuíno e o relato autobiográfico de Cirilo perante o alferes.

Ainda encaixados na acção, vários relatos projectam a perspectiva do seu narrador quanto à natureza da entidade responsável pelos ataques à integridade das jovens: Baltasar atribui a sua génese a senhor sábio e magnificente, reconhecendo-lhe papel regenerador; padre Moura Seco, desvendando o mistério das freiras grávidas no convento da Tabosa, inculca uma leitura realista dos acontecimentos. A Baltasar se deve, também, a narração do ocorrido na serra em consequência da morte, mostrando a Pedro Jirigodes o início de ciclo de destruição que afecta a natureza envolvente.

O relato de sonhos assume importância na obra: para além do sonho de Maria da Encarnação, em que uma voz a exorta a subir à serra, distinguem-se os sonhos de Baltasar e de padre Dâmaso. Baltasar relata a Pedro Jirigodes o seu sonho, enquanto na serra fazem uma espera: é o próprio Inefável que se lhe dirige, apresentando-se como o regenerador do mundo e atribuindo à corrupção das forças criadoras a perda de vitalidade da humanidade. Convenções e imposturas inventadas por padres e doutores teriam amordaçado as leis da vida, sendo necessário libertá-las. Não se limitando a reproduzir as palavras do anjo, Baltasar evoca aspectos tradicionalmente associados à santidade como o aroma e a luminosidade, assim conferindo mais verosimilhança ao relato. O sonho de padre Dâmaso ocorreu na noite que se seguiu à apresentação da tese de padre Januário, em que imputava os ataques perpetrados nos montes aos faunos, e devolveu-lhe as imagens execrandas de faunos, de Pã e de um sátiro que pensou identificar-se com o Inefável. Penitenciou-se Dâmaso e, pedindo-lhes perdão pelo conceito que deles formulara, reconheceu a sua acção na gesta dos montes «Consciência dedutiva, reconhecia, em conformidade, que se deviam ter como gesta de faunos os sucessos libidinosos de que o seu distrito fora teatro.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 275). Entretanto, Cirilo pregava a sua doutrina contra o código moral que, erigido por estereis doutores e sacerdotes, governava o mundo inibindo o homem e exortava «Homem, se queres amar livremente, derruba depressa os altares.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 280), porém, Dâmaso estava já convencido, convertido aos ideais da seita voluptuosa desde que avistara Maria da Encarnação. E, enquanto Cirilo discursava, no seu sonho, o padre seguiu os impulsos que o dominavam, perseguindo a rapariga, para depois acordar sentindo a dor dos desejos frustrados, acumulada no grito que ainda ouviu ao despertar.

Acompanhando o pensamento das personagens, a narração também permite o acesso a orações e ao conteúdo de leituras: a mãe de Maria da Encarnação recita a sua oração da manhã, hino franciscano de agradecimento pela luz que desponta, pela natureza que com ela desperta e

de louvor à Virgem Maria; padre Dâmaso leu o «Eclesiastes», excerto em que a reflexão sobre o destino do homem e a constatação da inexorabilidade da morte ditam uma vivência usufruindo dos prazeres simples da vida.

Privilegiando uma sintaxe narrativa assente em episódios, tal como salienta Maria Alzira Seixo, «Mestre da trama romanesca por episódios, nela segura a sua verve do coloquial e do relato linguisticamente apegado aos acontecimentos.»⁶⁵, destacam-se alguns pela importância de que se revestem para a acção e pela própria construção. A caçada ao Papa-moças, correspondendo a um trecho de movimentação de grandes massas, povos serranos convocados para dar caça à misteriosa criatura que ceifava a donzelia às moças, é um desses episódios. Assinalou David Mourão-Ferreira a semelhança entre este episódio, incluído no segundo capítulo da obra e o «catálogo aqueu», que surge no Canto II da *Iliada*, no que diz respeito à enumeração das tropas que, na gesta homérica, participam no cerco de Tróia: «Impossível não vislumbrar aqui, precisamente no capítulo II do romance, uma reminiscência parodística do chamado “catálogo aqueu” que surge no canto II da *Iliada*»⁶⁶. De facto, na obra de Aquilino, tanto a natureza do adversário e a razão de ser da expedição, quanto a composição do corpo expedicionário, fundamentalmente camponeses munidos dos seus utensílios agrícolas de todos os dias, viabilizam uma leitura parodística, justificada ainda pela ironia, recorrente no episódio. É a ironia construída através do protagonista do episódio, Pedro Jirigodes, o arquitecto da caçada que, na sua expectativa hiperbólica se revia como o «Teseu daquele novo Minotauro.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 57), herói que aguardava a chegada das hostes mas cujas expectativas sofrem revés atrás de revés: o tumulto ruidoso é produzido pelos de Roufins, que procuram diversão; Baltasar é tomado pelo Papa-moças; chegam cada vez mais curiosos e o espaço vai-se transformando em arraial; o próprio Jirigodes ordena que disparem aos lobos, originando o tiroteio que se segue o desabar do cerco. Recheada de acontecimentos que constroem o anti-clímax da expectativa que a envolveu, a batida tornou-se um concurso mundano rematado por piquenique, rara diversão no espaço serrano, afirmando padre Teodoro a necessidade de acontecimentos como aquele se repetirem, banalizando-o ao encará-lo apenas como fonte de

⁶⁵ Maria Alzira Seixo, *A Palavra do Romance*, p. 143.

⁶⁶ David Mourão-Ferreira, *Sob o Mesmo Tecto*, p. 126.

entretenimento. Trata-se do remate irónico de um projecto que foi perdendo a sua grandiosidade, para cujo desfecho vexatório foi decisiva a intervenção do seu próprio mentor.

Nos capítulos VIII e X, em que se assiste à apresentação e debate das teses de padre Januário e padre Dâmaso, observam-se igualmente momentos de ironia, consubstanciados nas intervenções das personagens e do narrador, para além da ironia subjacente ao acontecimento em si, «Chamada a Viseu dos párocos que trazem o Diabo à solta nas freguesias.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 234). Preparava-se padre Januário para iniciar o seu discurso quando, à vista da dimensão do manuscrito, padre Teodoro, pródigo em comentários e apartes neste episódio, lastimou ironicamente a sua extensão, atalhando padre Moura Seco com a possibilidade de o orador proporcionar divertimento. Argumenta padre Januário no seu discurso, redigido de acordo com a ordem clássica da exposição, a existência de faunos com o recurso a autoridades, desde autores da antiguidade a doutores da Igreja, num discurso de erudição que o auditório, porém, não valorizava: foi com alívio que padre Jesuíno reconheceu terem chegado ao assunto, enquanto alguns padres cabeceavam e outros dormiam. Situação irónica verifica-se ainda após o exórdio, com o despertar dos padres adormecidos, seguindo-se a intervenção irónica de padre Moura Seco: «Adorável investigador! Tanto espiolhou nos velhos cartapácios que acabou por descobrir na floresta de mitos e belas ficções da latinidade o Papa-Moças dos nossos montes!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 256).

O discurso de padre Dâmaso foi interrompido várias vezes, com interpelações jocosas como a de Moura Seco, interrogando sobre a intervenção do subdelegado de saúde, numa interpretação literal da expressão metafórica do orador «Enfermidade do corpo e da alma» (Aquilino Ribeiro, 1962: 292) e intervenções irónicas, como aquela em que o mesmo padre retrata o diabo com calça moderna, cigarro nos lábios e cabelo comprido à fadista. Contestando a tese do adversário, padre Januário observa ironicamente que Asmodeu não preferiria as serranas «O mulherio que é virgem o menos que cheira é a raposinhos, e o experimentado, ao bodum. Para mais, brutinhas como patas e instintivas como poldras!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 307) às sedutoras mulheres cidadinas, enquanto o narrador descreve o clima que envolveu a discussão afirmando «Suas Reverendíssimas desancavam-se evangêlicamente brandindo o nome de Deus ou de Satanás como Sansão a queixada de burro.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 309). Acresce que a intervenção de padre Dâmaso continha acusações pessoais e provocações aos presentes, que reagiram vaiando o orador, ameaçando abandonar a sala e colocando a hipótese de ele estar

louco. No fundo, o congresso que deveria proporcionar o debate foi o cenário onde se digladiaram velhos desentendimentos e animosidades e se pavonearam saberes, em que o teor das teses apresentadas, desvinculado da realidade, não fomentou credibilidade no auditório, que tomou partido seguindo simpatias pessoais. O próprio bispo, árbitro do acontecimento, é ironizado, na sua postura, pelo narrador «E o prelado, que se reservava o papel, muito platónico, de mediador plástico que actua automaticamente pela só presença» (Aquilino Ribeiro, 1962: 253), impondo-se, portanto, a intervenção final de padre Moura Seco que, artificiosa e conciliatória, apurando apenas vencedores e contentando todos, ao reconhecer que faunos e diabos andavam à solta nas aldeias da serra, não se furtou à realidade, esclarecendo que «Restituir ao homem o uso das suas faculdades naturais, substituindo os demónios obscenos, inclementes, pelos faunos risonhos, saudáveis, filhos de Pã e das deusas, é empresa titânica, não haja dúvida, mas idealismo de lei.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 312).

CAPÍTULO IV

1. *Linguagem*

O cognome de «Homero da prosa» atribuído a Aquilino Ribeiro faz justiça à sua invulgar capacidade de modelizar o sistema linguístico, combinando diversos registos. Salientando a crítica uma ou outra característica da escrita aquiliniana, afigura-se consensual a importância que nela assumem a linguagem popular e a linguagem regional.

Para dilucidar estes conceitos torna-se necessário recorrer à teorização de linguistas, socorrendo-nos da perspectiva de Celso Cunha e Lindley Cintra⁶⁷, segundo a qual uma língua pode apresentar um mínimo de três tipos de diferenças internas, mais ou menos profundas, a saber: diferenças no espaço geográfico, ou variações diatópicas, que incluem falares regionais, variantes regionais e intercontinentais; diferenças entre camadas socioculturais, ou variações diastráticas, que incluem, entre outros, o nível culto, o nível popular e a língua padrão; diferenças entre tipos de modalidade expressiva, ou variações diafásicas, que compreendem, por exemplo, a língua falada e a língua escrita, a língua literária e as linguagens especiais. Inerente ao sistema da língua, a variação ocorre nos diversos níveis fonético, fonológico, morfológico, sintáctico e lexical, não sendo as suas condições funcionais prejudicadas pela multiplicidade de realizações do sistema em virtude de tanto os sistemas quanto os subsistemas serem adequados às necessidades dos seus utilizadores. Porém, a avaliação das modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas é condicionada pelo facto de a língua estar associada à estrutura social, prevalecendo a

⁶⁷ Cf. Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, pp. 3-4.

variedade que actua como norma, a língua padrão. Actuando como factor de conservação, a língua padrão mantém a unidade linguística e garante a comunicação interindividual e a intercompreensão.

Embora configurada num sistema secundário de modelização, a obra literária apoia-se na diversidade dos signos e nas normas do primeiro sistema modelizante que é a língua, potenciando esses signos e normas a realização das virtualidades linguísticas, recortando-se o texto literário como a materialização da plena funcionalidade da linguagem.

Recorde-se que, a propósito da pluricodificação do texto literário, Aguiar e Silva assinala a incorporação da heterogeneidade que caracteriza o sistema linguístico em que assenta: «O sistema e o código literários, ao constituírem-se sobre o sistema e o código linguísticos, incorporam eo ipso a heterogeneidade semiótica destes últimos – nuns casos, esbatendo e minimizando alguns dos seus aspectos, noutros casos, pelo contrário, fazendo-a avultar funcionalmente (por exemplo, na chamada literatura regionalista) – e manifestam, em conexão com aquela heterogeneidade, ou com forte autonomia em relação a ela, a sua típica heterogeneidade semiótica.»⁶⁸.

Muito embora atentos às palavras do autor no Prefácio da obra, onde numa antecipada resposta às leituras regionalistas da mesma, alude à linguagem em que a codificou afirmando «Compu-la com a linguagem que, *juvante Deo*, amanhã me há-de servir para pintar o que por aí abunda: quebra-esquinas, banqueiros que vendem a alma e venderiam a pátria, se fosse veniaga ao seu alcance, mulheres que arremedam a francesa na moda e na moral, sábios balofos, políticos sem vergonha e sem ideias, e uma que outra pessoa de bem.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 11-12), impôs-se, numa breve incursão pela linguagem, a pesquisa de factos linguísticos com marca local e traços característicos da linguagem popular. Nesta pesquisa pelo modo de falar característico da região, bem como por marcas de teor popular, prestou-se particular atenção ao léxico, a expressões e ditados populares utilizados pelas personagens rústicas, embora algumas intervenções do narrador não pudessem ser negligenciadas, pelas peculiaridades e riqueza evidenciadas.

⁶⁸ Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, p. 100.

O prolapado domínio que o escritor possuía da língua, particularmente a nível vocabular⁶⁹, foi comprovado com a variedade e riqueza lexical de *Andam Faunos pelos Bosques*, onde termos eruditos, familiares e populares convivem para construir esta «Sinfonia da montanha». Com o intuito de observar a incidência no reportório regionalista e deste modo aquilatar da «enciclopédia» das personagens, foram assinalados cerca de seiscentos vocábulos, dos quais apenas aproximadamente trinta se encontram dicionarizados como regionalismos. Foram utilizados, pela ordem que se segue, os seguintes dicionários: *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*,⁷⁰; *Dicionário da Língua Portuguesa*⁷¹ e *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*⁷².

Feliciana, no diálogo com Micas Olaia, e a mãe de Maria da Encarnação, no seu longo monólogo, são personagens em cujo discurso ocorrem vocábulos de cariz regionalista: esta ao reportar-se aos galos, *galarito e pintalegrete*, e Feliciana com os termos *zovineira e mondongos*. O mesmo se pode dizer de Pedro Jirigodes, cuja voz prevalece no seguinte trecho em discurso indirecto livre: «Para que haviam esfogueteado ao raio dos lobos, precisamente no mais crítico da montaria? Ali, no terreno não espiolhado, é que o garanhão devia estar! Ali com bouças e cavernas, que cabiam lá todos os demónios do inferno! Burrancões!...» (Aquilino Ribeiro, 1962: 68-69). Estão os vocábulos dicionarizados como regionalismos associados à terra e ao que ela produz – *rabugem, urgueirais, bouça, limpaças, painço, e pútega* -; à casa de habitação – *capindó, escano, cardenha* - ; identificam aves – *cartaxo, peneirinha, pintalegrete, galaripo* - ; assinalam traços comportamentais – *guicha, farandoleiro, parrana, zorato, zovineira* - ; reportam-se à alimentação – *parva, rascanhar* - ; a condições climatéricas – *réssego, morraça* - ; instrumentos de trabalho (*seitoira*) e sensações visuais e auditivas (*lumalha e taramela*), recortando especificidades telúricas, uma vivência pautada pela ruralidade.

⁶⁹ Cf., por exemplo, Henrique Almeida, *Aquilino Ribeiro e a Crítica*, p. 129.

⁷⁰ *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.

⁷¹ Fernando J. da Silva, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Livraria Simões Lopes, 1956.

⁷² José Pedro Machado (coord.), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Algés, Euro – Formação, Valorização Pessoal e Profissional, 1989.

A linguagem popular, recorrente e matizando, na generalidade, o discurso das personagens, cristaliza-se em ditados, provérbios e adágios, frases feitas cimentadas na experiência e na tradição, que traduzem posturas sociais, morais e verdades empíricas e se inspiram em motivos religiosos e gestos quotidianos, enquadrados na sua envolvimento natural. Destas frases feitas destacam-se alguns exemplos que ilustram as seguintes fontes de inspiração: inspiração religiosa (« Quando Deus quer, santos não ajudam.»; «Muito fiar em Deus é de sandeus.»; «Enquanto o Diabo esfrega um olho.»); inspiração nos gestos do dia-a-dia (« Não comes mais pão!»; «Queijo, pêro e pão, comer de vilão.»; «Pô-lo a pão e laranja»; «Estes que a terra há-de comer»; «Está de trás da orelha»; «Velho para cavalarias altas.»; «Queimar muito as pestanas para ser gente.»; «Uma nódoa no bom pano cai»); inspiração na fauna e flora («Capar uma bestinha sem ela sentir a lanceta.»; «Atirar-me à cabeça do toiro.»; «Se não queriam ser lobos não lhes vestissem a pele!»; «São favas contadas»; «Está mesmo asno chapado!»).

Estes vocábulos e expressões de cariz regionalista e popular remetem para o quotidiano das personagens, caracterizando o seu *modus vivendi* e enquadrando a sua existência num espaço rural.

Porém, não seria justo terminar este breve apontamento sem sublinhar a extraordinária riqueza linguística da obra, onde palavras e expressões de sabor medieval (*aldemenos, doesto, guisa, soprado o levantamento*) convivem com estrangeirismos (*vendetta, gigot, cow-boy, pierrot, dueña*) e latinismos (*especioso, báratro, larário, agros, nímio*), e, a talho de foice, enquadrar a lapidar afirmação de David Mourão-Ferreira «A verdade é que serranos e citadinos se hão-de exprimir sempre, na obra de Aquilino, graças a uma transgressão das convenções do relato chamado “realista”, nessa compósita linguagem forjada de arcaísmos, latinismos, populismos, neologismos e até estrangeirismos que o autor de *O Malhadinhas* acabava por impor a todas as suas criaturas.»⁷³.

⁷³ David Mourão-Ferreira, *Sob o Mesmo Tecto*, pp. 117-118.

2. *Contornos da vivência retratada*

A tranquilidade das aldeias montesinhas é perturbada pelos ataques perpetrados pelo popularmente designado Papa-moças às solteiras e formosas jovens serranas. Face a estes ataques aliam-se os povos das diversas localidades, conciliando esforços para capturar o padreador que ceifava a virgindade das moças, actuando como tribos conluiadas para enfrentar o saqueador. Concretiza-se a conjugação dos esforços na caçada, estratégia levada a cabo em virtude de outras acções não terem surtido efeito. A serra, esconderijo do atacante e garante da subsistência das populações, constitui, juntamente com a pureza das jovens, um bem a preservar e é considerada inviolável, estando portanto a salvo de uma intervenção que chegou a ser alvitrada, o incêndio em dia ventoso, que redundaria em fome. À caçada sucede a cerimónia religiosa, num enlace entre o pagão e o religioso, em que padre Jesuíno explicita as motivações populares: «Guardéis as donzelas na sua pureza para o varão limpo que, em paz cristã, constitua a estirpe que vos adore ora e sempre até à consumação dos séculos.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 80).

«Grande coira!», «Bácora», «Borrega» e «Pécora» - assim são designadas pelos pais as jovens que, perdida a donzelia, são desprezadas pela família e pela comunidade e acabam por abandonar os espaços a que pertencem, constituindo o grupo das «desprezadas das aldeias», enquanto na voz dos religiosos são: «-Um peixão! – murmurou a meia-voz – Ali está um petisco que não fazia mal a um padre!» (Aquilino Ribeiro, 1962: 33); «Uma filhó de se lhe lamber os beiços.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 87) e «As sirigaitas mais tenrinhas da serra.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 88). Isto é, nesta comunidade serrana, uma vez perdida a pureza a conservar para o tal «varão limpo», as jovens eram marginalizadas e, depois de fecundadas pelo Papa-moças primeiro, ou pelo Anjo depois, desprezadas e envergonhadas, abandonavam as famílias e comunidades a que pertenciam. Não eram encaradas da mesma forma pela comunidade religiosa que, sensível à beleza física, continuava a observá-las pelo prisma do prazer que podiam proporcionar. Esta, na generalidade, não se revela uma comunidade obediente aos votos que fez ao enveredar pelo sacerdócio e, no que diz respeito ao conteúdo do sexto mandamento, cujas infracções motivam o sínodo em Viseu, é pouco respeitadora, vivendo alguns dos seus membros

com mulher e filhos, outros cortejando e frequentando mulheres, assim contornando o voto de celibato. Integrados nas comunidades que orientavam religiosamente, os padres destas aldeias serranas adoptavam os gestos dos camponeses nos trabalhos e diversões, repetindo os seus vícios e virtudes, como afirma Aquilino no Prefácio da obra «Os meus eclesiásticos são boa e afável gente. Por sua humanidade não tenho de dar contas à classe. Nenhum roubou, assassinou, nem fugiu com a mulher do próximo, pecadilho muito em voga na honesta sociedade. Não me digam que são devassos ou pagãos; são sacerdotes de Cristo, dignos sacerdotes dentro da lei natural, com lisura e singeleza. Todavia, não requeiro para eles a bênção dos senhores bispos. Pintei-os como os conheci na minha infância e como julgo que vêm da genuína tradição lusitana.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 7-8).

As jovens, raparigas do povo ou integrando famílias proprietárias rurais, trabalham nos campos, na sua maioria, e vivem na estrita obediência familiar, circunscritas pelo poder parental e religioso. No ambiente serrano não dispõem de clubes, teatros ou pastelarias da moda como a *Bénard* ou a *Bijou*, espaços frequentados pelas burguesas lisboetas, divertindo-se em feiras, arraiais e romarias, porém, o paradigma feminino a todas impunha, serranas e cidadinas, a obediência às referidas autoridades. Ao traçar o retrato das nossas avós, a investigadora Cecília Barreira recupera dados relevantes para o conhecimento da condição feminina nesta época «Virgínia de Castro e Almeida exprime por vezes violentamente a condição feminina: “Mulheres da minha terra!...Gatas-borrallheiras com o cérebro vazio, que esperam, sentadas na lareira e com estremecimentos mórbidos, a hipotética aparição do príncipe encantado; [...] animais de carga ou de reprodução, rodeadas de filhos que não sabem criar nem educar»⁷⁴, traduzindo a expressão «animais de carga ou de reprodução», substituindo a conjunção coordenativa disjuntiva pela copulativa, a condição das jovens serranas.

Conhecidas como as desprezadas das aldeias, impróprias para a reprodução uma vez perdida a castidade, depois que abandonam os lares, estas jovens iniciam as suas andanças pela serra e pelos lugares, nessa errância trabalhando, tal como faziam anteriormente, na lavoura ou realizando tarefas domésticas, dado que o espaço em que se movem configura as actividades a que se dedicam as populações serranas, até se fixarem em terrenos baldios e aí fundarem uma colónia, que será a mais bela localidade da serra, segundo prognosticam. A serra, pano de fundo

⁷⁴ Cecília Barreira, *História das Nossas Avós (Retrato da Burguesa em Lisboa 1890-1930)*, p. 55.

dos acontecimentos e, portanto, cenário, é também personagem, acolhendo o Papa-moças e o anjo Inefável, protegendo-os nas sucessivas buscas, esperas e perseguições, favorecendo encontros com as jovens serranas, acobertando as circunstâncias da morte de Pedro Jirigodes, o assassino e caçador degenerado e, finalmente, cedendo «vastíssima extensão» para constituição da nova colónia. Naturalmente, o espaço físico determina as actividades desenvolvidas pelas populações: a proximidade da serra confere à ruralidade algumas particularidades, especialmente no que respeita à criação de gado e trabalhos com ela relacionados.

«Terrinhas pouco sôfregas de espiritualidade» (Aquilino Ribeiro, 1962: 111), a religiosidade das suas populações está matizada por sobreviventes crenças pagãs e pela superstição, que emergem nas vivências quotidianas enlaçando-se com gestos de fervor religioso, como quando pelas naves das igrejas e ermidas os povos recebiam a boa nova do advento da entidade regeneradora do mundo. Primeira profetisa desta regeneração, Maria da Encarnação é aclamada pelos populares, depois que regressou da serra na posse da palavra libertadora, num percurso paralelo ao de Moisés.

3. Regionalismo/Universalismo

Aceitando-se a possibilidade de o humano na sua territorialidade ser ficcionalmente retratado por dois tipos de representatividade, a perspectiva regionalista e a perspectiva universalista, coloca-se a questão de o regionalismo corresponder, eventualmente, a uma visão empobrecedora ao privilegiar a relação do homem com a terra, descurando alteridades que indiciam o universal. De facto, centrar a acção num ambiente específico, focalizando a atenção num *modus vivendi*, revelando costumes, estereótipos sociais, relações sociais tradicionais numa linguagem também regional poderá redundar em fraca densidade humana da obra ficcional. Porém, a propósito de diversas obras de Aquilino Ribeiro, têm os críticos feito outras leituras: afirma António Augusto Fernandes que «Sendo dos escritores mais vincadamente regionalistas e dos menos permeáveis a influências exógenas, é, simultaneamente, dos mais universalistas, porque soube descobrir na personagem arrancada aos penhascos descarnados das Beiras as

perspectivas universais do ser homem.»⁷⁵; concluiu Maria Alzira Seixo, reportando-se a *O Homem que matou o Diabo* «Porque, de tudo isto, descontados os adjectivos e os predicados, as histórias e as impotências, o que fica é de novo o princípio de tudo: o Homem.»⁷⁶, entre vários exemplos que poderiam ser aduzidos e que sublinham a dimensão humana da sua obra.

Retomando *Andam Faunos pelos Bosques*, deparamos com o cenário beirão, essas aldeias incrustadas na Nave de cujos picotos se observam, recortadas no horizonte, as elevações das serras circundantes. Descrita na sua fauna e flora, a serra não é apenas espaço geográfico; animada, é personagem e, também, espaço simbólico: como Baltasar revela a Jirigodes, na sua projecção para o firmamento contacta com a divindade, assim constituindo espaço privilegiado de espiritualidade e de revelação (recorde-se que Maria da Encarnação ouviu vozes que a conduziram à serra e de lá trouxe o testemunho do anjo). Espaço de vida, não tolerando a morte, é favorável à fecundação e acolhe a colónia recentemente fundada, novo Éden na paisagem serrana, *terra prometida* para os desprezados dos lugares. Determina a terra as actividades das suas populações marcadas pela ruralidade, todavia, não se observam ofícios tradicionais, costumes, registos linguísticos ou figuras típicas marcadamente regionais, posto que o louco Baltasar, embora particularmente devedor da serra, é ser de excepção, não regional. Arauto de nova era a implantar mercê da intervenção de uma entidade regeneradora, Baltasar equipara-se a Zaratustra, revelando a influência de Nietzsche. Ambos contrapõem à imagem de uma humanidade decaída, a imagem de uma humanidade regenerada e se na sua parábola Baltasar alude à purificação da água da fonte, corrompida pelos culpados da degeneração, Zaratustra anuncia um outro espaço «Que importa o país dos nossos pais? Foi para o país dos nossos filhos que fizemos rumo. É para ele que se lança o nosso impetuoso desejo, o nosso desejo imenso, mais tempestuoso do que o mar.»⁷⁷.

No âmbito das relações retratadas, no que diz respeito às relações familiares, destaca-se a supremacia do chefe de família, como marido e pai, salientando-se na economia narrativa o exercício do poder paternal sobre as filhas. Quanto às relações sociais, esbatidos muitos

⁷⁵ António Augusto Fernandes, «O Malhadinhas – História de um Velho Almocreve de Barrelas», *Cadernos Aquilinos* nº 3, p. 59.

⁷⁶ Maria Alzira Seixo, *A Palavra do Romance*, p. 159.

⁷⁷ Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra*, p. 247.

contornos da diferença entre ricos e pobres, proprietários e jornaleiros, ressaltam momentos de convivialidade, de congregação comunitária em situação de perigo ou de conjugação de esforços, como exemplifica o episódio da caçada. Neste contexto, é notória a pujança do poder religioso, imperando sobre abastados e pobres, orientando religiosamente e impondo-se pelo saber que lhe era imputado, sobrepondo-se mesmo ao poder civil instituído, representado na figura dos regedores. Mundividência rural? Estamos em crer que sim, num enlaçar de crenças ancestrais com a ideologia religiosa, firmada na valorização da terra e da mulher, explorando as suas fertilidades, embora a narrativa encene o desabar deste padrão ideológico por via da acção feminina que liberta a mulher do tradicional usufruto da sua pessoa. Um misto de erotismo e misticismo impulsiona as jovens serranas, encaminhando-as para o Papa-moças/anjo e subtraindo-as aos poderes que as espartilhavam, assim contornando as coordenadas éticas enraizadas. Destes encontros, impulsos para a procriação à luz da filosofia de Schopenhauer que, em *Metafísica do Amor* considera o homem guiado pelo instinto, em conformidade com o interesse da espécie, em virtude de «Dessa forma o génio da espécie, em todos os que são capazes de procriação, medita sobre a geração vindoura, cuja constituição é a grande obra com que se ocupa Cupido»⁷⁸, nascerão os «Gordos, róseos e saudáveis pimpolhos» (Aquilino Ribeiro, 1962: 182), primeiros frutos da nova geração. Juntamente com a colónia em construção, esta geração, nascida da relação entre as jovens e saudáveis serranas e o Papa-moças/anjo, testemunha a regeneração operada, inaugurando nova ordem religiosa, moral e social.

⁷⁸ <http://www.scribd.com/doc/3864539/SCHOPENHAUER-Arthur-Metafisica-do-Amor> acedido em 08-05-2009.

CONCLUSÃO

Defende padre Moura Seco, ao rematar a assembleia eclesiástica ocorrida em Viseu, que «O que se tem passado na serra outra coisa não é senão a tragicomédia da proliferação; o seu herói o génio da espécie, desdobrado nos infalíveis faunos e demónios.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 312) e acrescenta «A harpa eólica de Eros vibra em todos os tons por esses mundos além, tanto entre rústicos como civilizados.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 313), assim dissolvendo os contornos maravilhosos conferidos ao acontecido e extrapolando as fronteiras geográficas em que se confinava. Articula-se o conteúdo desta intervenção com as palavras do autor no prefácio, onde classifica o livro como uma fábula e identifica a sua personagem central com o «génio da espécie». O esclarecimento ao leitor - «Quero ainda dizer ao pio leitor – só a esse – que, melhor que romance, este livro é uma fábula.» (Aquilino Ribeiro, 1962: 12) – autoriza a convocação do tradicional conceito de fábula, género literário que, sob o véu da ficção, está atento às injustiças, sendo arma poderosa na crítica a indivíduos e instituições.

Um véu maravilhoso envolve, de facto, a leitura que alguns serranos e eclesiásticos fazem dos acontecimentos, justificando a apreciação de Óscar Lopes ao apontar, entre outros, como traço da narrativa aquiliniana a «Efabulação mitificante mas significado realista.»⁷⁹, pois o que acontece sob o véu da fantasia encena alterações de alcance religioso, moral e social. O «Sopro de loucura que vai dobrando o canavial secular das ideias e dos bons costumes» (Aquilino Ribeiro, 1962: 12), conforme o autor anuncia no prefácio, atinge as aldeias montesinhas, microcosmos onde é encenada a regeneração, e as andanças relatadas, embora protagonizadas por rudes serranos, trilham os caminhos da mudança, contra o imobilismo dos dogmas, visando um espaço de feição mais humana.

⁷⁹ Óscar Lopes, *Ler e Depois*, p. 306.

Na confluência do fundo mítico com o ideário religioso, a representação do mundo rural nos seus episódios encena, assim, na conciliação entre regionalismo e universalismo, a emergência de uma sociedade de recorte mais humano.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Henrique, *Aquilino Ribeiro e a Crítica*, Porto, Edições Asa, 1993.

ALMEIDA, Henrique, *Aquilino Ribeiro: Entre Jornalismo e Literatura – Conformação e Canonização da Escrita Aquiliniana*, dissertação de doutoramento, Viseu, 2001.

ALMEIDA, Henrique, *Aquilino Ribeiro: O Fascínio e a Escrita da Terra*, Vila Nova de Paiva, Câmara Municipal, 2003.

ALMEIDA, Henrique, *Glossário Aquiliniano: Introdução ao Estudo da Linguagem de um “Escritor Regionalista”*, Viseu, Centro de Estudos Aquilino Ribeiro, 1988.

BARREIRA, Cecília, *História das Nossas Avós (Retrato da Burguesa em Lisboa 1890 – 1930)*, Lisboa, Edições Colibri, 1994.

CADERNOS AQUILINIANOS, 5, Viseu, Centro de Estudos Aquilino Ribeiro, 1997, pp. 193-203.

CAMILO, João, «À Procura da Pureza Original? Uma Leitura de *Terras do Demo*, Romance de Aquilino Ribeiro», Paris, Arquivos do Centro Cultural Português, XVI, 1979, pp. 543-572.

COELHO, Nelly Novaes, *Aquilino Ribeiro – Jardim das Tormentas: Génese da Ficção Aquiliniana*, São Paulo, Edições Quíron, 1973.

COELHO, Nelly Novaes, *Escritores Portugueses*, São Paulo, Edições Quíron, 1973.

COLÓQUIO-LETRAS, Nº 85, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

COLÓQUIO-LETRAS, Nº 115-116, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

CUNHA, Celso e Luís F. Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1984.

FERNANDES, António Augusto, «O Malhadinhas – História de um Velho Almocreve de Barrelas», *Cadernos Aquilinos*, 3, Viseu, Centro de Estudos Aquilino Ribeiro, 1996, pp. 59-87.

FRANÇA, José Augusto, *Os Anos Vinte em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1992.

GOMES, Elviro da Rocha, *Glossário Sucinto para Melhor Compreensão de Aquilino Ribeiro*, Porto, Porto Editora, 1960.

LOPES, Óscar, *Cinco Personalidades Literárias*, Porto, ed. do autor, 1961.

LOPES, Óscar, *Entre Fialho e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea, I*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987.

LOPES, Óscar, *Cifras do Tempo*, Lisboa, Caminho, 1990.

LOPES, Óscar, *Ler e Depois*, Porto, Editorial Inova, 1970.

LOPES, Óscar, *Modo de Ler*, Porto, Editorial Inova, 1969.

LOPES, Óscar, *5 Motivos de Meditação*, Porto, Campo das Letras, 1999.

LOURENÇO, Eduardo, *O Canto do Signo. Existência e Literatura*, Lisboa, Editorial Presença, 1994.

MARTINS, Serafina, *Saber Viver para Saber Morrer: A Imagem Ficcional do Amor em Aquilino Ribeiro*, dissertação de doutoramento, Lisboa, 1999.

MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*, vol. 6, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992.

MENDES, Manuel, *Aquilino Ribeiro – A Obra e o Homem*, Lisboa, Arcádia, 1977.

MOURÃO-FERREIRA, David, *Sob o Mesmo Tecto. Estudos sobre Autores de Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, 1989.

NIETZSCHE, Frederico, *Assim Falava Zaratustra*, 14ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 2007.

REIS, Carlos e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, 4ª ed., Coimbra, Livraria Almedina, 1994.

RIBEIRO, Aquilino, *Abóboras no Telhado*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1963.

RIBEIRO, Aquilino, *Andam Faunos pelos Bosques*, Livraria Bertrand, 1962.

RIBEIRO, Aquilino, *Filhas de Babilónia*, Paris - Lisboa, Livraria Aillaud e Bertrand, 1920.

RIBEIRO, Aquilino, *O Servo de Deus e a Casa Roubada*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1967.

RIBEIRO, Aquilino, *O Homem da Nave: Serranos, Caçadores e Fauna Vária*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1968.

RIBEIRO, Aquilino, *Um Escritor Confessa-se*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1974.

RIBEIRO, Aquilino, *Lápides Partidas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2008.

RIBEIRO, Aquilino, *Terras do Demo*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1983.

RIBEIRO, Aquilino, *Volfrâmio*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1960.

RODRIGUES, Urbano Tavares, *A Horas e Desoras*, Lisboa, Edições Colibri, 1993.

RODRIGUES, Urbano Tavares, s.d., «Aquilino Ribeiro e a Integração do Homem na Natureza», *O Tema da Morte*, Coimbra, Centelha.

SEGRE, Cesare, *Introdução à Análise do Texto Literário*, Lisboa, Estampa, 1999.

SEIXO, Maria Alzira, *A Palavra do Romance. Ensaios de Genologia e Análise*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986.

SERRÃO, Joel, *Temas de Cultura Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 5ª ed., Coimbra, Livraria Almedina, 1983.

SOUSA, Maria da Graça Frazão Castelo-Branco, *Linguagem Regionalista e Linguagem Popular em Aquilino Ribeiro: O Caso de Aldeia*, dissertação de mestrado, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2005.

VERDELHO, Evelina, *Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/INIC, separata do Boletim de Filologia, tomos XXVI (1980/81) e XXVII (1982).